

**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

César Wiliam Furqui Massoco

**EXISTENCIALISMO E ENSINO DE FILOSOFIA**



ARARAQUARA/ S.P.  
2021

César Wiliam Furqui Massoco

## **EXISTENCIALISMO E ENSINO DE FILOSOFIA**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar.

**Linha de pesquisa:** Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Paula Ramos de Oliveira

ARARAQUARA – S.P.

2021

M419e      Massoco, César Wiliam Furqui  
              Existencialismo e ensino de filosofia / César Wiliam Furqui  
              Massoco. -- Araraquara, 2021  
              122 f.

              Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
              Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
              Orientadora: Paula Ramos de Oliveira

              1. Ensino de filosofia. 2. Educação. 3. Existencialismo. 4.  
              Metodologia. I. Título.

César Wiliam Furqui Massoco

## **EXISTENCIALISMO E ENSINO DE FILOSOFIA**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar.

**Linha de pesquisa:** Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Paula Ramos de Oliveira

Data da defesa: 25/11/2021

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador(a) Prof.<sup>a</sup> Dra. Paula Ramos de Oliveira**

Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia**

Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Jefferson Luis Brentini da Silva**

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

---

**Membro Titular: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ediléia Pereira dos Santos**

Secretaria Municipal de Educação de Araraquara

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Vinícius dos Santos**

Universidade Federal da Bahia – UFBA

**Local:** Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à querida Paula Ramos de Oliveira, minha orientadora, por sua paciência, generosidade, confiança e, sobretudo, profissionalismo na orientação deste trabalho.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP - Araraquara/SP.

Agradeço aos professores doutores Dênis e Jefferson pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Agradeço aos colegas e amigos do doutorado, pelas excelentes discussões durante as aulas e também pelo companheirismo.

Agradeço aos meus anjos e protetores espirituais por sempre me guiarem pelos melhores caminhos e protegerem todas as pessoas que estão à minha volta.

Agradeço à Rafaela, minha esposa, e às minhas filhas Máisa e Laura, que tiveram de ser compreensivas nos momentos em que tive que me dedicar a este trabalho.

Agradeço à tia Eva, que nos deixou este ano e que não está mais entre nós, mas que foi uma pessoa que sempre vibrou com minhas conquistas nos estudos.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, incentivadores de meus estudos.

*“Já o existencialista diz que o covarde se faz covarde, e o herói se faz herói.”*

(SARTRE, 2014a, p. 33)

## Metamorfose Ambulante

Prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes  
Prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Sobre o que é o amor  
Sobre o que eu nem sei quem sou

Hoje eu sou estrela amanhã já se apagou  
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor  
Lhe tenho amor  
Lhe tenho horror  
Lhe faço amor  
Eu sou um ator

É chato chegar a um objetivo num instante  
Eu quero viver essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Sobre o que é o amor  
Sobre o que eu nem sei quem sou

Hoje eu sou estrela amanhã já se apagou  
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor  
Lhe tenho amor  
Lhe tenho horror  
Lhe faço amor  
Eu sou um ator

Eu vou lhes dizer aquilo tido que eu lhes disse antes  
Prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

(Composição de Raul Seixas, 1973)

## RESUMO

Esta pesquisa tem como escopo realizar análises textuais dos posicionamentos/participações dos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental II de um colégio particular da cidade de Jaú-SP acerca dos conceitos de liberdade, de escolha, de angústia e de responsabilidade presentes no existencialismo sartreano por meio de dois fóruns de discussões e verificar se os discentes se distanciaram ou se aproximaram desses conceitos de maneira mais autônoma e crítica em um ambiente virtual. Buscou-se, especificamente, analisar e compreender se o existencialismo ateu sartreano e os referidos conceitos contribuem para o posicionamento mais autônomo e crítico desses discentes. Trouxemos, também, discussões e sugestões apresentadas por alguns pensadores e educadores como Gallo (2000; 2004; 2007; 2010; 2012), Aspis (2004; 2010), Kohan (2000), Oliveira (2004; 2011), Freire (1970; 1983; 1988), Larrosa (2006), Lledó (2009), Savater (2012), Charlot (2005; 2010), Barbero (1999), Nomen (2018). Defende-se que um dos desafios para a Educação é o de buscar e estabelecer um espaço de autoria no ambiente escolar e, neste sentido, compreende-se que o existencialismo tem um campo muito fértil para que possamos refletir a Educação.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia. Educação. Existencialismo. Metodologia.

## ABSTRACT

This research aims to carry out textual analysis of the positions/participations of students in the 8th year of Elementary School II of a private school in the city of Jaú-SP, regarding the concepts presented in Sartrean's existentialism, namely: freedom, choices, anguish and responsibility through two discussion forums, in order to verify if the students distanced themselves from or approached such concepts, in a more autonomous and critical way. Analyzes resulting from two discussion forums have been carried out, with the intention to finding out the approximations and distances in relation to the concepts which have been presented to the students and discussed in the virtual environment. We have sought, specifically, to analyze and understand whether Sartrean's atheist existentialism and its concepts have contributed to a more autonomous and critical position of these students. Discussions and suggestions by some thinkers and educators such as Gallo (2000; 2004; 2007; 2010; 2012), Aspis (2004; 2010), Kohan (2000), Oliveira (2004; 2011), Freire (1970; 1983; 1988), Larrosa (2003), Lledó (2009), s (2012), Charlot (2005; 2010), Barbero (1999), Nomen (2018) have also been presented. It has been argued that one of the challenges for Education is to seek and establish a space for authorship in the school environment and, in this sense, it has been understood that existentialism comprises a very fertile field for us to reflect on Education.

**Keywords:** Teaching of Philosophy. Education. Existentialism. Methodology.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>SEÇÃO 1 – APORTES TEÓRICOS .....</b>	<b>19</b>
<b>SEÇÃO 2 – O(S) EXISTENCIALISMO(S) .....</b>	<b>48</b>
<b>SEÇÃO 3 - ANÁLISE DOS CONTEÚDOS DOS FÓRUMS DE DISCUSSÃO.....</b>	<b>60</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

Licenciado em Letras com habilitação em Português/Inglês/Espanhol e em Filosofia, atuo há vinte e três anos como docente de Língua Espanhola e há sete como professor de Filosofia, todos no Ensino Fundamental II em um colégio privado de Jaú/SP. Também leciono Filosofia e Ética, Filosofia da Educação, entre outras disciplinas na Faculdade FGP na cidade de Pederneiras/SP para os cursos de Administração, Sistemas de Informação e Pedagogia desde 2014, onde também atuo como coordenador do curso de Licenciatura em Pedagogia desde 2019.

Sobre o ensino de Filosofia, acredito que existem poucos materiais voltados para esta área, especificamente à faixa etária referente ao Ensino Fundamental II anos Finais. Já no Ensino Médio, existem algumas apostilas e alguns livros de Filosofia, mas estamos falando de 2.500 anos de história filosófica, portanto se torna difícil abranger toda a Filosofia em um ou poucos livros voltados ao seu ensino. Destarte, minha preocupação e intenção é a de poder contribuir com uma abordagem restrita, porém, distinta para o ensino da disciplina Filosofia.

Foi pensando nesta carência de materiais que surgiu o meu interesse em desenvolver e explorar uma proposta filosófica com a qual eu pudesse trabalhar alguns conceitos filosóficos com meus estudantes, de forma a motivá-los ao filosofar, com autonomia e criticidade e, posteriormente, analisar o desempenho da proposta em si.

No decorrer das aulas no Doutorado foi realizado um levantamento bibliográfico inicial do conhecimento já produzido objetivando conhecer e saber se existem trabalhos referentes a esta proposta para a elaboração do projeto, ou seja, coletar um quadro referencial de produções acadêmicas a respeito do objeto em questão e, para tanto, foram definidas como palavras-chave para busca, na condição de expressão exata, os seguintes termos: Filosofia, ensino de Filosofia, análise textual, análise de conteúdo, interpretação filosófica, fóruns de discussão, Existencialismo, Existencialismo sartreano.

A busca por teses e dissertações foi realizada no banco de resumos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e de Nível Superior (CAPES); a procura por artigos científicos publicados em periódicos utilizou o banco de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e por artigos publicados em eventos da área tomou

por referência informações das diversas edições dos Anais das Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), disponíveis em seu endereço eletrônico. A este levantamento acrescentei também algumas das referências bibliográficas que surgiram como atrativas no decorrer dessas pesquisas com a intenção de fomentar este referencial teórico inicial. No site oficial da ANPED foram feitas várias buscas, porém sem sucesso algum, pois os trabalhos dedicados aos fóruns de discussão eram da área de Letras e da área de Linguística e objetivavam a gramática, a linguagem e os códigos linguísticos e não a análise de conteúdo filosófico.

No que tange aos artigos científicos publicados em alguns dos principais periódicos da área, foram localizadas cinco (05) produções: Gallo e Aspis (2010) que defendem um ensino de Filosofia voltado à prática do pensamento autônomo e criativo, propondo um ensino de filosofia que enxameie saídas, que crie armas de resistências e que seja um espaço de oficina filosófica, de criação. Outro de Gallo (2012; 2004) que defende para que os professores diversifiquem a forma de ensinar e que tenham um olhar heterogêneo ao lidar com seus estudantes no trabalho com eles, aproveitando da especificidade da Filosofia no que diz respeito ao seu caráter multidisciplinar e das formas em que os alunos têm acesso aos seus conceitos filosóficos. Há também o trabalho de Oliveira (2011) que aborda o ensino de Filosofia por meio da escrita e da subjetividade ao se ler textos filosóficos. Todos estes artigos supracitados serão detalhados em momentos oportunos nesta tese.

Além do levantamento do conhecimento já produzido também foram acrescentados outros trabalhos relativos ao tema e de grande importância à produção e elaboração desta tese, na medida em que representam referências teóricas relativas a aspectos essenciais desta pesquisa, como formação, identidade e atuação profissional de professores, conceitos que, de certa forma, estão presentes em autores da corrente existencialista e que estão presentes em parte das discussões e reflexões que os jovens possuem no âmbito de suas questões pessoais. São obras de autores como Lledó (2009), Colette (2009), Mounier (1963), Dussel (2009), entre outros, que são abordadas no item “Apoios Teóricos”.

Quanto às teses e dissertações não foram localizadas produções que abordavam o ensino de filosofia com o foco em fóruns de discussão.

Minha formação e atuação profissional como professor de Filosofia no Ensino Fundamental II e minha especialização em Filosofia e ensino de Filosofia justificam, em parte, o meu interesse em elaborar um trabalho de natureza bibliográfica, de análise documental descritiva, abordando os conceitos filosóficos de *liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade* em Sartre (1987; 2014a), valorizando uma nova forma de ensinar Filosofia por meio de práticas pedagógicas que contribuam para um ensino-aprendizagem significativo. Trata-se de um olhar reflexivo e subjetivo por parte deste pesquisador, favorecendo o interesse do aluno ao ensino de Filosofia, bem como ao filosofar e o trabalho do docente.

Esta pesquisa foi pensada por mim por conta da minha experiência diária no ensino de Filosofia, pois percebo que há poucos materiais desenvolvidos para esta disciplina, principalmente ao público com o qual eu trabalho que é o Ensino Fundamental II anos finais. Penso que o acesso ao conhecimento por meio da Filosofia pode proporcionar significativos aportes aos estudantes em formação, bem como para sua sobrevivência, para o enfrentamento de inúmeras situações em seu cotidiano, para sua autonomia. É incontestável a relevância do conhecimento filosófico na sociedade contemporânea na qual estamos inseridos, todavia, esta mesma sociedade caracteriza-se por uma infodemia que nos é despejada a cada instante pelos mais diversos meios de comunicação. Entretanto, interpretar essas informações e transformá-las em conhecimento requer e faz com que o docente procure novas formas e ferramentas para desempenhar um bom trabalho em sala de aula.

Desta maneira, entendo que a Filosofia pode contribuir muito para a formação autônoma e crítica dos alunos ao se depararem com conceitos filosóficos, sendo mediada por excertos e compilados de obras filosóficas, pela tecnologia e por professores motivados que compreendam que tais propostas elaboradas possam ser colocadas em prática e desenvolvidas à sua maneira.

Defendo que uma pesquisa como esta deva impactar muito favoravelmente à Educação Básica, especificamente, ao Ensino Fundamental II – anos finais, pois ela propõe novas abordagens e um novo paradigma para o ensino de Filosofia que, a meu ver, estão parcos em nossos dias.

Portanto, a **questão central desta pesquisa** é a seguinte: Os conceitos de liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade trabalhados na filosofia

existencialista sartreana, por meio de dois fóruns de discussão, contribuem para que os textos desenvolvidos pelos estudantes se aproximem ou se distanciem dos referidos conceitos?

Partindo desta questão central, acrescentamos outras **questões secundárias**:

1) Como conectar os conceitos de liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade em Sartre, os estudantes e os fóruns de discussão?

2) Como o docente pode conciliar a filosofia existencialista sartreana (os referidos conceitos filosóficos) e fazer uso de fóruns de discussão?

Nosso **objetivo geral** foi analisar e compreender se o existencialismo ateu sartreano e os referidos conceitos, por meio de dois fóruns de discussão, contribuem para o posicionamento mais autônomo e crítico dos discentes.

Quanto aos **objetivos específicos** em questão: Levar cada aluno que participou desse estudo a pensar e a se posicionar de maneira mais autônoma e crítica; Analisar e compreender se o existencialismo ateu sartreano e os referidos conceitos contribuem para a autonomia e a criticidade do aluno; Simular diálogos entre Sartre e parte dos autores que debruçaram nos conceitos supracitados com os educandos e com o meu olhar enquanto pesquisador; Elencar os pontos positivos que façam jus a esta pesquisa, que possam ser exemplos e que contribuam para o trabalho dos professores de filosofia.

Nossa **hipótese** é a de que os fóruns de discussão, apoiados em alguns conceitos do existencialismo sartreano, podem servir de aporte ao ensino de Filosofia em situações teóricas e práticas e que façam sentido à vida dos estudantes, bem como aproximá-los de tais conceitos, favorecendo a argumentação, a criticidade e a autonomia dos estudantes. Por isso entendo que o papel do educador é o de inserir discussões filosóficas no ambiente escolar, utilizando-se de atividades que favoreçam aos estudantes no sentido de que possam encontrar sua própria identidade. A atividade criativa deve ser explorada pelo professor. Ele pode diversificar a maneira de transmitir os conteúdos e conhecimentos, de instigar o estudante a pensar, de contextualizar o conceito filosófico a ser ensinado; levar ideias ou se utilizar das ideias dos próprios alunos etc.

A esse respeito Gallo (2011) nos diz o seguinte:

Se tomamos então a Filosofia como uma atividade criativa, isso significa que ensinar essa disciplina do pensamento não pode ser apenas transmitir conhecimentos e informações. Se a filosofia é atividade de criação, é

necessário convidar a fazer essa atividade, isto é, convidar a pensar filosoficamente. E se pensar filosoficamente significa pensar através de conceitos, então o ensino da Filosofia precisa ser de algum modo, um acesso aos conceitos, uma apreensão dos conceitos produzidos pelos filósofos, mas também um convite à criação de conceitos próprios. Assim, essa noção de Filosofia parece nos proporcionar uma perspectiva do ensino desta disciplina que não seja uma mera transmissão de informações, por um lado, mas por outro, que não seja também uma atividade esvaziada do propriamente filosófico, resolvendo aquela questão que expus anteriormente: ou um “ensino ativo” esvaziado de filosofia ou um ensino cheio de filosofia, mas enciclopédico, esvaziado de atividade. Essa noção nos dá a possibilidade de um ensino da Filosofia que não separa o produto (conceito) do processo do filosofar. Só se aprendem conceitos fazendo o movimento de produzi-los. E só se produzem conceitos se aprendemos as diferentes formas que os filósofos inventaram para o fazer (GALLO, 2011, s/p).

Com o que relata o professor Gallo, nota-se que o a Filosofia deve caminhar paralelamente e, igualmente, em comunhão com a Educação. E como reforço à questão da prática, o mesmo Gallo (2011) relata que:

Tenho investido em duas metodologias distintas. A primeira, pensada para partir do problema e chegar ao conceito, organizo em quatro passos didáticos. Parte-se de uma sensibilização para um determinado tema, passa-se a uma problematização do tema, a uma investigação na história da filosofia em busca de como diferentes filósofos pensaram a questão e que conceitos criaram para, por fim, chegar a uma conceituação, que tanto pode ser refazer o caminho de produção conceitual feito por um determinado filósofo como um processo próprio de criação conceitual. Uma segunda metodologia, tenho denominado “método regressivo”, pois tratar-se-ia de partir do conceito para chegar ao problema. Como o problema filosófico nunca é claro em um texto de filosofia, a atividade seria a de estudar o texto, apreender o conceito ou conceitos criados pelo filósofo para, a partir deles, investigar qual teria sido o problema ou conjunto de problemas que levaram o filósofo a criá-los (GALLO, 2011, s/p).

Sendo assim, desenvolver e travar discussões teóricas relacionadas à Filosofia e pô-las em prática, envolvendo questões referentes ao nosso objeto de pesquisa, acredito que pode trazer contribuições para o ensino de Filosofia. E esse investimento em metodologias distintas, que o professor Gallo (2011) nos traz na citação acima, partindo da sensibilização de um determinado tema escolhido a ser trabalhado, apresentando filósofos com distintas visões e que se debruçaram nesse tema, problematizando-o e como chegaram a conceituá-lo, conduzindo o discente ao processo do filosofar em questões da Filosofia.

Sistematização do levantamento bibliográfico tendo em vista o aprofundamento das leituras sobre:

a) Referencial teórico, tanto referente ao(s) existencialismo(s) e, especificamente, ao

existencialismo sartreano; ao ensino de filosofia e do filosofar; e quanto ao trabalho do professor.

**b) Análise de conteúdo dos fóruns de discussão.**

Na definição do universo da pesquisa tivemos os fóruns de discussão pautados nos conceitos de liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade à luz de Sartre, inseridos nos livros *O ser e o nada* (2014) e *O existencialismo é um humanismo* (1987; 2014).

Nesta pesquisa, por se tratar de uma análise de conteúdo, não poderíamos deixar de pensar em Bardin (1977, p. 45) para nosso trabalho, pois segundo ela, no que se refere à análise documental, “tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação”. Sendo assim, facilita o trabalho do observador ao acesso das informações e dados contidos no objeto a ser observado que, em nosso caso, são os fóruns de discussão. Ou seja, para Bardin (1977, p.46), a análise documental permite que o pesquisador/observador crie, o que ela nomeia, como sendo documento secundário, uma representação do primeiro documento. Desta forma, cabe ao pesquisador/observador fazer sua análise própria que, em nosso caso, foi observar quão próximos ou distantes dos conceitos chegaram os estudantes em suas participações e interações do primeiro ao segundo fórum de discussão. Seria interessante colocarmos aqui o que Bardin (1977) nos quanto as diferenças essenciais neste tipo de abordagem:

- A documentação trabalha com documentos; a análise de conteúdo com mensagens (comunicação).
- A análise documental faz-se, principalmente por classificação-indexação; a análise categorial temática é, entre outras, *uma* das técnicas da análise de conteúdo.
- O objectivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenagem; o da análise de conteúdo, é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem. (BARDIN, 1977, p. 46).

Por conseguinte, Nomen (2018) acredita que a Filosofia trabalhada em grupo é de extrema importância para que a criticidade do jovem estudante se aperfeiçoe. O diálogo entre os estudantes é muito eficaz para que se aproximem do pensamento filosófico (NOMEN, 2018).

En comunidad de investigación, en sociedad, que es como en el fondo aprendemos. Los diferentes puntos de vista, anclados en experiencias diferentes, proporcionan el caldo valioso donde se cuece el pensamiento filosófico. La comunidad de niños hace grupo colaborativo para establecer una visión poliédrica del problema o el tema que ocupa a la clase. Con respeto, sin prejuicios, porque no se trata de defender una posición determinada, sino de considerar lo que se está investigando desde los diferentes ángulos que pueden ofrecer una mirada compleja (NOMEN, 2018, p. 19).

Acreditamos que esse grupo colaborativo tem por objetivo estabelecer uma visão com raízes fortes, com bases sólidas conforme o mencionado por Nomen (2018), que vai ao encontro do que foi proposto para os dois fóruns de discussão aqui em questão, que são o objeto de estudo desta pesquisa de doutoramento.

Sobre a relevância do diálogo, não devemos levantar uma bandeira e defendê-la como se fosse algo universalmente verdadeiro (NOMEN, 2018). A ética deve imperar nesse caso, pois a opinião ou crítica do outro também tem seu valor em um diálogo. A criança tem o dever de poder expressar seus pensamentos, mas sem desrespeitar as ideias dos outros estudantes e argumentando com coerência. Há a necessidade de “que la atención se centre en la validez y la certeza de las ideas y no en quien las pone sobre la mesa. No se trata de relativismo, sino de pluralismo” (NOMEN, 2018, p. 30).

Pensamos que em um ambiente de fórum de discussão devem ser adotadas uma série de medidas que envolvem o respeito, a escuta ativa e o pluralismo, permitindo a todos os alunos o seu momento de expor os seus argumentos. Nomen (2018) também frisa a importância da condução do professor neste tipo de trabalho, pois é a partir dele que os alunos realizarão de forma proeminente as atividades propostas.

El conductor debe saber conducir; no basta que conozca la mecánica y las normas de circulación. ¡Es una evidencia! No basta con que tenga espíritu crítico, porque esto no garantiza saber hacer las preguntas adecuadas, más allá de saber dar las respuestas adecuadas. Por ello padres y educadores deben ejercitarse en esta práctica para que sea efectiva (NOMEN, 2018, p. 30).

Infelizmente não sei se podemos dizer que temos esse tipo de apoio dos pais, mas levar algumas provocações do colégio para casa é algo que pensamos ser válido para a construção de conhecimento. Segundo Nomen (2018), o estudante também deve estar apoiado pelos pais e não somente pelos educadores.

As atividades como as que aqui foram planejadas e, depois, analisadas vão além do próprio conhecimento, da própria apreensão dos conceitos, pois muitos aspectos estão em jogo como por exemplo o respeito, a humildade, a empatia, entre outros.

Además, es evidente que, como consecuencia de compartir opiniones y analizarlas conjuntamente, aprendemos empatía, respeto, tolerancia, y contemplamos la posibilidad del error como eslabón valioso del propio aprendizaje. No en vano Plutarco dijo que el cerebro no es un vaso para llenar, sino una lámpara para encender (NOMEN, 2018, p. 30).

No trabalho filosófico, durante as aulas, deveria haver uma preocupação em construir ou desenvolver uma ideia ou até mesmo um pré-conceito para depois poder elaborar um futuro conceito, infelizmente. Mas como nos acalmam Gallo e Kohan (2000):

[...] o mercado e a mídia ainda não conseguiram apaziguar a insatisfação perante o estado das coisas. Há uma linha comum na origem do filosofar socrático-platônico e o que leva hoje muitas pessoas à filosofia: algo não está bem na ordem social; há um mal-estar e insatisfação diante de nossa vida em sociedade (GALO, KOHAN, 2000, p. 187).

O que nos conforta é que ainda existem pessoas inflamadas pelo espanto filosófico, pessoas que não aceitam as coisas, as notícias, as mais variadas receitas tidas como verdades absolutas. Não queremos que nossos estudantes sejam passivos, que esperem apenas o que professor tem a lhes ensinar; queremos que eles busquem o conhecimento e que de certa forma o produzam também. Essa troca de experiências pode proporcionar muito conhecimento aos estudantes através do desenvolvimento de ações que visam o fortalecimento do pensamento criativo, que pode envolver a todos. Há que romper com certos mitos e verdades passados de geração a geração. E sobre o pensamento criativo, ele

Permite habitar la mente a transitar otras rutas, otros recorridos que los habituales, y servir así como motor de nuevas ideas que después el pensamiento crítico podrá evaluar. Se complementan el uno al otro. Ciertamente, este proyecto conlleva la aparición de un cierto desasosiego en familias y docentes, que ven como los niños van aprendiendo progresivamente a pensar por sí mismos y a poner en cuestión aquellas verdades establecidas que no tienen más fuerza que la de la costumbre o una autoridad malentendida. Parecía que no se podían revisar y aquí aparece la filosofía para hacerlo. Es un aprendizaje de libertad, un apoderamiento de la propia vida, con una actitud de desconfianza intelectual (NOMEN, 2018, p. 31).

Realmente é uma aprendizagem para a liberdade, é um buscar, é um aprender, é um conhecer e é um apreender contínuo. E uma pergunta que muitos fazem é a importância da filosofia e qual sua função ou utilidade; principalmente para as crianças e jovens. A respeito disso,:

Quizás la filosofía amplía el mundo de las preguntas allí donde no llega la ciencia. La ciencia pregunta sobre cómo preservar la salud, pero no sobre si la salud es la condición previa de la alegría, por ejemplo. La filosofía pone en contacto lo grande con lo pequeño, lo finito con lo infinito, el cosmos y el caos, lo relativo con lo absoluto, en una tensión de la razón humana que la afila y la perfecciona (NOMEN, 2018, p. 41).

Nesta pesquisa buscamos uma aproximação entre Filosofia Existencialista e Educação, de maneira a romper com um paradigma de que o ensino-aprendizagem deve seguir um único padrão. E é tentando romper com este paradigma de ensino aprendizagem que nos debruçamos nesta pesquisa. Não queremos um padrão de ensino, mas que a educação seja um padrão para todos os envolvidos, um padrão plural, um padrão que seja mudado a cada momento em que o professor pense que seja a hora de cambiá-lo, um padrão que se transforme em padrões e que não sejam imposições, e sim, diálogos. Segundo Nomen (2018), conversação e debate são ferramentas essenciais para a comunicação social.

Nesse sentido, Lledó (2007), em uma entrevista, diz algo imprescindível com relação à educação dos nossos jovens estudantes. Ele defende o não condicionamento de nossos estudantes, pois se assim o fizermos, quando se tornarem adultos não estarão preparados para solucionar seus problemas:

Y si tú a un niño lo machacas de reflejos condicionados, le dices qué son la verdad, el bien, el mal, etc., de una determinada manera, hay un momento en que, con 25 años, reacciona de esa determinada manera, porque se le ha agrumado la cabeza y ya no es libre. Tiene corrupta la cabeza, tiene corrupta la inteligencia, tiene corrupta la posibilidad, tiene corrupta la libertad (LLEDÓ, 2007, s/p).

O excerto acima é para que reflitamos todos os dias a respeito do que estamos fazendo com a educação de nossos jovens e para que não caiamos mais nos mesmos erros. Ensinar a liberdade aos alunos nos leva a questionar os conteúdos, as disciplinas, os currículos escolares: isso mostra que os paradigmas devem ser reavaliados e ressignificados pontualmente. Alienar a cabeça, a inteligência, a possibilidade e a liberdade dos nossos estudantes é um crime inaceitável, inconcebível.

Nesse sentido procuramos enquanto pesquisadores/observadores fazer uma análise simples e clara do conteúdo inserido nos fóruns sem que houvesse nenhuma tendência por esse (a) ou aquele(a) estudante, pois o que importou foi a maneira com a qual eles(as) se posicionaram diante dos conceitos.

A metodologia utilizada neste trabalho é de natureza documental analítica e descritiva, pois pretendemos analisar o conteúdo inserido em dois fóruns de discussão, relacionando-o com os conceitos de *liberdade*, *escolhas*, *angústia* e *responsabilidade* em Sartre (2014a; 2014b).

Na próxima seção discutiremos acerca dos aportes teóricos, os quais acreditamos serem relevantes para nossa tese, principalmente no que tange à docência e ao ensino de filosofia. Nesta perspectiva, Gallo, Oliveira, Lledó, e outros pensadores contribuíram muito para que esta pesquisa fizesse sentido para a Educação e para o ensino de filosofia. A importância da Educação e de como a utilizamos para que nossos alunos se tornem autônomos e críticos, de certa forma, é muito abordado nessa primeira seção, também.

Escolhemos e trouxemos autores brasileiros e internacionais ao nosso texto, os quais acreditamos que contribuem relevantemente para o que propusemos para nossa pesquisa.

## SEÇÃO 1 – APORTES TEÓRICOS

Uma forma de fazer com que os alunos se tornem mais autônomos e consigam se posicionar diante dos mais variados conceitos é por meio da disciplina de Filosofia. Mas se pensarmos não na disciplina de Filosofia no Ensino Médio, mas no Ensino Fundamental II, tudo muda, pois não há a obrigatoriedade de se oferecer ou ter esta disciplina em sua grade curricular.

Entretanto, a disciplina de Filosofia oferecida no Ensino Fundamental II, ao mesmo tempo em que é um desafio aos professores da área também é um campo fértil para que alguns temas ou conceitos sejam trabalhados sem a obrigatoriedade de se cumprir com o conteúdo de certas apostilas ou materiais didáticos.

Neste sentido, o professor pode desempenhar seu trabalho por meio de projetos sem que a pressa seja sua inimiga, pois ele é o mentor, o criador, o produtor e o reproduzidor de seu material.

O ambiente escolar é o único lugar onde os sujeitos, pertencentes a uma sociedade, se reúnem e passam um longo período da vida, sendo assim a escola não deixa de ser o reflexo da sociedade, sendo então uma instituição que é responsável pela formação dos sujeitos sociais.

A educação é fundamental para a mudança da sociedade, através de ações que visam romper com os preconceitos, ignorância, exploração, desigualdades, abusos, violência etc. Uma de suas finalidades, dentre várias, é estimular e desenvolver nos seus educandos um pensamento crítico, amplo e sólido às novas gerações, despertando assim a humanização.

É neste contexto que a Filosofia precisa ser trabalhada pelos professores e uma das formas para isso é enveredar-se em conceitos existencialistas sartreanos, como forma de despertar a gana dos alunos em buscar caminhos que venham a responder dilemas e questionamentos que vivificam e intensificam suas angústias.

O conhecer ou o adquirir conhecimento por meio da educação é procurar a essência das coisas e nos conduz para o autoconhecer-se, o automonitorar-se e o impor-se com propriedade e com autenticidade, rompendo assim com os esquemas e os preconceitos de nossa sociedade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

Não podemos somente discutir Filosofia, mas colocá-la em prática. Daí a imprescindibilidade de se levar discussões filosóficas ao ambiente escolar, ajudando ou conduzindo seus educandos para que encontrem sua própria identidade.

Por isso que a(s) Filosofia(s) da existência pode(m) contribuir com a educação haja vista que é por meio dela que as pessoas começam a se debruçar sobre suas inquietações, suas angústias, suas crises existenciais e, conseqüentemente, a ver o mundo de outra maneira.

Também acreditamos que levar discussões filosóficas para a prática é uma posição muito interessante e correta, onde há um campo muito fértil e produtivo para que os alunos debatam acerca dos mais variados temas e conceitos filosóficos, fortalecendo assim, sua educação.

Defendemos uma formação crítica/argumentativa que proporcione aos estudantes subsídios para que sua autonomia seja desenvolvida gradativamente, para que possam não apenas contestar por contestar, mas contestar com argumentos sólidos e com base no que venham a defender, pautados em um arcabouço teórico que se sustente. Por isso acreditamos que a filosofia existencialista sartreana nos oferece uma base teórica para desempenharmos um trabalho consistente, coeso e coerente com a proposta metodológica de ajudarmos os estudantes a desenvolverem argumentos ao se posicionarem criticamente e, desta forma, a se aproximarem dos conceitos filosóficos exigidos e analisados nesta pesquisa.

Lledó (2009) é um defensor das mudanças no âmbito educacional:

As estruturas docentes paralisadas, os estereótipos pedagógicos que perpetuam a ineficácia e a ignorância em suas estruturas, engendram um tipo de professor que contradiz o positivo e criador de todo o ensino. Quem ensina se converte, por assim dizer, em uma personagem sem substância, possuidora de conhecimentos que não arraigam em sua vida, que não configuram sua biografia, que não mostram a luta pelo saber e a verdade, na qual parece consistir em qualquer forma, por modesta que seja, de vínculo pedagógico<sup>1</sup> (LLEDÓ, 2009. p. 260-261).

Aqui Lledó (2009) faz uma crítica à educação institucional, que paralisa o professor que também é um provocador e, por conseguinte, é no ambiente escolar que podemos e devemos provocar e desafiar nossos alunos ao querer sempre conhecer mais e mais.

---

<sup>1</sup> Tradução feita por este pesquisador.

A educação deve estar aberta às novas abordagens de ensino-aprendizagem e o professor de Filosofia que também é um educador deve pensar e discutir esta disciplina com teor crítico, levando assim para os ambientes escolares discussões filosóficas e oportunizando momentos cruciais até mesmo no sentido de consolidar a identidade dos seus alunos.

A atenção desses jovens deve ser preenchida com atividades voltadas e contextualizadas ao seu modo de vida enquanto adolescentes que são, mas que não seja de maneira apressada, veloz e com tempo cronometrado. A escola é um local onde deve existir tempo, serenidade e lentidão (DUSSEL, 2009). Essa forma de olhar para o tempo, de certo modo, acaba suprimindo em partes aspectos muito importantes da Filosofia, já que o filosofar demanda calma, serenidade e uma reflexão detida e ímpar, para que se possa enxergar além do óbvio, do que está possivelmente nítido e claro aos olhos dos apressados.

O conhecimento, não necessariamente tem que ser uma definição de algo, mas que este faça sentido e tenha significado aos estudantes, para que, a partir deste ponto, se possa construir diálogos sobre o mesmo e se chegar a algum tipo de conhecimento (ARISTÓTELES, 2006).

Desde que nascemos vivemos em constante interação com as pessoas e os outros entes, gerando assim, percepções e conhecimentos (ANDRADE; CUNHA, 2011). Vemos, desta forma, que o relacional está envolvido nesta interação, e o conhecimento se desenvolve desta maneira. Muitos estudantes que se fecham ou não interagem em sala de aula, veem no fórum de discussão, a possibilidade de serem protagonistas nesse tipo de atividade e, conseqüentemente, no processo ensino-aprendizagem.

O homem é um indivíduo singular, porém necessita do relacionamento com os outros para compreender-se e construir-se como pessoa. Ele tem um papel fundamental no mundo em que vivemos, pois é por meio de seus atos que ele é construído, que também se constitui como ser indispensável e capaz de grandes transformações. Neste sentido, pensamos que a educação ajuda a libertar o estudante na relação com a aprendizagem, aquela deve acontecer no sentido de proporcionar liberdade ao sujeito para que ele seja ativo e responsável, não um escravo ou uma peça bem alimentada da máquina Freire (1970). Enquanto as condições sociais

alimentarem a existência de autômatos, o resultado não será amor pela vida, mas à morte.

Um sujeito ativo e responsável é um sujeito de práxis, de ação e reflexão sobre seu mundo, que não pode ser compreendido fora de suas relações dialéticas, alguém que é sujeito e não objeto (FREIRE, 1983). Nesta crítica fica a concepção da não validade de um processo educativo, onde os opressores não têm o objetivo de permitir ao cidadão o acesso a uma educação cognoscível, e o educando entra num estágio de alienação, o que Freire (1983) chama de anestesia, pois inibe o poder criador do educando, como se vê no excerto abaixo:

Neste sentido, a educação libertadora já não pode ser o ato de depositar, narrar, transferir ou transmitir conhecimentos e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito. É o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador de um lado, educandos de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno de um mesmo objeto cognoscível (FREIRE, 1983, p.9).

O respeito pelo estudante, por sua história, por suas experiências, pelo seu *ethos* faz com que o diálogo entre educador-educando seja produtivo, instigante, desafiador e libertador, pois quem aprende dessa maneira pode ser um fator determinante para a apreensão dos conteúdos e conceitos.

A visão educacional de Freire (qual o ano de referência?), a que liberta o sujeito da condição de alienado, se baseia em três princípios:

1) o homem tem uma vocação ontológica de ser sujeito que age sobre o mundo e o transforma; 2) todo ser humano é capaz de olhar criticamente o mundo num encontro dialógico com outros; 3) dotados de instrumentos adequados o indivíduo se torna consciente de sua própria percepção da realidade para lidar criticamente com ela (LAPA, 2005, p. 93-94).

Nesse contexto, a autora acima comenta que são necessários métodos diferenciados de ensino para despertar a criticidade no sujeito. Para isso, Freire (1988) propõe o método problematizador baseado no diálogo em vez em prol da educação libertária e em detrimento da educação bancária<sup>2</sup>, sendo esta última a responsável, em partes, pela inibição da criatividade e forma estudantes passivos.

---

<sup>2</sup>Educação bancária: a educação bancária pressupõe uma relação vertical entre o educador e o educando. O educador é o sujeito que detém o conhecimento, enquanto o educando é o objeto que recebe o conhecimento, é pensado e segue a prescrição. O Educador “bancário” faz depósitos nos “educandos”, os quais, passivamente, os recebe.

Na proposta de Freire (1988) a comunicação, o lugar de fala e de escuta se concentra no aluno, aumentando assim a sua participação no processo de ensino e aprendizagem. E para a formação crítica do sujeito, são necessárias algumas considerações:

[...] Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde, mas perseverantemente nos dedicar (FREIRE, 1988, p.10).

A relação horizontal propõe a aproximação, a quebra de hierarquia, entre educador e educando no sentido de o aluno não ser somente receptor de um dado conteúdo sistematizado, como também um construtor de significados. Para isso, os alunos devem pronunciar o que cada um entende do mundo, construindo coletivamente o conhecimento.

Para que isso ocorra, deve-se estimular o compartilhamento de ideias, de experiências pessoais e das suas diferenças que enriquecem o processo de ensino e aprendizagem, pois assim o ensino facilmente tenderia a tornar-se ideológico, privilegiando apenas uma percepção de um fato, uma centelha que considerariam como uma única verdade a ser transmitida e assimilada. Quanto mais diferentes são os que convivem num espaço limitado, mais ideias do mundo aí estarão para ser levantadas, cotejadas e, desse modo, tanto mais rico será o debate entre as pessoas que participarem desse momento (LAPA, 2005).

Esse compartilhamento de ideias deve-se basear na reflexão crítica em que são necessários discursos multidirecionais para desvelar as coisas do mundo. Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem seria um espaço de representações no qual consiga produzir um ponto entre a teoria, o conhecimento proposto e a prática, a realidade da vida cotidiana e das coisas do mundo.

Para Freire (ano de publicação), a reflexão crítica não se separa da ação, por isso é essencial a prática social, que ocorre por meio dos pressupostos democráticos e da ação comunicativa em espaços sociais de interação. Tal prática corresponde à ação em um mundo não acabado, que passa por constantes mudanças. Um agir sobre e pela transformação do mundo, uma prática social que construa, a partir do presente, as condições de existência do futuro, pois se aprende a fazer história fazendo e, por essa mesma lógica, a educação não pode pretender ser apolítica (LAPA, 2005).

O movimento dialético entre reflexão e a prática social não tem outro fim senão àquele almejado pelo projeto humanista, que é a ação política dos sujeitos no mundo. Em um processo educativo libertador, o que se pode pretender é que as pessoas se encontrem para a pronúncia do mundo, sobretudo para a sua transformação (LAPA, 2005).

Mas Aranha (2001, p.3) coloca em dúvida se o educador está preparado para levar o seu aluno ao pensar: “[...] os mestres que se propõem a ensinar a pensar saberiam eles próprios bem pensar?” Segundo ela parece que as instituições de educação estão preocupadas mais com a propaganda que com o processo ensino-aprendizagem, em si (ARANHA, 2011, p. 4). Nas linhas abaixo, Aranha (2011) nos abre a um possível caminho:

Chegamos aqui ao ponto principal. Não estaremos ensinando crianças e jovens a pensar, se entendermos por esse procedimento um exercício a partir de reflexões abstratas, já que a reflexão pode estar a serviço da dominação, da exploração, da alienação, do preconceito, da exclusão e da barbárie (ARANHA, 2011, p. 6).

Assim, esquecemos de nossa existência, da preocupação pelo nosso ser, pelo amor que temos uns pelos outros, por meio de valores imprescindíveis para a boa convivência entre as pessoas e para, assim, pensarmos em “dar condições para a *autonomia* e a *emancipação* do educando porque a sociedade propriamente moral e democrática necessita de pessoas capazes de autocrítica constante” (ARANHA, 2011, p. 6). A autonomia e reflexão fazem parte de um processo de convivência e diálogos entre as pessoas (ARANHA, 2011, p. 6).

E sobre uma educação emancipadora ou emancipatória, os estudantes são parte integrante do processo ensino-aprendizagem; o professor que nega este processo assume e defende “a premissa de que os alunos são incapazes de refletir” (OLIVEIRA, 2011, p. 97). O conhecimento deve ser constantemente reelaborado e construído e, por este motivo, “[...] talvez falte a esse tipo de professor ... a capacidade de refletir” (OLIVEIRA, 2011, p. 97). Esta percepção e sensibilidade devem estar presentes no professor, pois este é um caminho para levar o educando a saber pensar.

É um absurdo que nos tempos atuais se invoque “a ‘espontaneidade’ e a ‘criatividade’ da criança diante de qualquer disciplina coercitiva (SAVATER, 2012, p. 30). Ele também acredita e defende que o homem é e se constitui pelo aprendizado.

“[...] esse aprendizado humanizador tem uma característica distintiva que é o mais importante dele. Se o homem fosse apenas um animal que aprende, poderia bastar-lhe aprender a partir de sua própria experiência e do trato das coisas” (SAVATER, 2012, p. 31). Mas, segundo o mesmo pensador, o homem aprende com os outros e é ensinado por eles. Ele acrescenta que o “nosso professor não é o mundo, as coisas, os acontecimentos naturais, nem o conjunto de técnicas e rituais que chamamos de ‘cultura’, mas a vinculação intersubjetiva com outras consciências” (SAVATER, 2012, p. 31). Por isso a importância de que o professor seja capaz de refletir, defendida por Oliveira (ano de publicação) Parafraçando Jerome Bruner, Savater (2012, p. 33) *processar informações não é o mesmo que compreender significados, ou seja,*

A verdadeira educação consiste não só em ensinar a pensar como também em aprender a *pensar sobre o que pensa*, e esse momento de reflexão – o qual mais nitidamente marca nosso salto evolutivo com respeito a outras espécies – exige que se constate nossa pertença a uma comunidade de criaturas pensantes. Tudo pode ser privado e inefável – sensações, pulsões, desejos -, menos aquilo que nos faz partícipes de um universo simbólico e que chamamos de “humanidade” (SAVATER, 2012, p. 33).

E este aprender a pensar sobre o que pensa deve ser bem trabalhado pelo docente, durante as aulas com os seus alunos, para que não se torne algo sem sentido. Temos que trabalhar e desenvolver, de maneira gradativa, alguns elementos do pensamento em nossas crianças, com o objetivo de assegurar-lhes o pensamento crítico (NOUMEN, 2018, p. 23). Nesse sentido,

Saber distinguir entre hechos, opiniones y juicios forma parte de la educación del pensamiento que estamos proponiendo. Los hechos son indiscutibles y proporcionan conocimiento; las opiniones las podemos discutir. Los juicios permiten evaluar la pertinencia y oportunidad de los razonamientos que los avalan y ver si son plausibles. Las opiniones no son hechos probados. Les falta la carga de la prueba, cuando no la del argumento que la eleva a rango de opinión informada. Porque la verdad no es opinable. Puede ser cuestionada por todas las opiniones que se quiera, pero, sin pruebas en contra, lo que se deslegitima es la opinión, no la verdad. Porque, digan lo que digan, una opinión mil veces repetida no se convierte en una verdad probada (NOMEN, 2018, p. 23-24).

Percebe-se no excerto acima que quando o professor se desprende um pouco da educação tradicional e se abre a novos paradigmas de ensino, seu trabalho pode levar o alunado a novos caminhos, a novas descobertas, a novos conhecimentos, a novas formas de pensar, a dar opiniões, a fazer juízos, a discutir, a espantar-se filosoficamente. Com uma proposta como esta, o estudante não se vê desorientado, perdido e sem sentido, mas estimulado a pensar, a refletir, a filosofar.

Weiler (1961) nos presenteia com o seguinte excerto:

O homem afastou-se da natureza; sente-o, sofre e não pode voltar atrás; por maior que seja sua nostalgia, não tornará a ver a idade da inocência – que talvez não fosse a idade de ouro. Achar um ponto de equilíbrio entre as forças que oprimem e aquelas em que nos apoiamos, viver contentes com a sorte, alcançar a paz e a harmonia interior, eis a sabedoria, a que todos aspiram mais ou menos confusamente, com maior ou menos constância. (WEILER, 1961, p. 105).

A natureza da criança deve ser preservada e cabe ao bom educador a tarefa de estimular e criar caminhos para que este educando consiga aproximar-se da criticidade filosófica, nunca esquecendo do espanto filosófico que o acompanha desde sua tenra idade.

Vemos, então, que a criticidade do sujeito não é desenvolvida somente por meio de estímulos, mas com pressupostos e práticas que enaltecem a aproximação entre educadores e educandos, por meio da troca de ideias e de experiências para enriquecer os conhecimentos do grupo; a criticidade jamais deve estar desassociada da prática social e da ação política do sujeito no mundo, pois cada indivíduo deve se responsabilizar e tomar parte do processo de construção de um lugar melhor para se viver.

Vivemos num mundo onde as relações sociais capitalistas nos tornam irracionais contemporâneos (EVANGELISTA, 1992). Esta condição que nos é colocada tem tudo a ver com o capitalismo desenfreado, pois ele nos leva a ter e não a ser. Pouco se lê, pouco se interpreta e pouco se conhece. Não podemos nos apoderar do conhecimento e o filósofo que se apodera do conhecimento não pode ser considerado como tal. Ele deve ser altero e transmitir o que sabe aos outros e deve se sentir feliz com o feito, com a conquista do outro (HABERMAS, 1982). Neste sentido, o “conhecimento não é nem mero instrumento de adaptação de um organismo a um circum-ambiente em alteração, nem ato momentâneo de um puro ser racional e, como contemplação, subtraído às conexões da vida enquanto tal” (HABERMAS, 1982, p. 218).

Mas nesse mundo capitalista, poucos detêm o conhecimento e poucos o buscam. Muitas pessoas são levadas a pensar que existe alguém que pensa e que o faz por elas, assim se acomodam e não produzem conhecimento, terceirizando-o.

A proposta do ensino da Filosofia tem um interesse pelo social, pela condição humana. Pensamos que existem muitas perspectivas humanas a serem vistas,

visitadas, valorizadas e potencializadas pelos educadores. A reflexão começa pelos docentes e essa sondagem e seleção de temas deveriam ser a parte principal para o bom preparo das aulas, para saber o que levar à sala de aula e como ser transmitido, discutido, refletido e praticado com os estudantes. Nesse sentido, o homem deve ser visto em sua totalidade: sábio e louco, trabalhador e lúdico, empírico e imaginário, economista e consumista, prosaico e poético. O século XXI deve ver o homem por inteiro, com suas distintas formas, uma via nova para a reflexão sobre o problema na nossa educação (MORIN, 2003).

Muitos educadores se preocupam com o rumo da produção científica e educacional atual e que ela influi na realidade escolar. Isso tem a ver com a produção do conhecimento e para quem essa produção irá servir. Com a volta do ensino de Filosofia nas escolas, o espírito de criticidade, de reflexão, de questionamento e de espanto passou a lograr nesses lugares, sendo que a Filosofia tem um papel mediador entre educação e aluno. O lado humano volta a ser abordado, a interpretação do mundo e das coisas volta a ter vida. Filosoficamente, a interdisciplinaridade que Morin (2003) tanto enfatiza tem um papel importantíssimo em nossa educação se for trabalhada de maneira correta. As conversas interdisciplinares e transdisciplinares têm uma força filosófica imensurável, claro, se levadas a sério pelos profissionais da educação e não se tornarem meros modismos.

Se falássemos sobre a proposta do ensino da Filosofia com mais profundidade, não terminaríamos esse trabalho ou discussão, pois há ainda muito que se falar e fazer, no entanto, vale salientar que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)<sup>3</sup>, as competências e habilidades a serem desenvolvidas em Filosofia são representação e comunicação; investigação e compreensão; contextualização sociocultural, ou seja, há de se ler e elaborar textos filosóficos, articular conhecimentos filosóficos específica, pessoal e socialmente falando com a política, história, cultura e o horizonte da sociedade científico-tecnológico.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as aprendizagens essenciais nela definidas têm o dever de “concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais que consubstanciam no âmbito

---

<sup>3</sup> Um conjunto de documentos que integram a grade curricular de uma instituição educativa. Serve para nortear as atividades de cada disciplina em sala de aula, bem como adaptar conteúdos a cada lugar voltada àquela sociedade, em particular.

pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento” (BRASIL, 2017, p. 07). A definição de competência na BNCC é a de mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores e, assim, solucionar complexas demandas do cotidiano e do completo exercício da cidadania, como também, do mundo laboral. Desta forma, tais competências devem ser trabalhadas na educação (BRASIL, 2017).

Partindo do pressuposto dos gregos antigos – o ser humano adapta-se à vida, respondendo à pergunta quem sou eu?, fazendo alusão ao conhecer-se a si mesmo de Sócrates e com o pensamento aristotélico em busca das nossas escolhas – pensamos que a oitava competência da BNCC (BRASIL, 2017, p. 8), que diz respeito ao autoconhecimento e ao autocuidado, corrobora com este pensamento piagetiano.

Outro ponto interessante que cabe aqui neste contexto é quando Piaget (1998), em uma conferência no ano de 1947, sob o título *O desenvolvimento moral do adolescente em dois tipos de sociedade: sociedade primitiva e sociedade moderna*, além de falar acerca do ensino da história com relação ao ensino internacional, diz que:

O problema da educação internacional é, portanto, essencialmente o de **direcionar o adolescente não para as soluções prontas, mas para um método que lhe permita construí-las por conta própria** (PIAGET, 1988, p. 166, **grifo nosso**).

Ele também acrescenta que:

[...] a formação humana dos indivíduos é prejudicada quando as verdades, que poderiam descobrir sozinhos, lhes são impostas de fora, mesmo que sejam evidentes ou matemáticas: nós os privamos de um método de pesquisa que lhes teria sido bem mais útil para a vida que o conhecimento corresponde (PIAGET, 1998, p. 166).

Deste modo, levar o estudante às novas descobertas é de extrema relevância para sua formação acadêmica e pessoal, pois aprenderiam desde cedo a não se sujeitarem ao conhecimento que já lhes é entregue pronto sem que passe pelo crivo da dúvida.

O que nos chama à atenção para o nosso contexto educacional é que as quatro últimas competências da BNCC (BRASIL, 2017, p. 7-8), a saber, (argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania), pois ao direcionarmos o aluno para um método que lhe permita construir soluções por si, existe uma preocupação que está contida nas competências em

questão. Quando se trata de autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, não devemos direcionar o aluno às soluções prontas, mas oferecendo-lhes escolhas para os melhores caminhos.

Se estamos discutindo a Filosofia no contexto educacional, segundo o exposto nos PCNs (BRASIL, 2008) e com a homologação da BNCC (BRASIL, 2017), temos a obrigação de compreender as competências nela inseridas; pois há Filosofia em todas elas. O que percebemos é que a Filosofia deverá ser trabalhada nas, com e entre as disciplinas do currículo escolar, mas a nossa preocupação está na competência de professores que trabalharão os seus mais variados conceitos filosóficos e como irão fazê-lo, pois nem todos são licenciados em Filosofia. Esta é uma discussão que deveremos travar, já que o que se espera é que tais competências sejam trabalhadas efetivamente pelos docentes e absorvidas pelos educandos.

É importante considerarmos que as competências que estão na BNCC (BRASIL, 2017) e aqui analisadas sejam interessantes e convenientes ao ambiente escolar e à formação integral dos educandos, porém, pensamos tratar de competências e habilidades difíceis de serem trabalhadas no dia a dia pelos professores e pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o ensino formal.

Na História da Educação brasileira, podemos compreender que a Educação, em si, nunca foi utilizada para ser libertadora, conscientizadora, ou como possibilidade efetiva para inserirmos socialmente nossos estudantes. E pela ótica da legislação, por ela controlar ações predeterminadas de acordo com os princípios de uma sociedade, e pensando nas reformas educacionais no Brasil, elas:

[...] ocorreram mediante as crises nacionais e internacionais do sistema capitalista. Com isso a educação, em muitos momentos, foi relegada a segundo plano pelos dirigentes políticos. Dificilmente se pensou em democratizar o ensino, torná-lo acessível à classe menos favorecida economicamente e, sobretudo, priorizar a qualidade do mesmo, por questão ideológica, visto que a educação sempre esteve a serviço de um modelo econômico de natureza concentradora de rendas e socialmente excludente. (PIANA, 2009, p.67).

Vemos na citação de Piana (2009) que a educação sempre foi alvo de política e principalmente dos políticos, da mesma maneira que ela não serviu para incluir socialmente e tampouco a ajudar os estudantes a ascender-se economicamente. Nesta mesma citação vemos que a democracia na educação deixa de existir, pois os interesses político e econômico são prioridades.

Sendo assim, devido à urgência de uma democratização no ensino, urge uma proposta efetiva de mudanças para os anos finais da Educação Básica, o Ensino Médio, com seu público alvo sendo alunos entre 15 e 17 anos de idade. Pensando em uma educação emancipatória, somente por meio de uma formação crítica e argumentativa e autônoma é que esses alunos podem compreender conscientemente seu papel no mundo, mas a BNCC está longe de ser democrática e faz com que a Filosofia não tenha um papel de protagonismo na vida dos estudantes que, segundo Barbosa (2019), este saber foi colocado como secundário ou sem importância.

Desta forma, toda esta pesquisa realizada nesta nossa tese, pode evidenciar a importância que a Filosofia tem na vida dos estudantes, principalmente por seu público alvo que é o Ensino Fundamental II, setor em que a Filosofia dificilmente terá acesso, a não ser por gestores que defendem realmente uma educação de qualidade e verdadeiramente emancipatória.

Infelizmente percebemos novamente um interesse político e econômico, diferente de se pensar uma Educação de qualidade e voltada inteiramente ao futuro de qualidade de nossos alunos. Sobre este assunto, Mezários (2005) nos diz que nos últimos cento e cinquenta anos, a educação institucionalizada simplesmente formou pessoas com conhecimentos voltados a produção e à expansão do capitalismo, e além disso, também gerou e transmitiu “um quadro de valores que legitima os interesses dominantes” (MEZÁRIOS, 2005, p. 36).

Vemos aqui que a educação pensada na formação humanizadora, crítica, autônoma e consciente de seus valores não atende os interesses da política que trabalha para o capitalismo e para a economia, ou seja, para a classe dominante.

Na BNCC, segundo Barbosa,:

[...] intui-se que a Filosofia pode indefinidamente ser classificada como componente curricular ou de uma maneira reducionista, como um conteúdo transversal a ser abordado nas demais disciplinas do currículo, não havendo impedimentos legais para segundo caso (BARBOSA, 2019, p. 455-456).

O que é preocupante, pois após tanta luta para fazer com que a Filosofia voltasse ao seu lugar por sua devida importância, na BNCC ela tem seu protagonismo apagado, sendo colocada como “itinerários formativos”<sup>4</sup>.

Vê-se, portanto, que documentos norteadores tão importantes como esse, precisariam ser democráticos, críticos e, mesmo assim, na prática, ganham vida própria.

A fim de estabelecer uma contraposição diante dessa situação, abaixo discorreremos acerca dessa questão calcados em Larrosa (2006) e Ortega y Gasset (2000). pós a leitura de tais obras a primeira percepção é de que ambos se conectam e mantêm um diálogo muito próximo. O estudante se vê angustiado diante do vazio que é o estudo naquele momento, pois o estudo não está totalmente em suas mãos, não está controlado, não está sob seu domínio total e, talvez, nunca o esteja. O estudo para o estudante é um enigma a ser solucionado, bem como o tempo. O estudo tem um tempo determinado para este ou aquele estudante, para um determinado objeto de estudo, sendo o tempo, a disponibilidade e o momento para se estudar Filosofia, Sociologia, Psicologia, Matemática, Ciências ou outra disciplina talvez não sejam o mesmo para todos os estudantes.

O estudante permanece à deriva, à margem da realidade ou do que se diz mundano. Ele é um extraterrestre em seu próprio mundo, um visitante em sua própria casa. O estudante deve buscar a sua autenticidade, isto é, ser autêntico no sentido de ser capaz de fazer suas próprias sínteses, criar suas próprias ideias e os seus próprios conceitos.

Se tudo está decifrado, não há mais o que ser feito. Percebe-se que toda a escrita está inacessível ao estudante, pois já vem como obra discutida, avaliada e acabada, ou seja, não sobra nada para que o estudante tente dialogar com a mesma. Os livros, neste sentido, são intransponíveis e não estão abertos ao diálogo. Não há aberturas para uma conversação entre autor e estudante, pois as perguntas e respostas já foram escritas ali naquela obra.

---

<sup>4</sup> Parte flexível do currículo do Novo Ensino Médio, que dá aos estudantes o poder de escolha, de acordo com seus interesses, objetivos e aptidões. Os itinerários pretendem aprofundar e ampliar aprendizagens em uma área do conhecimento determinada, sendo aplicada em vários contextos. Os itinerários estão divididos em quatro áreas de conhecimento, a saber, Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (lugar onde se encontra a Filosofia).

A passagem sobre o sábio (LARROSSA, 2006) nos instiga, enquanto estudantes, a buscarmos a fumaça de todas as obras com as quais vamos trabalhar. Devemos nos comportar como crianças que se sentem num profundo vazio e que, a todo momento, perguntam para que conheçam e descubram o sentido das coisas e do como devemos nos comportar diante das mais variadas situações. O estudante deve se utilizar da pureza infantil que está dentro dele, mais precisamente, é conveniente que ele se puerilize, que tenha uma postura de espanto filosófico, aquele que nos impulsiona ao enigmático, que nos inquieta frente ao desconhecido.

O real estudante é um autêntico crítico e o estudar é uma necessidade interna, algo que lhe é intrínseco e não que lhe é imposto, pois se assim o fosse, seria uma falsidade. Sendo assim, é preciso que o estudante se aproprie de cada pergunta para compreender as respostas. É necessário despertar no educando a necessidade de se conhecer para, deste modo, consolidar, compreender e reconhecer a sua visão de mundo, (ORTEGA Y GASSET, 2000).

A intenção de trazermos para este texto reflexões acerca do estudante e do estudar é devido ao cuidado que devemos ter com a formação integral do aluno, um cuidado que nós enquanto professores e educadores devemos ter ao lidarmos com os nossos alunos, sugerindo caminhos e possibilidades que favoreçam o seu projeto de vida e que, assim, obtenham o maior potencial possível nos estudos, sem que houvesse um manual de como se estudar para esta ou aquela disciplina. O mesmo cuidado que devemos ter com os alunos da educação básica também deve ser dado aos estudantes do ensino superior, em suas devidas proporções, pois já são adultos. Pensamos que nós, profissionais da educação, devemos estar atentos com relação a qualquer que seja nosso público e, igualmente, com a sua formação.

No caso da Educação, temos que lembrar que hoje, mais do que nunca, a escola nos seus diferentes níveis é instada a assumir um papel mais amplo que o do ensinar e do aprender para atender às demandas que os próprios problemas sociais impõem. Assim, para além do âmbito tradicional do conhecimento das letras, dos números e do mundo físico e social, a escola é chamada para um papel mais ativo na formação geral do educando, o que envolve aquisição de novos conhecimentos que devem incluir, também, mudança de atitudes, valores e formas de convivência (DEL PRETTE; DEL PRETTE; 2006, p. 100).

Lutar contra o preconceito também é uma responsabilidade da escola, afinal trata-se de educação, mas isso não deve acontecer pelo moralismo ou pela adesão ao politicamente correto, pois o eixo desse trabalho deve ser o conhecimento e a construção de relações justas, solidárias e respeitadas no ambiente público (SAYÃO, 2010, s/n).

E sobre a educação, existe nela e sobre ela o peso do amor e o da responsabilidade pelo mundo, pois não podemos nem devemos deixar nossos alunos à deriva, sem base, sem apoio, pois somos responsáveis por sua formação educativa e seus guias acadêmicos, sendo que a renovação da educação se faz urgente e necessária. Para Arendt (1972):

A educação é assim, o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens. A educação é também o lugar em que se decide se se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando-as entregues a si próprias, para não lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, qualquer coisa que não tínhamos previsto, para, ao invés, antecipadamente as preparar para a tarefa de renovação de um mundo comum (ARENDE, 1972, p. 247).

Vemos na citação dela que devemos cuidar das nossas crianças e jovens estudantes e, igualmente, devemos também refletir sobre a responsabilidade que temos por eles, que é imensa e necessária, pois somos nós que os formamos.

E pensando agora numa renovação, a Filosofia e o filosofar desempenham um papel relevante nesse cenário exposto aqui. Trata-se de um embate relevante acerca da Filosofia que está entre ensinar os saberes filosóficos ou o filosofar. Parece que estamos diante de algo muito simples, porém não se trata de uma simples compreensão.

Ao se tratar do ensino de Filosofia nas escolas, percebe-se que normalmente há uma tendência por parte dos professores, ao ensinamento de sua história. Também há professores que preferem preparar suas aulas partindo de alguns conceitos eleitos por eles e desenvolver as suas aulas, discutindo-os e debatendo-os com seus estudantes.

Seria interessante pensarmos em qual seria o ponto de partida ideal para a Filosofia ou para o filosofar. Talvez pelo espanto filosófico, o *thaumázein*<sup>5</sup> grego, que

---

<sup>5</sup> O assombro, a admiração, o impulso para o filosofar.

segundo Gallo e Kohan (2000, p 186), tal afirmação consta nos diversos manuais de Filosofia para o Ensino Médio. Essa tradição vem de muitos anos “[...] e se remete, pelo menos, ao *Teeteto* de Platão e à *Metafísica* de Aristóteles” (GALLO; KOHAN, 2000, p. 186).

A Filosofia deve ser pensada como um ato revolucionário, como a busca pelo conhecer o que é desconhecido, como espanto, como o despertar para o saber. A Filosofia traz consigo o incômodo: algo que nos tira da acomodação, que nos desaloja, que coloca em dúvida até mesmo aquilo que consideramos como algo naturalizado, tido normal, algo que nos leva, de certo modo, a buscar caminhos, possibilidades e perspectivas distintas. Mas é a partir desse espanto filosófico que damos os primeiros passos ao filosofar, pois questionamos, indagamos, não nos damos por satisfeitos com qualquer resposta dada. Desempenhamos um exercício crítico, uma fuga do senso comum. Como diz Oliveira (2004):

[...] a filosofia traz consigo dois movimentos em um único: desacomoda o que estava acomodado para mostrar que nela não existe possibilidade de comodismo; e quando assim o faz, nos mostra a possibilidade de compreendermos a fecundidade de abandonar nossas certezas, de vivermos com certa tranquilidade à desacomodação que ela provoca (OLIVEIRA, 2004, p.12).

O exercício do filosofar é um processo de alta complexidade, é parte da transição do senso comum para o senso crítico; do preconceito para o pré-conceito. Nesse processo não achamos, nós pensamos sistematicamente, mas também nos deixamos levar pela beleza do desconhecido que está para ser desvelado do devir. Um exercício que nos leva às extremidades do pensamento, que nos alegra e ao mesmo tempo nos entristece; que nos inspira e, igualmente, nos leva a sensação de termos a falta de criatividade; o dualismo próprio do processo chamado filosofar. E refletindo sobre a Filosofia, ela:

[...] nos arrebatam para um processo que inclui, necessariamente, a própria complexidade de vivermos em processo. Eis um dos principais motivos pelo qual a filosofia gera sensações extremadas de atração ou repulsão e, muitas vezes, sentimos ambas com a mesma força (OLIVEIRA, 2004, p.12).

De certa maneira, somos seres em desenvolvimento, mas que também nos acomodamos e nos adaptamos às situações mais tranquilas e cômodas. É muito mais fácil vivermos sem pressões externas e, principalmente internas, pois estas não nos deixam em paz, estão sempre nos cobrando por trabalho, por resultados. Sim, nossa

consciência nos cobra incessantemente que desempenhemos o exercício reflexivo e que filosofemos.

Quem se preocupa com e quem se dedica à educação convive com as pressões mencionadas acima, pois somos educadores e formadores de opiniões. Sendo assim, não podemos esquecer que também somos seres em formação, em desenvolvimento. Aprendemos a cada dia e nós nos abrimos diariamente ao conhecimento; rompemos com todo tipo de amarras, nos desafiamos ao conhecer o desconhecido. “Tanto a filosofia como a arte busca a ruptura e o novo; é um modo de buscar um sentido que se encontra na exterioridade e no desconhecido” (OLIVEIRA, 2004, p.13).

Não podemos deixar que nossos estudantes se acomodem e se tornem adultos brutos, sem a sede do conhecimento, sem o espanto filosófico, sem o despertar para o saber. Quando adultos, há a tendência de nos acomodarmos, de nos distanciarmos da curiosidade infantil; somos presas fáceis para a massificação, a reificação e alienação, sujeitos vulneráveis lançados ao mundo real, como ao *dasein*<sup>6</sup> de Heidegger, “o ser-aí” lançado ao mundo e sem saber o porquê está nele (2014b). De certa forma, quando adultos, vivemos uma vida inautêntica, talvez por preguiça ou por falta de coragem, como diz Kant (1985) e, conforme o exposto nessa obra, não queremos nos tornar autônomos, pois a busca pela autonomia se torna penosa para muitos de nós adultos. O que mais chega a incomodar é o comodismo ou a incapacidade de nos espantarmos diante das coisas, das atitudes dos seres humanos, diante dos mais variados problemas e obstáculos com os quais nos deparamos.

A ideia de apenas reproduzirmos conhecimento nos incomoda como educadores que somos. Não podemos aceitar que em um ambiente escolar o professor não dialogue com seus alunos e que tampouco os alunos não dialoguem entre si. Esse espaço deve dar lugar à produção de conhecimentos e o professor deve proporcionar meios para que seus estudantes possam praticar o exercício crítico, que conquistem aos poucos maior autonomia, que comece a pensar por si e que comecem a filosofar aos poucos.

---

<sup>6</sup> *Dasein*, conceito utilizado pelo filósofo alemão Martin Heidegger, significa o ser que está aí, o ser em sua forma natural, o ser ao nascer, sem ainda as influências dos homens e das coisas.

Tudo isso se alinha ao pensamento de Lipman (1995, p. 11) que sustenta “o fortalecimento do pensar na criança deveria ser a principal atividade das escolas e não somente uma consequência casual”.

Compreendemos assim que cabe ao professor de Filosofia municiar seus estudantes com atividade que provoquem neles o gosto pelo pensar, o interesse em tornar-se crítico lendo e estudando Filosofia. Esse meio para que os estudantes possam desempenhar bem a tarefa do bem pensar vai depender muito do que e como o professor conduzirá as suas aulas. Desta maneira, os discentes poderão compreender parte do que o professor almeja em suas aulas e os objetivos de suas atividades.

Percebemos com a experiência de alguns anos em sala de aula que muitos estudantes não gostam de ser os protagonistas frente aos colegas e que preferem o silêncio a terem que se expor em público. Sendo assim, uma atividade pensada e proposta por mim foi a de fornecer-lhes subsídios para que, por meio de fóruns de discussão, participassem de forma ativa, constante e direta e, igualmente, sem a sensação estar dialogando de forma direta e constante, ao estarem em frente a uma tela de computador ou de celular. Trata-se de uma atividade que fortalece sua autoestima e sua autonomia em detrimento dessa angústia e receio de dizer na frente de seus pares o que pensa.

O ambiente virtual faz com que os estudantes se sintam mais tranquilos e seguros, podendo assim chegar a um resultado mais próximo do que se é esperado. Associados a tudo isso, as aulas e os debates em sala de aula são essenciais para que o trabalho se desenvolva naturalmente. Mesmo o aluno mais tímido consegue absorver o que se é debatido participando, ainda que indiretamente, dos debates prospectados para cada momento temático. O bem pensar começa também no bem escutar. O escutar com atenção é, obviamente, um grande passo para que o estudante compreenda o/os conceito/s trabalhado/s em classe.

Defendemos e queremos que o aprendiz de Filosofia seja um aprendiz autônomo, mas temos que lembrar que este também é uma criança ou um quase adolescente que está em processo de desenvolvimento como pessoa, como estudante e como um ser ou animal social; esta pessoa está para conhecer-se e compreender-se, além de estar para os relacionamentos. Ademais, não devemos pensar que todos os alunos estão prontos e preparados para qualquer atividade

cognitiva, de pensamento mais profundo como é o caso do aprender a Filosofia e do filosofar.

A cada caminhar o aprendiz de Filosofia vai se constituindo e se construindo nos âmbitos ditos acima. Outro erro é pensarmos que todos os estudantes de uma determinada turma estão no mesmo patamar cognitivo, ou seja, que são turmas homogêneas e que todos podem e conseguem acompanhar as aulas sem nenhum tipo de problema. Por isso a criação de novas possibilidades de aprendizagem não pode nem deve ser descartada.

O professor de Filosofia tem que criar essas possibilidades de aprendizagem, é ele quem deve desenvolver e preparar os meios para que seus discentes possam ter papéis de destaque nesse processo do filosofar. Trata-se de uma competência que precisa ser trabalhada e desenvolvida com e por meio das atividades que forem propostas pelo professor. É por meio de ações desse tipo que os estudantes se reconhecem como parte integrante desse processo, pois “não é apenas o pensar que determina a ação, mas ele é um de seus determinantes, pois produz sentidos, direções e significações para a ação” (OLIVEIRA, 2004, p.17).

Por isso a necessidade do bom preparo, do rigor, da profundidade do trabalho e do processo sistematizado sobre o que se pretende fazer e desenvolver com os alunos. Certas habilidades e competências devem ser levadas em consideração, pois delimitando o que se pretende fica mais fácil de ser assimilado pelo aluno o que lhe é proposto.

Todo ser humano pode ser educado de maneira formal, desde que o que se aprende faça algum sentido para o estudante jovem (CHARLOT, 2010). Este pensador defende a educação como possibilidade para que isso se efetive e que “a questão da atividade, do sentido e do prazer, é central” (CHARLOT, 2010, p. 151). A relação com o saber diz respeito a uma pergunta e não a uma resposta e faz-se necessário uma reflexão acerca das contradições que o discente enfrenta na escola e não “dizer se a relação do aluno com o saber é boa” ou não (CHARLOT, 2010, p. 151).

A educabilidade, inerente ao ser humano, deve levar o estudante em direção ao aprender, pois é um ser humano que mantém contato com outros seres humanos e é assim que ele se conhece interior e exteriormente, ou seja, ele se educa pela

dialética (CHARLOT, 2005, p. 78). Agora numa situação formal de sala de aula entre professor-aluno:

[...] o docente é, ao mesmo tempo, um sujeito (com suas características pessoais), um representante da instituição escolar (com direitos e deveres) e um adulto encarregado de transmitir o patrimônio humano às jovens gerações (o que é uma função antropológica) (CHARLOT, 2005 p. 79)<sup>7</sup>.

Sendo assim, há uma relação dual, um choque intenso entre as gerações e, por isso, pensa que a relação de ensino-aprendizagem deve ser cuidada para que não se deteriore com o decorrer do tempo (CHARLOT, 2005).

Outro aspecto que consideramos importante é quando o mesmo pensador insere a educação em um triplo processo<sup>8</sup> (os universais):

[...] de humanização (tornar-se um ser humano), de socialização (tornar-se membro da sociedade e de tal cultura) e de singularização (tornar-se um sujeito original, que existe como único exemplar, independentemente de sua consciência como tal) (CHARLOT, 2005 p. 80)<sup>9</sup>.

Pensamos que na citação acima o professor é peça fundamental na e para a educação. O docente que educa leva consigo grande responsabilidade e busca novas maneiras para que seus alunos não percam o espanto filosófico: a dúvida, a curiosidade e o interesse pelo saber fazem parte de seu papel enquanto educador.

O professor dominar o conhecimento sobre sua disciplina não basta para o ensino atual, é necessário que ele conheça outras linguagens e saberes além da sua área de conhecimento, que domine ou se habilite em outros tipos de subsídios e ferramentas que o auxiliem e contribuam para que seu trabalho seja eficaz.

O docente necessita compreender que a escola desempenha um importante papel na vida dos discentes no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, mas necessita, também, compreender que esta é mais uma fonte de saber dos nossos alunos, e não a única. Segundo Charlot (2010, p. 151) “há coisas que só se pode aprender na escola e, portanto, não se deve menosprezar esta instituição. Mas também se aprendem coisas importantes fora da escola”.

A Educação é demasiadamente mais complexa do que parece ser ou se imagina; não há um padrão que possa servir de regra aos docentes em suas

---

<sup>7</sup> Tradução feita por este pesquisador.

<sup>8</sup> Para Bernard Charlot, a Educação é um triplo processo de humanização, socialização e singularização, e isso só pode acontecer por meio da apropriação de um patrimônio humano.

<sup>9</sup> Tradução feita por este pesquisador.

respectivas disciplinas, áreas de atuação e conhecimento, pois pensando que seu alunado está composto de adolescentes e que são heterogêneos, que são inconstantes ao afirmarem o que gostam, desejam, querem, projetam, priorizam etc., torna-se um trabalho árduo e diariamente desafiador com relação ao processo de ensino-aprendizagem. A convivência entre os próprios alunos e a convivência professor-aluno geram conflitos no contexto relacional. Sobre este assunto, Barbero (1999) comenta que:

[...] Estamos atravessando uma situação na qual o reconhecimento do outro, a valoração do outro aparece como grande descoberta. A pós-modernidade diz sobre a enorme dificuldade que temos para aceitar o outro, para conviver. Talvez nunca tenha sido tão difícil conviver, como na atualidade. Vivemos uma certa utopia: tudo é comunicação quando, na verdade (não digo que tudo seja incomunicação) há uma grande incomunicação, este é o problema (BARBERO, 1999, p. 71).

E assim “a educação é um processo de humanização, socialização e subjetivação” (CHARLOT, 2010, p. 151). Compreendermos a relação do aluno com o saber como algo puramente técnico, não basta, mas com respeito e buscando compreender cada história e contexto social de nossos alunos, talvez seja um caminho para ótimos resultados.

Essa incomunicação é um processo capaz de abranger a relação “entre pais e filhos, entre os casais, entre governo e cidadãos” (BARBERO, 1999, p. 71), mas entre cidadania e governo, cada um defende seus interesses.

O processo de ensino-aprendizagem em sala de aula também sofre essa “incomunicação” que Barbero (1999, p. 71) relata e é por isso que pensamos na necessidade de buscar meios para que a comunicação triunfe nos colégios e, especificamente, na sala de aula. Hoje o cenário na escola é distinto, pois temos outros estudantes, com outros comportamentos, com outros saberes e outras afinidades. Por isso pensamos que o docente é quem viabiliza os meios para que seu trabalho seja aceito, absorvido e/ou apreendido por boa parte de seus alunos.

Queremos enfatizar aqui que esta pesquisa procura também resgatar a figura da proatividade dos discentes, mostrar-lhes a importância da Educação e do ensino para suas vidas acadêmica e pessoal. “Existe uma necessidade de globalizar, de articular um mundo que está em pedaços” (BARBERO, 1999, p. 71-72).

Não se pode culpar as novas gerações e os meios de comunicação como o fazem as famílias e os professores (BARBERO, 1999), mas pensamos que há a

necessidade de refletirmos acerca da influência dos meios de comunicação na vida de alunos e suas possíveis consequências.

Enquanto docentes engajados e preocupados com uma educação de boa qualidade, devemos nos aproximar e compreendermos este mundo ou atmosfera adolescente com a qual convivemos diariamente, pois “[...] hoje a ruptura geracional é muito mais forte do que foi antigamente. E esta ruptura deve ser pensada como uma inovação e não somente como uma febre passageira, que sempre tenha existido” (BARBERO, 1999, p. 72). Ou seja, o que este pensador nos diz é que esta nova geração de estudantes está nos pedindo algo a nós educadores que a sociedade “[...] não quer assumir” (BARBERO, 1999, p. 72). A tecnologia faz parte da vida de boa parte dos nossos alunos em quase todos os momentos de sua vida e, desta forma, faz-se necessário uma reflexão acerca destes aspectos que são caros ao nosso cotidiano, principalmente nas salas de aulas nos nossos colégios e que, de uma forma ou de outra, interfere negativa e positivamente na relação do nosso alunado com o conhecimento.

Talvez seja este o momento propício para que nós, educadores atuantes e defensores de uma melhor Educação para o nosso país, alteremos nosso cenário educacional brasileiro. Pensamos que este seja o ponto inicial para que atinjamos os nossos jovens, escutando suas necessidades, o que lhes incomoda, suas angústias, seus objetivos e projetos de vida, ponderando suas reivindicações e, assim, podermos entender e compreender melhor com quem convivemos e nos relacionamos diariamente.

O objetivo de investigar, trabalhar e dialogar com as ideias dos autores supracitados é o de fortalecer este trabalho ou esta pesquisa de doutoramento em sua base. Vimos que a comunicação pode ajudar a todos os docentes de todas as áreas na compreensão e entendimento de nossos estudantes e, conseqüentemente, na aproximação com os mesmos.

O professor educador é quem deve estar atento ao seu alunado, como também preparado para esse desafio diário, pois é por meio dele que os alunos serão capazes de compreender o valor de sua contribuição para a aquisição do conhecimento.

Poderíamos nos aprofundarmos muito mais acerca desta discussão, porém o espanto filosófico não deixa de ser um início muito interessante ao ensino de Filosofia para os estudantes do Ensino Fundamental II. Falar do espanto filosófico voltado para

esta faixa etária pode ser uma estratégia interessantíssima, pois pode-se lograr a que esses alunos se interessem por Filosofia e por filosofar.

Ao falarmos do espanto filosófico falamos de inquietações e tanto as crianças como os mais jovens são os que mais se inquietam acerca das coisas. As perguntas devem ser sempre um grande aliado e artifício ao estudante de filosofia, pois como sabemos, elas nos levam a várias respostas e essas nos transportam a outras perguntas que, também, nos transportarão a outras respostas e, assim, sucessivamente. Não podemos perder o encanto pelo conhecimento, pelo saber e o espanto filosófico desempenha este papel.

Logicamente que nem todos os filósofos gregos filosofavam movidos pelo espanto (GALLO; KOHAN, 2000, p. 186). As inquietações podem surgir de múltiplas fontes, como a política, a dominação, o poder exacerbado, a imposição de algo ou ideia, o preconceito, a violência de todos os tipos etc. Um exemplo dado por estes autores vem do filósofo grego antigo, Sócrates, e sobre o que moveu seu filosofar. “Segundo seu próprio relato na *Apologia*, parece ser uma certa insatisfação com o estado de coisas dominantes, o que sustenta sua prática de interpelar incansavelmente os seus concidadãos” (GALLO; KOHAN, 2000, p. 186).

Percebe-se que Sócrates se incomoda e se inquieta com os valores impostos pelos governantes e pelos aristocratas da época, ou seja, ele não os aceita e argumenta contra eles. O interessante aqui é que os mais jovens também são movidos por inquietações, muitas vezes sem fundamentos, mas as colocam em prática, verbalizando-as.

O que pensamos ser relevante no espanto filosófico é que o professor de Filosofia pode fazer com que esses estudantes compreendam a importância da inquietação e da criticidade, pois antecede o processo do filosofar. A partir dos questionamentos acerca de algo e com o direcionamento do professor o estudante pode compreender o meio que ele está envolvido. Outro exemplo dado pelos pensadores Gallo e Kohan (2000) é o de Platão, que em seu livro *República*, traz como inspiração ou incômodo, “a ordem das coisas dominantes que muitos dos filósofos gregos filosofaram” (GALLO; KOHAN, 2000, p. 187).

Hoje em dia, particularmente, me espanto com o que vejo e leio na internet, nas redes sociais e também nas mídias, de forma geral. As pessoas na internet alcançam multidões com seu carisma e com seu posicionamento sobre política, moda, beleza,

religião, nutrição, educação e muitos outros temas. Percebe-se que as pessoas buscam o espetáculo, informações, autoajuda (opiniões prontas e formadas sobre tudo, receitas prontas para tudo, respostas para tudo etc.). Desse modo, não há a preocupação em construir ou desenvolver uma ideia ou até mesmo um pré-conceito para, depois, elaborar um conceito.

O que nos conforta é que ainda existem pessoas inflamadas pelo espanto filosófico, que não aceitam as coisas, as notícias, as mais variadas receitas para tudo como verdades absolutas. Há muitos que se inquietam e se incomodam com tudo isso que acima foi falado. Ou seja, ainda temos a esperança de que o cenário melhore.

Retomando o espanto filosófico por parte das crianças e dos jovens estudantes, pensamos que esse desenvolvimento crítico deve ser lapidado e aguçado ao longo do tempo nas aulas de filosofia.

E o filosofar desde criança deve ser incentivado, como forma de buscar os caminhos da sabedoria precocemente. A vida deve ser experienciada, ser vivida com sabedoria; aprender desde jovem a refletir sobre a vida, sobre o cotidiano, sobre as coisas e isso pode ser muito relevante para eles. Devemos aprender a filosofar desde cedo e questionar “por que esperar para filosofar, se a vida não espera?” (COMTE-SPONVILLE, 2002, p. 136). Faz-se necessário aprender a viver que a morrer, pois:

Se a vida é assim tão difícil, frágil, perigosa, preciosa, como de fato é, é mais uma razão para filosofar o mais cedo possível ('a infância encontra nela sua lição, como as outras idades'), em outras palavras, para aprender a viver, na medida do possível, antes que seja tarde demais (COMTE-SPONVILLE, 2002, p. 137).

As crianças devem filosofar desde que tenham “um bom domínio do pensamento e da linguagem” (COMTE-SPONVILLE, 2002, p. 137). Por isso a necessidade de o professor de Filosofia estar atento e preparado para esta tarefa de inculcar em seus alunos a importância do filosofar.

Percebe-se que ao longo desta seção vimos que as reformas educacionais aconteceram e estão em processo de reformulação contínuo e a Filosofia pode ajudar muito para que haja uma melhora, principalmente com as recentes pesquisas desenvolvidas em conjunto com a Educação. Também acreditamos que deve haver um aprofundamento do diálogo entre a educação e as novas tecnologias, tentar entender a mentalidade dos alunos em sala de aula com uma possível integração tecnológica, proporcionando-lhes subsídios para o senso crítico, despertando-lhes o

prazer ao conhecimento, para que assim, possam viver melhor humana, social e economicamente falando.

Trabalhos voltados à teoria crítica, na nossa visão, são de suma importância, pois abordam assuntos atuais e pertinentes dentro do contexto educacional ou educativo. Acreditamos que pesquisas nesta área, para quem trabalha com a educação e para quem deseja ser um verdadeiro educador devam ser mais frequentes, pois a Educação de maneira geral e especificamente o ensino de Filosofia no Brasil, estão carentes de discussões e trabalhos assim, como pudemos perceber nesta explanação.

Ao investigar o problema da linguagem para se ensinar filosofia em sua dissertação de mestrado, Lopes (2011) nos alerta: “se este ensino for realizado no processo formativo escolar (contexto educacional), a noção de formação pode se expandir para além dos muros da escola” (LOPES, 2011, p. 95).

Desta forma, nossa proposta aqui neste doutoramento pode expandir também o que os estudantes vierem a experienciar na instituição escolar, pois pode reavivar o modelo educativo vigente para novos olhares e maneiras para se trabalhar o ensino de Filosofia.

Seguindo este pensamento, embora considere que nem tudo da escola tradicional deva ser refutado, o próprio Lopes (2011) nos diz que este modelo educacional:

[...] não dá conta de formar indivíduos autônomos, críticos, reflexivos, abertos ao diálogo. Formam-se indivíduos que, em sua grande parte, apresentam dificuldade de raciocínio, não sabem pensar por conta própria, indivíduos que perderam a perspectiva do todo, de forma que seu pensamento se mostra fragmentado. Acredita-se veementemente que a educação deve formar o indivíduo visando sua liberdade, sua autonomia, e que uma formação integral deve contemplar uma formação integral que contemple todos os aspectos da vida humana (LOPES, 2011, p. 96).

A preocupação aqui está em como formar os alunos com a Educação em vigor. Por isso vemos a relevância de um ensino de Filosofia onde o docente apresente novas propostas pedagógicas para que seus estudantes se despertem para o novo e percebam maneiras distintas e mais atraentes ou atrativas de se aprender e apreender conceitos filosóficos, pois estes são essenciais ao ensino de Filosofia. Não há Filosofia sem conceitos, por isso devemos refletir acerca de como levá-los às aulas sem que nosso alunado se sinta desmotivado. E acerca do conceito filosófico à Filosofia, Gallo (2004) diz que:

É o conceito que permite à filosofia que seja dialógica: dialogamos, sim, mas a partir de conceitos, ou o que dá no mesmo, com a filosofia promovemos o diálogo dos conceitos; assim como é o conceito que permite que ela produza uma crítica radical: criticamos, mas criticamos a partir do conceito e pelo conceito (GALLO, 2004, p. 3).

Mas se o estudante não se sentir instigado e motivado de nada adianta o docente levar os conceitos. Por esse motivo Aspís e Gallo (2010) defendem a inovação do ensino de filosofia:

Pensamos em criar um ensino de filosofia que *enxameie* saídas. Com certeza não seria fazendo uma lista de saídas históricas ou possíveis, a partir da análise de uma situação. Nunca se pode repetir uma saída. Podemos tentar copiá-la e testá-la, mas, assim fazendo, estaremos reativando uma saída já criada, em outro contexto, para outro problema, o que faz com que ela já não seja a mesma. De nada serve tentar fazer uma história das saídas, não há cálculo de saídas, não há fórmula. Este ensino de filosofia teria de ser um modo de fazer-nos lembrar do poder de criar (ASPIS; GALLO, 2010, p. 104).

O poder de criação do professor é preponderante para este encontrar as saídas para um trabalho diferenciado voltado ao ensino de Filosofia. Acreditamos que o docente que estuda, que pesquisa, que se compromete com seu trabalho é capaz de produzir, criar e preparar excelentes aulas, pois quer que seus estudantes desenvolvam a criticidade e a autonomia. Cabe ao docente estimular os seus alunos ao filosofar.

E pensando em um possível ensino de filosofia para os jovens adolescentes como uma ferramenta de “produção de sub-versões” voltada ao desenvolvimento de reflexões filosóficas, Aspís e Gallo (2010) nos dizem algo relevante:

Além da forma de pensar da ciência, para a qual treinamos tão bem os jovens, além da lógica do mercado, de suas seduções, do *marketing*; para além das tradições e do senso comum, apresentar aos jovens e dar oportunidades de ensaiarem uma outra forma de pensar: a filosófica. A partir das suas questões, dos problemas da vida, hoje, apresentar filosofias criadas na história, ensinar a ler os textos dos filósofos, ensinar a reconhecer como se compõem os discursos, como a filosofia opera uma síntese da cultura em cada época de forma conceitual, criando saídas para os problemas dos homens. Encorajá-los a ensaiar esses discursos, que tentem, eles também, criar composições filosóficas, usando conceitos filosóficos, em resposta a seus problemas; o que vale dizer: ensaiar a criação filosófica. Criação de sub-versões. Esse ensino, sendo gerador de ensaios de prática de disciplinas filosóficas no pensamento, pode provocar ensaios de criação de si e, portanto, de diferenças. Talvez possamos praticar um ensino que, no mínimo, e talvez isso já seja o suficiente, se o conseguirmos, faça-os saber que é possível criar, ainda. Que os faça sentir que cada um deles pode ser uma máquina de criação de versões, que a submissão não é a única saída. Isso significa que podemos tentar reativar nos jovens a ideia – e a prática – de que há um poder, o poder da vida, que é de cada um, com o qual se pode criar o

mundo. É possível, através de um determinado ensino de filosofia, contribuir para o impulso dos jovens de criar seu mundo da mesma forma que nós, gerações anteriores, bem ou mal, criamos o nosso (ASPIS; GALLO, 2010, p. 103).

Nossa proposta para esta pesquisa é a de se trabalhar a Filosofia por meio dos conceitos filosóficos sartreanos com o apoio da ferramenta tecnológica em dois fóruns de discussão. Ou seja, estamos trabalhando a subjetividade do estudante. Por este motivo pensamos que a análise textual descritiva referente aos textos inseridos nos dois fóruns faz com que o professor tenha um olhar próprio ou singular, que também é subjetivo, para dar o seu parecer. Sendo assim, no resumo de seu artigo, Oliveira (2011) nos diz que a prática filosófica:

[...] é uma experiência singular, intransferível que precisa ser pensada, sentida, vivida; tem seu próprio tempo e envolve, constrói e transforma nossa subjetividade. Sair à procura das nossas palavras em filosofia significa, assim, eleger aquelas que podem nos ajudar a compor os sentidos daquilo que fazemos e pensamos, permitindo-nos um trabalho com o pensamento e suas formas expressivas, para além de sua dimensão técnica (OLIVEIRA, 2011, p. 233).

Ao se trabalhar com as palavras estamos desenvolvendo nossa imaginação, criação e escrita. Os estudantes podem se sentir motivados, instigados com um trabalho como este, daí a importância do papel do docente enquanto condutor ou a ponte entre o conceito e o aluno. Pensamos que qualquer prática filosófica que venha a ser proposta deve ser bem refletida e estudada prévia e cuidadosamente para que não seja mais uma atividade vaga e sem nexos.

E é nesse instigante universo que o nosso trabalho pretende, com o aporte do existencialismo, mostrar a influência da Filosofia em trabalhar a autonomia/criticidade do estudante no sentido de perpetuar a relação com práticas educativas que contradigam a condição de subserviência do cidadão em relação ao sistema e que preveem a emancipação do sujeito.

Ao se trabalhar com a Filosofia em sala de aula o docente deve ter um olhar para além das palavras, dos conceitos e do tempo. Necessita-se de uma leitura dialética, um diálogo com os autores e quando achar pertinente opor-se criticamente a eles, levantar questões, suposições, criar sua própria tese etc. Isso está relacionado ao preparo das aulas ou ao que antecede a prática. A leitura filosófica deve ser compreendida como sendo uma reinvenção; é um dever “ler filosofia como se lê poesia, revivendo-a: ressuscitando-a, encarando-a, emocionando-se com ela,

reinventando-a” (ASPIS, 2004, p. 308). Assim, o ensino de Filosofia é relevante às questões referentes à nossa existência. Ensinar filosofia:

É um exercício de abertura de risco, de busca da criatividade, de um pensamento sempre fresco; é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará prazer e êxito nesta aventura que é ensinar filosofia, aprender filosofia (GALLO, 2007, p. 20).

Ou seja, o professor de filosofia deve estar ciente de que o ensinar a filosofia necessita muita dedicação e engajamento para desconstruir um modelo educacional que possa e deva enveredar-se coerentemente por vários caminhos, para que assim não seja levado ordinariamente pelo mesmo sistema de ensino. Pensamos que a criatividade é um elemento importante na questão de romper com paradigmas preestabelecidos. O docente deve sempre buscar o novo no processo ensino-aprendizagem, pois este não pode acomodar-se aos exercícios ou questionamentos no que diz respeito ao ensino de Filosofia.

Aspis (2004) aborda o caráter interdisciplinar da Filosofia, o que levanta uma questão importante para o nosso trabalho, colocando em dúvida se os estudantes têm acesso aos conceitos filosóficos. Por isso pensamos em apresentar alguns desses conceitos filosóficos aos nossos alunos do Ensino Fundamental II: um trabalho que requer muito esforço e cuidado da parte do professor com um olhar voltado à faixa etária, ao modo de como se trabalhar os temas e conceitos e o mais importante saber como estimular ou despertar interesse nos alunos.

Pensamos também na importância do ensino de Filosofia por meio da escrita e da subjetividade ao se ler textos filosóficos (OLIVEIRA, 2011). Ao se trabalhar com conceitos filosóficos, também trabalhamos com a subjetividade de cada estudante que irá, além de desenvolver um texto contendo a objetividade requerida, também trabalhar o seu olhar acerca dos conceitos, um olhar único, individual e com possíveis novidades interpretativas.

O ser humano é complexo e por isso temos de ter cuidado ao analisarmos o seu significado. Pode-se dizer que a pessoa humana é um indivíduo singular, porém necessita do relacionamento com os outros para compreender-se e construir-se como pessoa. “[...] entende-se que o indivíduo singular se constrói desde uma posição de ‘busca de objeto’ e, portanto, só pode ser compreendido como integrado a unidades relacionais” (CENTURIÃO, 2007, p. 11). Vemos aqui o ser-com de Sartre (2014b), o

ser que se relaciona com todos os demais entes. A pessoa humana tem um papel fundamental no mundo em que vivemos, pois é por meio de seus atos que ele é construído e que ela também se constrói como ser indispensável capaz de grandes transformações. Centurião (2007) também diz que:

O indivíduo é visto como imerso no caráter essencialmente vincular de sua individualidade, possuindo, portanto, uma importância destacada do sistema de relações em virtude do qual ele adquire significado. Este significado relacional é de certa maneira, o único, uma vez que sobrepuja as unidades-indivíduo que funcionariam como os polos dessa relação. Dito de outra maneira, há no ser humano uma essência relacional, que foi caracterizada de maneiras variadas nas diversas orientações antropológicas e psicanalíticas, e esta essência constitui sua realidade fundamental (CENTURIÃO, 2007, p. 11).

A relevância desse trabalho de pesquisa dar-se-á no sentido de trazer à tona os pressupostos modernos da educação acerca das práticas que apoiam e contribuem para o desenvolvimento de um sujeito reflexivo e arguente, ou seja, que saiba arguir e que seja mais autônomo, capaz de enfrentar as adversidades que, muitas vezes, a vida lhe impõe. Outro aspecto é a contribuição que isso proporcionará no desenvolvimento da capacidade analítica do profissional da área educativa em relação aos entraves à educação emancipatória, oriundos dos pressupostos da educação tradicional, que ainda se baseiam no conhecimento compartimentalizado e na reprodução deles.

Na próxima seção abordaremos brevemente sobre o(s) existencialismo(s) e nos debruçaremos mais no existencialismo defendido por Sartre (2014a; 2014b). Sendo assim, contamos com a colaboração de dois filósofos e especialistas no assunto, a saber, Colette (2009) e Mounier (1963) para que o leitor possa compreender o que é/são existencialismo(s), tecnicamente.

## SEÇÃO 2 – O(S) EXISTENCIALISMO(S)

Nesta seção faremos uma breve introdução ao tema existencialismos, com o escopo de desvelar a(s) origem/origens desta corrente filosófica, marcada por uma postura crítica na Filosofia contemporânea e, então, enfatizaremos o existencialismo sartreano, pois foi o conteúdo trabalhado nos fóruns de discussão.

Os neologismos ou os termos “existencial” ou “existencialismo”, raramente são datados de forma precisa (COLETTE, 2009, p. 7). O que se sabe é “que o primeiro emprego filosófico do primeiro ocorre aproximadamente na metade do século XIX, e o do segundo, cerca de um século mais tarde” (COLETTE, 2009, p. 7). Nas décadas de 1930-1950, “o existencialismo parece designar um clima de pensamento, uma corrente literária vinda da Europa do Norte, dos países eslavos ou germânicos” (COLETTE, 2009, p. 7). Aqui temos alguns dos principais representantes dessa postura existencialista, a saber o que muitos historiadores consideram como o fundador do existencialismo, que é Kierkegaard (1813 – 1855); já entrando ao século XX temos Heidegger (1889 – 1971) e logo temos Sartre (1905 – 1980). Além desses elencados aqui, obviamente existem outros pensadores que também navegaram pelos mares do existencialismo, como Dostoyevsky (1821 – 1881), Kafka (1884 – 1924) e Camus (1913 – 1960), apesar de suas diferenças (COLETTE, 2009).

Ao atentarmos para uma divisão existencialista ao longo da história da Filosofia, percebe-se que existem duas linhas existencialistas bem definidas, que são a cristã e a ateia.

O existencialismo é a última das modas do século passado “a entrega à tagarelice cotidiana de uma filosofia cujo sentido é arrancar-nos à tagarelice” (MOUNIER, 1963, p. 9). Aqui vemos Mounier criticando veementemente não o existencialismo em si, mas o modismo daquela época causado pelo existencialismo, especificamente, o existencialismo sartreano.

O modernismo ou a época moderna, principalmente no século XVII, se pauta no humanismo. Com Descartes (1596 – 1650) o homem deixa os dogmas de épocas anteriores de lado e volta-se ao seu próprio intelecto. Esse homem, nesse momento, torna-se moralmente responsável por sua vida. E é pelo interesse humano que esse homem molda a “história moderna” na qual estamos inseridos (SILVA, 2018). Mas a visão que Sartre tem de mundo é muito distinta dessa citada anteriormente, pois a distinção ocorre com relação à essência.

No humanismo de Sartre (1905 – 1980), para Silva (2018), a essência é constituída a partir de sua existência, negando qualquer tipo de essência anterior. Aqui percebe-se uma inversão, pois a essência em Descartes (1596 – 1650) está no pensamento humano e, já em Sartre (1905 – 1980), é construída ao longo da vida, por meio da liberdade e escolhas do próprio ser existente. Mas essa inversão já teve seu início antes mesmo de Sartre (1905 – 1980), com Kierkegaard (1813 – 1855), Heidegger (1889 – 1976), Jaspers (1883 – 1969), tidos como pensadores existenciais, pois antes de tudo, conforme o exposto em alguns autores, há a existência humana e não a concepção de essência humana (SILVA, 2018).

Ao falarmos de existencialismo, falamos também da crise humana do século XX, pois no contexto histórico o homem estava em meio a guerras e a lutas de classes, ou seja, os sujeitos que aderem a estas posturas existencialistas, parecem estar desamparados no mundo. Assim, o homem se encontra sozinho no mundo e sem Deus, diante do nada (SARTRE, 2014a). Esta é uma visão comum que as pessoas têm sobre o existencialismo nascido no início do século XX, o existencialismo ateu, aquele presente em Heidegger e em Sartre.

Acerca do homem existencialista sabemos que este está desamparado e que tampouco tem metas, objetivos ou projetos. Portanto, é um homem que se pergunta por sua própria existência e ao descobrir-se desamparado e sem Deus diante do mundo em que se insere, este homem se angustia, vivendo uma crise interior (SARTRE, 2014a).

Desde o existencialismo surgiram uma infinidade de premissas ou teorias, sendo que o homem existencialista tem um olhar desencantado do mundo, além de estar desencantado de si mesmo.

Desde a perspectiva existencialista há que entender que o mundo é construído a partir da ação das singularidades e que o homem está inserido em um contexto no qual ele atua socialmente, sendo da sua natureza viver em sociedade, pela linguagem e pelos fenômenos políticos (ARISTÓTELES, 1991, p.212). Mas é necessário enfatizar aqui, também, que a existência do outro é um fato contingente e é plausível pensar em um sujeito isolado.

Sendo assim, para Sartre não existe nada que determine o homem antes que ele exista, como uma essência anterior. É o fato de existirmos e agirmos que nos faz com que conheçamos “a realidade humana” (SILVA, 2018). No caso dos objetos há

sempre uma essência ou um pensamento prévio por parte de quem imaginou e criou tal objeto.

Já o homem é um ser que é singular e que existe como projetos, como uma essência a ser construída ou elaborada. Sua tarefa será a construção de sua própria vida, de sua existência e isso ocorre por meio de suas ações e condutas, de sua liberdade de escolha, pois sempre somos livres.

Esse homem é o reflexo de sua liberdade e subjetividade ao mesmo tempo. Não é uma liberdade como adjetivo, pois não diz ou explica como é esse ser humano, mas uma condição: “estamos condenados à liberdade” (SARTRE, 2014a) e a consequência dessa condição é a responsabilidade.

O homem então solitário e desamparado exerce essa liberdade e carrega consigo sua própria responsabilidade e pelos outros, pois ele se constitui por meio das escolhas, por critérios morais únicos criados a partir de sua liberdade. Esse humanismo sartreano é uma “singularização de uma universalidade que nós procuramos viver” (SILVA, 2018).

Para o existencialismo, como o homem não vem de uma essência determinada, ele sempre é em ato, sendo definido por suas ações, ou seja, por tudo que ele faz de si próprio, por meio de suas ações (SARTRE, 2014b).

O homem sartreano então deve saber e compreender que a sua liberdade é indissociável de si mesmo. Nada mais tem o homem a fazer a não ser escolher a todo instante; tais escolhas são inerentes ao ser humano, consciente ou inconscientemente. O que lhe cabe é agir, quer dizer, escolher e continuar escolhendo. O homem livre é quem pode mudar a sua história e, também, a de outros (FEINMANN, s/d).

Mas a liberdade está condicionada, limitada, restrita e possibilitada por alguns fatores que podem ser considerados como obstáculos, como por exemplo, o mundo, as coisas, os demais seres humanos, o momento temporal (época ou período de minha existência) neste mundo já constituído, mesmo antes de minha chegada ou nascimento. E somente por minhas escolhas é que atribuo sentido a esses fatores: são meus atos, minhas condutas que farão com que haja sentido neste, nesse ou naquele momento em que exerço minha liberdade (SILVA, 2018).

Destarte, as situações pelas quais eu vivencio são históricas pertencentes a cada período e, portanto, são fatores externos: “O sujeito livre é sempre um agente

histórico; a existência, portanto, é sempre uma existência histórica” (SILVA, 2018) e, por isso, a “liberdade e responsabilidade ganham significações concretas e muito bem determinadas” (SILVA, 2018).

Desta forma “a existência não é uma noção abstrata ou indeterminada, porque ela sempre ocorre de forma histórica e concreta” (SILVA, 2018). Nós, os seres humanos, somos produção histórica. A subjetividade ou interioridade, portanto, é dada ou concretizada por meio de meus atos e condutas, como uma noção concreta da existência humana.

Já a alienação é posterior à liberdade: antes de o homem ser alienado, em algum momento de sua vida, ela era livre. Basta agora fazer com que este homem se volte ao seu estado anterior, o da liberdade. Entendemos que Sartre quer nos dizer que nossa consciência intenciona sobre o mundo não se repousa em si mesma e que há a necessidade de saltar para fora de si, modificando-se e modificando tudo o que a cerca, mesmo porque consciência e mundo andam conjuntamente, pois a consciência está em risco no mundo.

A consciência está entre os homens, as coisas e em tudo que existe no mundo, por isso que cada um de nós está em busca de seus projetos, pois somos projetos e se escolhemos, assim fazemos por uma causa, um objetivo e desta forma sempre teremos projetos na vida (FEINMANN, s/d).

A Filosofia de Sartre não era para ficar encerrada ou fechada nas universidades, em seus inúmeros congressos; não era para restringir-se somente aos intelectuais e simpatizantes do bem pensar, não era para empoeirar-se nas bibliotecas mundo afora; a sua Filosofia era para ser difundida nas ruas, sendo difundida a todos os cantos (FEINMANN, s/d).

Ainda sobre o existencialismo e por outras perspectivas, “um dos traços principais seria a percepção do sentido do absurdo juntamente com a do sentimento trágico da vida” (COLELLETE, 2009, p. 7). Já, Mounier (1963), vai dizer que o existencialismo aniquila com qualquer tipo de insensatez. “Nem mesmo o sabem. A amargura do mundo encerrada nos estreitos limites dum café em que se conversa, e eis apaziguados os seus tão plácidos espíritos. Esta é a primeira desgraça do existencialismo” (MOUNIER, 1963, p.9).

A crítica de Mounier diz respeito ao existencialismo ter deixado a atmosfera dos filósofos e se dispersarem entre a população, por isso é tido como um modismo, pois era discutido entre as pessoas, não somente entre os filósofos.

Quando o existencialismo “abandonou o convívio dos filósofos para se lançar no mundo, foi justamente designar uma moda que faz do nada o tecido da existência” (MOUNIER, 1963, p. 10). A crítica de Mounier vai para Heidegger (1889 – 1976) e Sartre (1905 – 1980), especificamente, pois “não há filosofia que não seja existencialista”, sendo que a Filosofia explora “a existência e os existentes” (MOUNIER, 1963, p. 11).

Seguindo, o existencialismo está conectado “ao pensamento moderno” e que de maneira geral, este pensamento poderia ser caracterizado “como uma reação da filosofia do homem” (MOUNIER, 1963, p. 11). Esse erro, se podemos dizer assim, é devido ao esquecimento de perguntar-se pelo homem, atribuído à filosofia tradicional: “O existencialismo apoia-se numa longa galeria de antepassados” (MOUNIER 1963, p. 11).

Esse existencialismo que, para Mounier não é mais do que um tipo de moda, é o ateu, de Heidegger e Sartre. Por outro lado, os filósofos racionalistas se dedicaram em “desenvolver o mundo como um sistema de puras essências, isto é, de puras possibilidades, cuja existência ou não-existência fosse, afinal de contas, indiferente” (MOUNIER, 1963, 21). Uma crítica ao racionalismo e considerado como seu pecado original é que houve um esquecimento de que “o espírito conhecente é um espírito existente, e que o é, não em virtude de uma qualquer lógica imanente, mas de uma decisão pessoal e criadora” (MOUNIER, 1963, p. 23).

O existente pergunta sempre à procura de respostas que possam preencher suas expectativas e solucionar seus problemas, pois não se trata de fazer perguntas vagas, sem objetividade (MOUNIER, 1963). O existente não se trata de um molde já pronto com alguns atributos como:

Ideias, convicções ou instruções, é movimento dialéctico dum pensamento implícito para um pensamento reflectido, de uma vontade surda e obscuramente agente para uma vontade agida, e a ideia, o apelo, a ordem, mesmo que sejam transcendentés, devem ir buscar no seio desse movimento as disposições que vão preencher. É preciso que o pensamento se faça carne, carne de existência. Não é a morte que é um problema filosófico, mas que eu morra (MOUNIER, 1963, p. 23).

A relação e o interesse do ser existente com sua finitude aparecem,

Por exemplo, numa corrente filosófica (entre os anos 30 e 50) chamada existencialismo e que definiu o humano ou o homem como “um ser para a morte”, isto é, um ser que sabe que termina e que precisa encontrar em si mesmo o sentido de sua existência (CHAUÍ, 2009, p. 64).

A questão da morte é essencial na vida do existente, pois é a partir dela que o homem começa a pensar em si e a refletir sobre si e sobre o mundo no qual está inserido. É desta maneira que o existencialismo tenta reordenar este movimento, colocando o homem como o centro, principalmente o ateu, defendido por Heidegger (2014) e Sartre (2014b), com suas possibilidades e projetos.

Se por um lado vimos acima o sistema racionalista, existe outro “difícilmente visível, que segrega à nossa roda o hábito quotidiano” (MOUNIER, 1963, p. 24). As pessoas se relacionam cotidianamente com todos os entes possíveis; isso faz com que muitas se esqueçam de si mesmas, que deixem de pensar em si e fiquem reféns de seus próprios relacionamentos com todos os entes.

Desta forma, estes sujeitos existentes não refletem mais, não se percebem como os protagonistas de suas próprias histórias e vidas, pois se deixam levar pelo cotidiano. Ou seja, “as ideias seguem-se sem hesitações e afastam todo e qualquer problema; a própria possibilidade do estranho, agente motor da inquietação espiritual, é excluída”, pois fecham os olhos dos existentes, vivendo um vazio, solitários, num eterno labirinto (MOUNIER, 1963, 25).

O espanto filosófico é esquecido, como acontece quando as pessoas se deparam e se deixam ser envolvidas pelo cotidiano. Tudo isso vem ao encontro do que nos traz Colette (2009), acerca do existencialismo, pois enfatiza que:

A experiência de uma humanidade entregue às violências mortíferas, às monstruosidades de uma guerra particularmente bárbara teria exigido dos artistas, dos escritores e dos filósofos novas inflexões, capazes de repor em questão o exercício de uma liberdade ainda a conquistar (COLLETE, 2009, p. 7).

Agora, sobre o termo ou adjetivo “existencial” e sua introdução na língua francesa, de acordo com Colette (2009), foi Bergson (1859 – 1941) quem o cunhou. E em Marcel também aparece o “sentido existencial do indivíduo humano, corporal e psíquica” (COLETTE, 2009). Na verdade, foi com Kierkegaard (1813 – 1855):

Que o conceito existencial aparece como determinando o pensamento da subjetividade, a qual não é mais entendida como o eram o Eu de Montaigne, o ego de Descartes, o eu penso da apercepção transcendental em Kant ou,

enfim, em Hegel, como o resíduo de unilateralidade não assumido no espírito, que é ao mesmo tempo substância e sujeito (COLETTE, 2009, p. 10).

Como comentamos acima, existem dois tipos de existencialismo, o cristão e o ateu. Vamos expor alguns pontos do existencialismo cristão. “Todo o existencialismo é uma filosofia do homem antes de ser uma filosofia da natureza” (MOUNIER 1963. p. 49).

Percebe-se que, ao se referir ao pensamento de Marcel (1889 – 1973) sobre o existencialismo, Mounier escreve que se trata de “um sistema que recai sobre o mundo oferecido em espetáculo e não é expressão de experiência humana – mas por uma concepção singularmente dramática do destino do homem” (MOUNIER, 1963, p. 49).

Já, ao comentar Kierkegaard (1813 – 1855), Mounier disse que “se insurgia contra um certo modo, que caracterizava o ambiente que o rodeava, de apelar para o espírito de infância e de encorajar o adulto à pueril serenidade de espírito” (MOUNIER, 1963, p. 49). É que na infância a criança não conhece a dúvida, a tentação e tampouco a opção, “tudo o que no combate faz o cristão” (MOUNIER, 1963, p. 49-50).

Kierkegaard, ao tratar do conceito de angústia, diz que ela “é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões” (KIERKEGAARD, 2013 p. 161-162). Para o existencialismo cristão, minha contingência está enraizada:

Na contingência original do acto do criador gratuito, duplicado pela gratuita misericórdia da Encarnação e da Redenção. Esse acto tempera o horror sagrado que o mistério primitivo inspira, através do sentimento da bondade que envolve. Mas permite suficiente obscuridade para que certos temperamentos forcem a bondade e outros a absoluta dependência do homem em relação ao acto criador, a absoluta distância que o separa de Deus – miséria do homem sem Deus e transcendência divina. O breviário moderno deste cristianismo intransigente e abrupto é, sem dúvida, a Escola do Cristianismo, que Kierkegaard escreveu em 1850, em pleno liberalismo religioso (MOUNIER, 1963, p. 51-52).

O que vemos acima é uma espécie de consolo aos crentes cristãos, um suporte divino àqueles que necessitam de conforto espiritual, como se alguém os pudessem guiá-los e reconfortá-los nos momentos mais difíceis e, após a inevitável morte.

O existencial em Kierkegaard é engolido pelo religioso. E nesta zona e em que o eterno encontra o temporal, não há lugar para a afirmação unívoca nem para a

vinculação lógica. Esta última supõe conceitos que a inteligência do homem pode abarcar e uma ligação imanente entre o antecedente e o conseqüente Mounier (1963).

Ainda com Mounier (1963), exemplificando Kierkegaard numa primeira reflexão existencialista, que a “a vida policiada, industrial e urbana tinha recalcado suficientemente as angústias primitivas e ainda não tinha desenvolvido com evidência as suas ameaças próprias” (MOUNIER, 1963, p. 132), um momento em que o homem conseguisse abstrair-se do mundo, esquecendo-se das coisas mundanas, do mundo material.

Mesmo no existencialismo ateu nos deparamos com a angústia através da perspectiva de estarmos jogados no mundo, estamos aí, ali, lá, sem razão; o ser-aí heideggeriano, lançado ao mundo e sem saber o porquê está nele (SARTRE, 2014b). Sartre (1987, p. 6) ao dizer que a existência precede a essência quer enfatizar que o homem, a partir de sua existência, de seu nascimento, encontra-se consigo mesmo e está no mundo que, ao longo de sua vida, constrói a sua essência.

De início, o homem “não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo” (SARTRE, 1987, p. 6). O homem não é somente sua concepção, mas o que ele quer para si ou o projeto que ele escolheu ser dentre as várias outras possibilidades de vir a ser.

Quando faço uso de minha liberdade assumo projetos ou possibilidades e, indubitavelmente, assumo as conseqüências e as responsabilidades. Neste sentido eu assumo compromissos, mas se me deixo ser condicionado, nego todas as possibilidades de fazer escolhas, ou seja, isso é o mesmo que me sujeitar ou deixar condicionar-me, e se eu resisto, nego minha própria condição.

Sartre, se distingue de Heidegger: enxerga o homem que simplesmente não é nada e se torna algo somente depois de ter escolhido seu próprio projeto de vida, pois compreende que o homem é livre e responsável por cada uma de suas escolhas. Não estamos falando aqui da fenomenologia como conceitua Husserl (1986), ou seja, como ciência das essências, dos modos típicos do aparecimento e da manifestação dos fenômenos à consciência, cuja característica fundamental é a intencionalidade. Ou seja, “nossos atos psíquicos se referem sempre a um objeto. Husserl (1986) conceitua a fenomenologia dizendo que a consciência é intencional, pois transcende e não é estática em si mesma.” (MASSOCO, 2016, p. 66).

O existencialismo define o existente por ações: ele mesmo cria seu próprio destino por meio de suas ações ou por seus projetos escolhidos para sua vida (SARTRE, 2014a). “O existencialismo diz-lhe que a única esperança está em sua ação e que só o ato permite ao homem viver” (SARTRE, 1987, p. 15).

Neste ponto é que compreendemos que o ser não é nada e se autentica, ou seja, quando o existente escolhe cada projeto seu de vida, ou seja, faz suas escolhas, pois desta forma ele entra em ação, interagindo com as coisas, com as pessoas e com todos os demais entes já instalados no mundo. Heidegger (2014) já pensa diferentemente de Sartre neste aspecto, pois o ser não pode ser nada, ele é um existente para as possibilidades e não como escolha de um ou mais projetos.

Heidegger (2014) propõe uma ontologia ou estudo das coisas que são, porém percebe-se que em um dado momento ele acaba por se desviar, partindo para uma analítica existencial. De acordo com Werle (2003):

Desse modo, logo no começo de *Ser e tempo*, Heidegger afirma que a questão do ser não se coloca senão ao ente privilegiado que é capaz de questionar o ser, que possui uma compreensão do ser [Seinsverständnis]. Este ente é o homem, que Heidegger chama de “ser-aí” [Dasein], o homem enquanto um ente que existe imediatamente em um mundo (1989a, §4). Por meio do termo Dasein, que define o ponto de partida da analítica existencial, Heidegger pretende ultrapassar a separação entre sujeito e objeto, que ele considera uma herança prejudicial da filosofia moderna na compreensão do que seja o homem (WERLE, 2003, p. 99).

Sendo assim, existe uma angústia do homem para com seu ser, pois o único que pode perguntar pelo seu ser é ele mesmo, o *dasein*, o ser-aí, envolvido em um enorme vazio e sabendo que é finito neste mundo.

Dentre a variedade de possibilidades pela frente, para o seu futuro, a única real e concreta é sua morte: hoje, amanhã ou depois ele sabe que vai morrer, sendo esta, a diferença marcante entre o existente e os objetos que não conseguem perguntar pelo ser. Para Heidegger (2014), *dasein* é estar jogado, atirado e caído no mundo: não existe uma relação cognoscitiva com este mundo, relação de conhecimento com este mundo, como por exemplo, de sujeito para objeto. Podemos compreender, desta forma, que esse *dasein* não é o sujeito, mas um ente existencial. Segundo Werle (2003):

Entretanto, se partimos da compreensão do ser que define a existência, também deve ser levado em conta que esta existência é na maior parte das vezes existência inautêntica [uneigentlich], ou seja, o homem no cotidiano se mantém numa situação de encobrimento de seu ser, possui uma

interpretação errônea de sua própria existência, que se mantém para ele encoberta. Esta tendência de encobrimento é principalmente provocada pela tradição, que no mundo grego colocou pela primeira vez a questão do ser, mas logo em seguida a esqueceu e a afirmou sucessivamente apenas por meio do ser do ente, mas não do ser enquanto tal (WERLE, 2003, p. 99).

Pela relação com o mundo circundante esse *dasein* se encontra seduzido pelos entes e isso lhe causa uma inquietação natural da falta de interesse por si próprio e por se deixar dominar pelos entes mundanos, quer dizer, este existente ao esquecer-se de si converte-se em um objeto, sendo coisificado pelos entes e então esse *dasein* passa a ser regido pelas coisas, vivendo uma inautenticidade. Enfatizando esta relação do *dasein* com o cotidiano:

A coerência do mundo cotidiano, sua naturalidade, faz que nele nos encontremos à vontade, cómodos, porque sabemos a que nos ater: tudo se desenvolve regularmente e, quando algo insólito aparece, a própria tendência à nivelção o equipara ao conhecido e manejável (USCATESCU, 2001, p. 221)<sup>10</sup>.

Percebe-se na citação acima que o existente com relação à cotidianidade, vive agradavelmente, usufruindo da melhor maneira de todos os entes com os quais se relaciona e se ocupa, esquecendo de si próprio.

Mas para Mounier (1963) esta facticidade de estarmos aí, sem razão, é algo absurdo

Pois quando despertamos para a consciência e para a vida, já estamos aí, não o pedimos. Como se tivéssemos sido lançados – por quem? – por ninguém – para quê – para nada. É este o sentimento da nossa situação original, sentimento supremo para lá do qual não há nada. Acordo em plena viagem, numa história de loucos (MOUNIER, 1963, p. 53).

Se para o existencialista cristão é inconcebível a ideia de que não há uma essência anterior à sua existência; para o existencialista ateu é inadmissível a ideia de que há uma essência anterior à sua existência.

O que trouxemos para esta seção é apenas parte do que são os existencialismos filosóficos ateu e cristão, suas diferenças e perspectivas, mas o que não podemos negar é que o foco dessas duas vertentes está no ser existente. Se por um lado temos o livre-arbítrio cristão, que coloca o existente cristão numa situação de quase um existente ateu, pois somos livres para agirmos como quisermos, porém, sempre prestando contas a Deus e, por outro lado, temos a liberdade como uma

---

<sup>10</sup> Tradução deste pesquisador.

condenação, na qual o existente ateu carrega consigo toda responsabilidade por cada um de seus atos. A diferença é que há maior conforto para o existente cristão, pois suas faltas podem ser absolvidas por Deus. Isso não ocorre com o existente ateu, pois não há essência anterior à sua existência que o conforte e todo o fardo de suas faltas recairá sobre si mesmo.

Como se percebe, buscamos apenas diferenciar os existencialismos cristão e ateu, pois na seção três, ao abordarmos e analisarmos nosso objeto de estudo, dialogaremos com o existencialismo ateu sartreano e alguns de seus conceitos trabalhados em dois fóruns de discussão por alunos do 8º ano do ensino fundamental II de um colégio particular, retomando este tema.

Antes de passarmos para a próxima seção, gostaríamos de aclarar um pouco os conceitos sartreanos aqui analisados, a saber, liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade.

Sartre (2014<sup>a</sup>; 2014b) por ser ateu, defendeu que a existência precede a essência, ou seja, primeiramente nascemos e, posteriormente construímos nossa essência ao longo da vida. Para o filósofo francês não existe um Deus (essência) que nos tenha criado. Sendo assim, o conceito de liberdade é inerente ao ser humano, por isso o filósofo defende que estamos condenados à liberdade.

O segundo conceito aqui trabalhado é o de escolhas, que está totalmente vinculado à liberdade e que vai formar a essência do ser humano a cada ação ou escolha sua. E se estamos aqui falando sobre escolhas, estamos falando de dúvidas e medos, pois elas geram esses sentimentos nos momentos de fazer escolhas. Essas dúvidas e medos causam o terceiro conceito aqui analisado, ou seja, a angústia em quem escolhe, pois não tem o controle dos resultados sobre suas escolhas.

E para terminarmos, vamos para o último conceito aqui analisado, o de responsabilidade. A responsabilidade está atrelada à existência humana que está condenada à liberdade de fazer escolhas e faz com que o ser humano seja o total responsável por elas, tendo êxito ou não.

Há um conceito muito caro no existencialismo sartreano chamado má-fé que não trabalhamos aqui com os estudantes. A má-fé sartreana, grosso modo, é o ser humano se eximir de toda culpa por suas escolhas nos resultados negativos gerados por elas. Optamos por não trabalhar o conceito de má-fé com os estudantes nos fóruns de discussão, exatamente por terem apenas uma aula semanal, o que demandaria

muito mais tempo de trabalho. Logicamente que a má-fé foi explorada em sala de aula em outro momento.

### SEÇÃO 3 - ANÁLISE DOS CONTEÚDOS DOS FÓRUMS DE DISCUSSÃO

Nesta seção analisamos o conteúdo contido nos dois fóruns de discussão, nos quais, estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular de Jaú-SP, nas aulas de Filosofia, interagiram entre si. A atividade proposta foi a de explorar alguns conceitos do filósofo francês Jean-Paul Sartre, a saber, liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade. Para tanto, dividiu-se a atividade em dois momentos: o primeiro momento se voltou ao senso comum, no qual os estudantes tinham que escrever o que eles entendiam ou compreendiam acerca dos conceitos supracitados, uma sondagem inicial dos educandos diante desses conceitos. Para o segundo momento eles fizeram a mesma atividade, só que desta vez, após terem o contato com esses conceitos através de ações e atividades que o professor previamente planejou.

Entre o primeiro e o segundo fórum de discussão, o professor apresentou os referidos conceitos durante seis horas aulas, o que equivale a umas seis semanas de trabalho do docente nesse sentido, pois ele tem uma aula semanal com o 8º ano.

O conteúdo foi desenvolvido por meio de apresentações no *PowerPoint*, de excertos e citações contidos nos livros de Sartre (2014a; 2014b), além de escritos elaborados pelo professor acerca dos conceitos, mas sem que os alunos tenham tido toda a explicação nos mínimos detalhes, e sim, como um despertar filosófico. Durante as aulas os estudantes leram os excertos, citações e o texto escrito pelo professor, assim como houve momentos de diálogos entre os alunos e exemplos trazidos por eles, especificamente sobre cada conceito.

Dentre os procedimentos didáticos aplicados pelo professor prevaleceu a escuta ativa, onde o professor os ouvia, porém não emitia sua opinião positiva ou negativa com relação ao que eles conversavam, pois o segundo fórum de discussão ainda estava por vir. O docente apenas os direcionava para que buscassem as definições que tinham dúvidas em dicionários ou em sites na internet.

Nessas interações nem todos os alunos participavam, alguns educandos só escutavam ou prestavam atenção em tudo. Vale ressaltar aqui que nem todos os estudantes se sentem à vontade para emitirem suas opiniões. Dentre os possíveis motivos, percebeu-se muita timidez, através do posicionamento passivo desses que o colocavam na condição de espera para uma possível análise do professor, os pré-

juízos dos colegas ou até mesmo possíveis brincadeiras vindas da turma fizeram com que esses não interagissem oralmente.

Todas essas interações eram como se fosse uma prévia do que teriam que fazer no segundo fórum de discussão, pois deveriam fazer o que fizeram no primeiro, só que posicionando-se diante dos conceitos com uma bagagem que perpassasse os limites do senso comum e interagindo entre si. Para isso a linguagem deveria ser distinta da utilizada no primeiro fórum de discussão, pois não se tratava mais de senso comum.

O escopo desses fóruns de discussão foi explorar a capacidade de absorção dos alunos, analisar se eles conseguiram se aproximar dos conceitos trabalhados por Sartre (2014a; 2014b) ou, até mesmo, se distanciar dos mesmos, além da linguagem utilizada, obviamente.

Para que fique mais claro, abaixo estão as orientações e coordenadas do professor com relação aos fóruns de discussão:

### ***Fórum de discussão 1***

*“Olá, estudantes e jovens filósofos!*

*Neste fórum eu gostaria que vocês se posicionassem com relação aos seguintes conceitos: liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade. Como foi orientado em sala de aula, peço que vocês se utilizem apenas de sua experiência pessoal para se colocarem diante dos conceitos acima e sem auxílio de obras ou internet para consulta.*

*Bom trabalho”!*

### ***Fórum de discussão 2***

*“Olá, estudantes e jovens filósofos!*

*Neste fórum eu gostaria que vocês se posicionassem com relação aos seguintes conceitos: liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade. Como foi orientado em sala de aula, peço que vocês se utilizem da base teórica estudada nas aulas de filosofia. Suas colocações diante dos conceitos acima, devem estar pautadas no que estudamos com respeito ao pensamento do filósofo francês Jean-Paul Sartre. Em sua primeira contribuição, vocês devem dialogar com os conceitos. Em seguida, vocês*

*devem dialogar com algum(a) ou alguns/algumas de seus/suas colegas acerca da contribuição dele(a)(s).*

*Bom trabalho”!*

Para este tipo de análise optamos por dividir as contribuições dos alunos em blocos, pois o que buscamos aqui foi compreender quem mais se aproximou e mais se distanciou dos conceitos, além, claro, de atentarmos às formas de posicionamento desses estudantes. Também, desta maneira, pudemos e conseguimos analisar duas turmas do ano de 2018, todas com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de um colégio particular da cidade de Jaú-SP, que é o nicho dessa pesquisa

Este trabalho, como relatamos acima, buscou-se, então, realizar uma análise do conteúdo de dois fóruns de discussão. Por ser uma análise subjetiva, ela nos dá a liberdade de realizarmos uma interpretação qualitativa, com o escopo de identificar o quão distantes ou próximos os estudantes chegaram, ao discutirem alguns conceitos sartreanos.

Por questões éticas, não colocaremos nas participações e interações os verdadeiros nomes dos alunos, pois o que está em pauta aqui não é o estudante em si, mas, sim, o conteúdo inserido por ele(a) em nosso objeto de estudo.

Ao mesmo tempo em que apresentaremos os fóruns de discussão, traremos para um diálogo os conceitos trabalhados à luz do filósofo francês Jean-Paul Sartre e, conseqüentemente, alguns comentadores e pensadores, pois pensamos que dessa maneira a nossa análise seja mais compreensível aos olhos dos leitores.

Começaremos com o primeiro fórum de discussão, mas antes, gostaríamos de enfatizar que fomos fiéis aos acertos e erros ortográficos e gramaticais por parte dos estudantes, pois entendemos que deveríamos manter a escrita original em sua íntegra.

Neste primeiro momento veremos todas as participações e interações dos estudantes que se dispuseram e se engajaram efetivamente ou não com a proposta inicial. Para melhor compreensão, foram analisadas duas turmas (A e B), dividimos as participações em três grupos cada turma e por níveis de engajamento: agrupamento 1, os que foram proativos e envolvidos diante da proposta aqui traçada; agrupamento dois, os que foram muito bem, porém não tanto como os estudantes do agrupamento 1; o agrupamento 3, os estudantes que não se envolveram com a proposta de trabalho oferecida.

**Turma A/2018**

23/08/2018

**MRP**

23:49

*“Liberdade significa o direito de agir de acordo com seu livre arbítrio, sua própria vontade, desde que não prejudique outra pessoa, é a sensação de estar livre e não depender de ninguém. Isso e o que diz um dicionário ou qualquer site de definição, mas para mim, a verdadeira liberdade é um ato puramente interior, como a verdadeira solidão: devemos aprender a senti-los livres até num cárcere, e estar sozinho até no meio da multidão. Mas onde deve se procurar a liberdade, é nos sentimentos, que são a essência da alma viva. Sei que nossos dias, sucessivamente, são como vários cenários de um filme, sempre repetidos, entediantes, chatos, sem graça, não parecem oferecer nem ao menos uma vontade de acordar no dia seguinte, mas devemos mudar isso. A cada segundo, somos, consideravelmente, livres para fazer o que quisermos, pensando nas consequências, às vezes nos arriscando, isso é bom, se arrisca sem saber o futuro. Se arriscar nos faz perder esse medo, acompanhado da angústia do que pode acontecer. A vida é como um jogo, somos as peças escolhidas para enfrentar os monstros, apenas não podemos deixar que haja uma pessoa alheia que te controle, como se fosse simplesmente uma mera marionete, com cordinhas que alheios podem movimentar e escolher por você. Somos as peças, mas com vidas próprias. Algumas vezes pode demorar para que consigamos avançar, passar de fase, mas a vida é longa, está tudo ir devagar, o mundo real é diferente do prometido, daquilo que nossos pais diziam ser, daquele conto de fadas que assistíamos na tv, por isso, está tudo bem parar, não há necessidade de correr sem ao menos ter um motivo, contanto que haja momentos em que você sinta felicidade. Tudo bem não ter um sonho. A escolha que considero realmente errada, é quando preferimos correr por um sonho que não é nosso, dar tanta atenção para o que dizem sobre você, que chega ao ponto de mudar sua vida para ser como dizem ser o "perfeito", o que é certo ou errado. Não viva pelos outros. Não importa quantos anos você tenha, com certeza ainda sente a criança dentro de você, aquela inocente e pura que dormia com um sorriso no rosto sonhando em ser talvez um herói ou uma princesa. Essa angústia que sentimos com medo do futuro, do amanhã, é horrível, nos destrói pouco a pouco, mas se conseguirmos sonhar, mesmo que seja algo impossível, não precisa ser grandioso, não importa o tamanho, apenas por selecionarmos nossos objetivos, de acordo com o que será melhor para nós mesmo, talvez possamos decidir o amanhã, no mínimo um pouco. Mesmo quando tudo der errado, você que a culpa foi sua, mas devemos levantar, tirar essa corda de desespero que sufoca e continuar. Essa liberdade que você possui, é uma mistura de convivências, escolhas e consequências, medos, sonhos e pesadelos, perdas e vitórias. Podemos sorrir e levantar, você consegue, você é forte, mas você possui um sonho? - desculpa a má qualidade do texto, não tenho noção do que escrevi. Bora reagir ao povo agora. :”)*

23/08/2018

**JMG**

20:37

*“No meu ponto de vista o Existencialismo visa os conceitos de VIVER e EXISTIR. Uma vez que possuem significados distintos, viver se trata de aproveitar sua existência, não ser apenas a cópia da cópia da cópia de alguém. Viver é tomar suas próprias*

*decisões com base em nossos princípios e desejos, mas arcando com as consequências. Aí entramos na questão do humano ser livre, mas acaba não usufruindo completamente dessa liberdade, por conta das escolhas, que acabam sendo angustiantes, por conta da consequência desconhecida que teremos de enfrentar. O homem é livre, mas escolhe não ser livre para não sofrer com essa angústia constante e é nesse momento em que utilizamos as críticas e opiniões alheias de forma errônea. Devemos utilizar as experiências de outras pessoas para termos ideias sobre o que queremos ou não nos tornar, assim como apenas utilizar as críticas construtivas para nossa melhora. Somos os únicos responsáveis por nossas escolhas e as consequências dessas, mas tendemos a colocar a culpa em alheios para sentirmos um falso alívio, mas na verdade estamos fugindo de nossos deveres e apenas enganando a nós mesmos. A partir do momento em que temos um final premeditado e inevitável, nosso pequeno período chamado VIDA e como vamos aproveitá-la é a principal questão. Não devemos apenas existir, sermos simplesmente o que querem que sejamos e ter uma rotina monótona. Somos livres e devemos utilizar desta liberdade com racionalidade, assumindo as consequências das escolhas que tomamos. Caso não gostemos do “caminho” que estamos seguindo, podemos mudar fazer novas escolhas, recomeçar. As escolhas são difíceis de serem tomadas pelas consequências desconhecidas e os efeitos dessas em nossas vidas. Basta arcar e lidar com as consequências e caso não for do jeito que esperávamos, podemos mudar já que somos livres. O homem escreve a própria história a sua maneira e não é sempre que vamos acertar de primeira”.*

Responder

**MRP**

24/08/2018 - 00:05

*Gostei muito de como explicou seu ponto de vista e seus argumentos, uma das partes que achei mais interessante foi "Devemos utilizar as experiências de outras pessoas para termos ideia sobre o que queremos ou não nos tornar, assim como apenas utilizar as críticas construtivas para nossa melhora." Achei interessante o modo como escreveu sobre nossas escolhas, podermos mudar, aproveitarmos melhor a vida, recomeçar, arcar com as consequências, etc :3 Minha Deusa disse tudo??*

**MRP**

23/08/2018 - 23:58

*“viver se trata de aproveitar sua existência, não apenas a cópia da cópia da cópia de alguém” amei*

**FBF**

23/08/2018 - 21:22

*“Achei ótimos os seus argumentos, principalmente esse trecho: "Nosso pequeno período chamado VIDA e como vamos aproveitá-la é a principal questão. Não devemos apenas existir, sermos simplesmente o que querem que sejamos e ter uma rotina monótona. Somos livres e devemos utilizar desta liberdade com racionalidade, assumindo as consequências das escolhas que tomamos". ;)”*

**GVP**

23/08/2018 - 20:43

*“Concordo e achei muito interessante você ter comentado sobre não sermos marionetes que simplesmente são manipulados por terceiros”.*

**PGB**

20:11

*“Para mim liberdade é estar livre de algo, ter suas próprias escolhas, escolhas é ter vontade de alguma coisa tipo estudar para ter um ótimo futuro, o emprego que voce vai escolher futuramente, já a angústia é ter falta de ou sentir falta de por exemplo ter saudades de seus pais, que também pode causar a solidão, e a responsabilidade é ser responsável, como no futuro seus pais não estarão a mais aqui para te ajudar em algo, aprender a crescer sozinho”.*

Responder

**RP**

19:57

*“Pra mim, liberdade é quando voce fica livre de um determinado assunto, quando pessoas saiem e deixa voce livre naquele lugar, ou quando voce fica livre de um trabalho ou quando voce não tem nada para fazer, escolhas para mim, são escolhas que voce mesmo tem que decidir e ninguem pode tentar convencer voce a pegar uma outra escolha, e sim, ajudar pensando nas suas escolhas que um dia pode te deixar mais triste, feliz e etc, pra mim angustia é quando voce está tendo falta de humor, insegurança e depressão por voce mesmo ou alguém te xingando ou maltratando-o, pra mim responsabilidade é uma coisa que voce desenvolve sozinho e ter uma certa responsabilidade por aquilo ou alguém, que pode ser algo legal ou chato”*

Responder

**LLT**

18:55

*“Eu acho que o homem é livre para fazer suas escolhas dentro de uma sociedade que aqiloné permitido pelo governo. Muitos países do oriente medio as pessoas não são livres para fazer suas coisas. Cada pessoa tem que ter responsabilidade sobre os seus deveres, a responsabilidade é so dela não dos outros. Muitas pessoas tem angustia de expressar o que pensam, muitas cezes guardando aquilo para ele mesmo e o deixando triste. As pessoas são livres para tomar suas escolhas na vida, sejam elas boas ou ruins”.*

**LTR**

18:23

*“A liberdade vem do homem, que tem que arcar com as consequencias da liberdade da escolha e sentir a angustia. O poder que o homem tem sobre essas liberdades ele mal sabe controlar, pouco sao os homens que a controlam. Quando pensar em algo é quiser executa-la, você podera fazer, pois tem liberdade, mas arque com as consequencias de suas escolhas”.*

Responder

**LTR**

18:27

*“Complementando o meu ultimo post. O homem tem de fazer suas escolhas com base nele mesmo, sem se importar com a opinião dos outros”*

Responder

**PGB**

23/08/2018 - 20:13

*“É verdade toda escolha do homem sempre ter que ter algo de difícil ou sempre uma consequencia”*

**RP**

23/08/2018 - 20:00

*“concordo, o homem pode escolher algo mas tem que lidar com sua consequencias depois”*

**MIH**

16:56

*“O homem ele é livre para fazer o que quiser, mas ele não sabe como usar esse “poder”. O ser humano faz escolhas, mas cada escolha tem uma consequência, às vezes boas e às vezes ruins. O poder de escolher o que quiser causa angústia para o homem, pois ele fica pensando o que os outros vão achar da SUA escolha. Então ele se sente responsável em escolher entre o que é bom para ele ou o que é bom para sua imagem diante dos outros”.*

Responder

22/08

**IMB**

23:33

*“você é quem faz suas escolhas, e ninguém terá culpa do que ocorrerá, as consequencias vão ser todas por sua decisão, quem decidiu fazer isso foi você e não o outro, mesmo se o outro falou para você fazer, quem fez e quem tomou a decisão final foi você. Você pode escolher o certo ou o errado. Liberdade. Você irá escolher, se irá fazer a coisa certa ou a coisa errada”.*

Responder

**MFFG**

23/08/2018 - 16:36

*“Concordo com você. Minhas consequências acontecem por conta das MINHAS escolhas”.*

23/08/2018

**MFFG**

18:06

*“No meu entendimento os seguintes conceitos estão ligados, a LIBERDADE de certa forma é uma escolha própria, pois eu posso me impor e fazer coisas "libertadoras" ou posso ficar calada e não ser livre ,por mais que todos os seres humanos tem o direito serem livres. A vida é feita de ESCOLHAS, posso escolher o certo ou o errado, posso escolher fazer isso ou aquilo, mas tudo que eu escolher, no futuro terá uma consequência e ela pode ser muito boa ou muito ruim. Isso nos torna*

*RESPONSÁVEIS, já que temos que pensar com responsabilidade "o que será melhor para mim e para os outros". E por isso o ser humano fica ANGUSTIADO em tomar certas atitudes e escolhas que no futuro podem ser ruins. O homem fica com certo medo ou então receio de suas escolhas. As nossas escolhas nos dá liberdade, simultaneamente temos a responsabilidade das nossas escolhas e suas consequências, fazendo ficar angustiante essa li verdade".*

Responder

**GMCB**

25/08/2018 - 22:35

*"Gostei das suas colocações! Muito bom!"*

**LLT**

23/08/2018 - 18:57

*"Concordo em tudo, muito bom????"*

**LLT**

23/08/2018 - 18:57

*"???" foi errado"*

**LTR**

23/08/2018 - 18:26

*"Concordo plenamente, o homem que deve ter suas escolhas além de ter a sua PROPIA escolha, não precisando ligar para o que os outros acham"*

**MIH**

23/08/2018 - 16:58

*"Concordo com a parte em que você diz que o ser humano acaba se responsabilizando diante das suas escolhas".*

**IMB**

22/08/2018 - 23:34

*"concordo, é uma escolha PRÓPRIA".*

23/08/2018

**GMCB**

15:57

*"Em meu entendimento os conceitos acima são, de maneira direta ou indireta, ligados. Entendo que cada um de nós tem a própria vida, que por sua vez é moldada da maneira que a pessoa quer, ela **escolhe** o que vai fazer, que caminho seguir, o porquê, quando vai fazer e onde vai fazer determinada coisa. Isso mostra que cada ser tem uma **liberdade**, essa liberdade é algo a ser questionado, pois você pode fazer tudo, mas nem tudo convém ao ritmo que você propõe a sua vida. Por esse motivo surge um medo de errar de caminho e não poder arcar com as consequências de seus atos, esse medo é conhecido como **angústia**. Todos sentem esse medo e a primeira coisa que vem na cabeça quando pensamos na angústia é: "Se tal coisa acontecer, como vou lidar com ela?" essa pergunta gera uma coisa chamada **responsabilidade**, pois devemos entender que se algo decorrente das nossas atitudes acontecer somos os únicos a poder lidar com esse problema, ou seja, precisamos ser responsáveis".*

Responder

**FBF**

23/08/2018 - 21:14

*"Gostei dos pontos que você ligou com os temas propostos. Bem pensado!"*

**JMG**

23/08/2018 - 20:55

*"Concordo com sua colocação, muito bem observado as relações entre os conceitos".  
Adorei :3*

20/08

**PVG**

20:45

*"Todos nós temos o livre-arbítrio, isto é fato, considerando esta afirmação podemos fazer escolhas, cometer atos, bons ou ruins, e tudo o que mais existe no mundo, por livre e espontânea vontade. A nossa vida é definidade em escolher. Você escolhe sua profissão, seus hobbies, sua universidade, seu(a) companheiro(a), etc. Apesar disso, todas essas "opções" são acompanhadas de consequências, boas ou ruins. Por exemplo, considerando um dos mais tolos, se você toma uma decisão muito difícil para ti. Você decide que vai pular de uma ponte, a decisão é sua. mas com ela vem a consequencia. você pode se ferir muito ou até mesmo falecer. Claramente esta decisão nao é algo tão presente no nosso dia a dia. o meu principal objetivo é que tudo tem um "depois", e você deve lidar com ele. O que nos deixa com muito medo. Medo de fazer uma escolha errada e ter consequências ruins. Basicamente, você é totalmente livre, mas você deve saber lidar com isso. Não ser intenso à extravagancia ou desistir de si mesmo tao fácil. beijou, pessoas! Basicamente, você é totalmente livre, mas você deve saber lidar com isso. Não ser intenso à extravagancia ou desistir de si mesmo tao fácil. beijou, pessoas!"*

Responder

23/08/2018

**LRN**

20:04

*"Acredito que temos a liberdade de fazer nossas escolhas, elas podem ser certas ou não. Somos donos da nossa própria vida, e os culpados pelos nossos erros e acertos. Temos muita angústia sobre as coisas pois não sabemos se estamos corretos ou não, se fizemos a coisa certa. Se fizermos escolhas errados temos que nos responsabilizar por aquilo e optar por outra escolha da próxima vez"*

Responder

**LTR**

23/08/2018 - 18:28

*"Concordo, nos temos que tomar do que fizemos, e o que fizemos foi tomar uma escolha errada e arcar com ela".*

**MFFG**

23/08/2018 - 16:38

*"Concordo, pois como temos essa liberdade, somos os culpados pelos nossos erros e acertos".*

**FCAP**

14:39

*“Na minha opinião, todos nós temos que ser responsáveis pelos seus atos e ações feitos a cada dia. Todos temos a liberdade de se expressar, e a angústia de pensar sobre os atos que fizemos para ficarmos preocupados ou satisfeitos com aquilo que fizemos. O existencialismo é a arte de existir não de viver. Ninguém nasce com uma função, e sim nascemos para crescer, desenvolver, para criarmos um propósito para nós no mundo”.*

Responder

**BMV**

14:17

*“Acredito que sou responsável por mim mesmo, tenho a liberdade de fazer o que eu acho certo e necessário para que **MINHA VIDA** seja bem executada, movida de escolhas que eu mesmo as escolhi para meu bem próprio, essas decisões vão ter uma consequência sendo boa ou ruim. A angústia seria o sentimento que acontece ao fazer uma escolhas, "Será que eu fiz o certo?" isso é angustia, simplesmente o medo que voce sente quando faz uma escolha, pois no futuro o resultado pode ser bom ou ruim. Cada um tem seu pensamento, suas escolhas, sua liberdade, suas consequências, sua história, sua dor...**APESAR CADA UM TEM SUA VIDA...**”*

Responder

**GMCB**

21/08/2018 - 16:02

*“Achei muito legal e objetiva a forma como encerrou sua opinião! Concordo plenamente”.*

19/08/2018

**GVP**

16:50

*“Acredito que nossas responsabilidades pesam muito na hora de escolhermos os caminhos a que seguiremos, fazendo com que fiquemos com o pé atrás por mínima que seja a importância da situação. Desde pequenos sabemos que nossas decisões trazem consequências (sendo elas boas ou não), mesmo com a imaturidade e falta de experiência. Sabíamos que se roubássemos o doce da outra criança, ela provavelmente choraria e receberíamos uma bronca dos nossos pais ou dos responsáveis na hora. Por isso, ao invés de armar toda essa confusão, pedíamos um igual, também sabendo que a resposta poderia ser positiva ou não. Pode parecer um exemplo tosco, mas expressa bem como, mesmo ignorando, o senso de liberdade está "implantado" em nós há muito antes de sequer termos consciência disso. E é por ter passado por tantas pequenas situações de "ou A ou B" em que fizemos alguma burrada ou a mais brilhante das escolhas, que sabemos que não se pode tapar os olhos para tamanha responsabilidade: colocar nossa vida no caminho que queremos que ela siga. Havendo interferência de terceiras pessoas ou não, isso não muda o fato de que a vida de cada um depende de quem a está vivendo, ora. Ninguém além de você vai sentir o peso de uma decisão errada, assim como ninguém além de você consegue ficar tão feliz com o seu sucesso. Toda essa coisa de "minha vida", "minhas escolhas", "minhas responsabilidades" e "minha LIBERDADE" pode parecer muito egoísta. Mas, afinal, podemos viver no lugar de outra pessoa? Podemos decidir por*

*ela? Podemos sentir por ela? Não, não e não. E, com tudo isso em mente, ainda insistimos em dizer que a culpa é do outro para aliviar a angústia frente à liberdade".*  
Responder

**FBF**

23/08/2018 - 21:19

*"Adorei seus argumentos! Concordo plenamente que somos nós que vivemos a nossa vida. E somente nós sabemos o quão assustador isso pode ser, mas é inviável que não vivamos isso. Amei :)"*

**JMG**

23/08/2018 - 20:45

*"Lindíssima, falou tudo. Concordo com o fato de parecer egoísmo, mas seria um egoísmo necessário já que se trata apenas de nossa vida e responsabilidades que apenas nós mesmos vamos ter de lidar".*

**GMCB**

21/08/2018 - 16:00

*"Concordo com o que disse sobre o egoísmo e sobre a culpa que queremos botar nos outros, gostei bastante!"*

**MRP**

23/08/2018 - 23:55

*"Melhor parte do existencialismo é quando te dão A, B, C e D opções, e mesmo assim você prefere a E :v. Gostei muito pequena??"*

23/08/2018

**NMF**

11:47

*"Na minha opinião, temos liberdade para fazer o que quisermos e onde quisermos, com isso as escolhas serão necessárias, pois, para fazermos o que queremos precisamos escolher, tendo assim uma consequência na qual pode ser boa ou ruim, tendo uma certa responsabilidade sobre isso. Uma má escolha entre a liberdade e a responsabilidade pode resultar na angustia. Mesmo pensando que não irá fazer uma escolha, está escolhendo não escolher. Como por exemplo em uma prova, que vc terá de escolher entre a ou b, com isso vc decide não assinalar nenhuma das duas tendo assim a escolha de não escolhe-lás".*

Responder

**JMG**

23/08/2018 - 20:49

*"Concordo plenamente, afinal somos feitos de escolhas mesmo que não percebemos isso".*

**GVP**

22/08/2018 - 22:07

*"Concordo com o que disse sobre não podermos fugir das escolhas".*

**BMV**

20/08/2018 - 13:59

*“Concordo, acredito que nossa vida é movida por escolhas, apesar somos livres para fazer decisões que acreditamos que são necessárias naquele momento”.*

18/08/2018

**FBF**

11:34

*“Na minha opinião, liberdade está ligada ao pesamento das pessoas. Somos livres para fazermos o que quisermos, porém não são todas as coisas que nos convém. A todo momento de nossas vidas, fazemos escolhas. Mesmo que seja uma escolha pequena, como concordar com uma pessoa ou não, até uma escolha de grande porte, como escolher qual faculdade você quer cursar. Tantas escolhas geram angústia de fazermos a escolha errada, e tendemos a colocar a nossa responsabilidade em outras pessoas. Ou seja, temos liberdade de fazer escolhas. Essas escolhas nos deixam com medo de não ser a certa, gerando uma certa angústia de saber que, ao fazermos tal ato, a responsabilidade estará em nós. NÓS somos os responsáveis pelos atos que fazemos. Somos responsáveis, mesmo não sabendo o que queremos, pelas escolhas que fazemos para nos ajudar a adquirir o conhecimento. O que nos leva a fazer a seguinte relação:*

**Liberdade** = fazer o que quisermos --> gerando --> **escolhas** --> que gera **angústia** e sofrimento --> o que tende a fazer com que coloquemos a culpa no outro, para que fiquemos livres da **responsabilidade**, que, desde o começo, quando tivemos a liberdade para fazer as nossas escolhas, sabíamos que a responsabilidade ia ser nossa. E somente nossa. Isso é o **existencialismo**”.

Responder

**GVP**

22/08/2018 - 22:06

*“Concordo com o que disse, principalmente sobre a conveniência, que deve ser levada em consideração nas nossas decisões. Também gostei bastante do esquema que fez, muito bom”*

**NMF**

19/08/2018 - 12:12

*“Concordo, pois também acredito que tudo o q fazemos e dizemos é nossa, e somente nossa responsabilidade. Assim não podemos culpar o outro pelas nossas escolhas, sendo elas boas ou ruins”.*

**Turma B/2018**

28/08/2018

**VMD**

11:38

*“Todos nós temos a liberdade de fazer escolhas, depois de fazer essas escolhas virão as consequências que nos causará angústia e nós teremos que ter a responsabilidade de lidar com elas”*

16/08/2018

**LLB**

18:48

*“Temos liberdade para tudo, para fazermos escolhas (desde escolher o que comer até algo mais arriscado, como matar uma pessoa). Essas escolhas nos trarão consequências, benéficas ou maléficas. Que podem nos influenciar a continuar fazer certas escolhas ou parar de fazê-las. As consequências nos trarão angústia pois temos que lidar com o que as nossas escolhas trarão, tivemos liberdade ao escolher, não fomos influenciados (por mais que alguém tenha pressionado a fazer algo), assim devemos pensar antes de “usar e abusar” da nossa liberdade”.*

Responder

25/08/2018

**RCF**

14:53

*“Na nossa vida, temos a total liberdade para fazermos aquilo que bem entendemos, porém nem sempre isso é algo bom. As nossas escolhas sempre trazem consequências, sendo elas boas ou ruins e como sempre, vamos ter que aprender a lidar com elas. De certa forma isso nos causa angústia, pois teremos que lidar com as consequências de nossas escolhas”.*

Responder

25/08/2018

**AFAS**

13:01

*“Nós temos liberdade para fazer as nossas escolhas do jeito que preferimos, porém nem sempre essa liberdade pode tornar-se algo bom. Depois de fazermos as escolhas que queríamos sempre haverá consequências boas ou ruins, teremos que aprender a lidar com elas. Essas consequências nos trarão uma angústia, quando não soubermos o que fazer com as nossas responsabilidades trazidas pela nossa liberdade de fazer escolhas”.*

Responder

24/08/2018

**MIP**

06:28

*“A liberdade faz com que você possa ser o que quiser, e ter suas escolhas próprias. Com a liberdade você pode ser livre para fazer qualquer ação e escolha, sem depender de alguma outra pessoa. As escolhas podem ter consequências boas ou ruins, e por esse motivo devemos ter responsabilidade, para saber lidar com essas situações. Quando alguma escolha gera uma consequência ruim sentimos angústia, uma sensação que faz com a pessoa se reprima”.*

Responder

**AFAS**

*“Muito bom!. Concordo totalmente com você, temos que lidar com as consequências de nossas escolhas”*

24/08/2018

**TMT**

05:56

*“Neste mundo, muitas pessoas tem a escolha de seguir sua liberdade, mas acabam apenas aderindo a escolhas de outros, assim, culpando o mesmo nas decisões*

*erradas e difíceis. E se localizando numa área de conforto. Já pessoas que tomam suas próprias decisões, conseguem escolher seus próprios caminhos e gostos. Essa opção muitas vezes pode trazer angústia as pessoas, como:*

*-Porque eu fiz essa decisão?*

*-Deveria ter escolhido igual ao outro*

*-Agora sofro sozinho.*

*Mas você, como já dito, tem a liberdade de suas escolhas.*

*Então cabe a você,*

*Oque irá decidir?"*

Responder

23/08/2018

**EGA**

18:08

*"Muitas pessoas têm angústia em ter liberdade, elas preferem ser mandadas por outras. Pois se ela fizer algo de errado ela vai colocar a culpa em quem mandou. Esse tipo de pessoa prefere ser mandado pois não tem que fazer escolhas que sempre levam uma consequência, dependendo da sua escolha sua consequência é boa ou ruim"*

Responder

23/08/2018

**PASF**

17:20

*"Tem muitas pessoas que não faz o que gosta pois são influenciadas por outras, mas para evitar isso devemos fazer nossas escolhas e não ouvir essas pessoas. Quando você tem liberdade, pode fazer escolhas boas ou ruins, se você fizer as ruins vai sofrer as consequências".*

Responder

**TMT**

24/08/2018 - 20:45

*"Eu concordo totalmente com vc P.! Como vc disse, muitas pessoas deixam de fazer coisas que tem oportunidade de fazerem e não fazem, devido as outras pessoas. E assim, se fazermos escolhas ruins a punição será apenas nossa, então, não podemos culpar o proximo, e, ter consciência de sua escolha. Ótima redação".*

24/08/2018

**EHO**

17:00

*"Muitas pessoas tem angústia de fazer o que gosta, expor seus sentimentos e fazer da sua vida o que ela quiser por meio de suas escolhas em geral, pois são influenciadas por outros, ou até reprimidas para fazerem algo que não é do seu interesse. Mas devemos sempre buscar uma autonomia que na minha opinião pode ser traduzida em liberdade, seja de expressão, uma escolha de gênero, uma escolha de vida, carreira de trabalho etc... Mesmo tendo que alcançar essa autonomia, devemos ter cuidado ao fazer uma escolha, pois se fizermos a errada, podemos ter sérias consequências em nossas vidas, pois tudo tem seu limite, então temos de ter responsabilidade, já que a vida é preciosa. Mesmo assim, errar é bom, pois só assim poderemos aprender com nosso erro, e tentar melhorar para escolhas futuras".*

Responder

23/08/2018

**TTR**

16:57

*“A liberdade nos abre um leque de opções e de caminhos, prontos para que nós os escolhamos. É preciso ter **responsabilidade** para arcar com as consequências, e dignidade para receber os benefícios que cada ação ou pensamento que tomamos de nossa própria liberdade pode resultar, sendo esse relatório bom ou ruim. Escolher então é uma palavra com um sentido vago, que alcança diferentes patamares, que se anula quando comparada à liberdade, pois são tantas as **escolhas** disponíveis, que é fácil se perder nas suas variantes, e, portanto, é difícil escolher. Essa dificuldade para tomar decisões que abrangem tantos pontos de nossa vida, arcando com suas consequências e admirando seus benefícios, nos trás **angústia**. O sentimento de poder escolher, de poder viver, de poder experimentar é anulado quando nos vêm a ideia de que temos tantas experiências possíveis que a indecisão sobe à cabeça, gerando um desconforto, a angústia. Portanto, ter que viver com o fato que a liberdade é tão ampla e as escolhas tão variadas, nos gera angústia, pois é difícil conceber tantos caminhos a serem conseguidos e alcançados e, também, a responsabilidade que teremos ao seguir determinado objetivo, com suas consequências e, até mesmo, benefícios”.*

Responder

**EHO**

23/08/2018 - 17:11

*“Muito bom. Não tinha pensado na parte de que há tantas escolhas que fica difícil escolher e saber suas consequências”.*

24/08/2018

**LGG**

15:53

**Liberdade**

*“Quando uma pessoa tem liberdade ela é livre para tomar suas decisões e fazer suas próprias escolhas sem a influência de alguém. Suas **Escolhas** sempre tem uma consequência, sendo ela boa ou ruim, o que nos devemos fazer é aprender com elas. Para fazer essas escolhas nós devemos ter **Responsabilidade**, com a responsabilidade nos conseguimos diferenciar o certo do errado, assim, tomando as decisões que sejam boas para nós. Geralmente quando tomamos decisões erradas, não apenas por falta de responsabilidade, mas sim por um deslize, sentimos **Angústia**, que é uma insegurança, um medo de fazer tudo dar errado novamente que te fecha por dentro e faz com que voce se reprima”.*

Responder

**LLB**

16/10/2018 - 18:50

*“Verdade. Muitas vezes tomamos decisões erradas por deslises. Adorei!”*

**EHO**

23/08/2018 - 17:13

*“E quando tomamos uma decisão errada, podemos até aprender com nosso erro”.*

**TTR**

23/08/2018 - 16:46

*'Traçar seu caminho e optar pelas tantas opções de liberdade é o que faz a nossa essência, e conviver com seus benefícios ou consequências nos torna mais "humanos".'*

21/08/2018

**CBR**

14:46

*"LIBERDADE: Liberdade é você ser livre para fazer o que quiser.*

*ESCOLHAS: Escolhas é a base da vida, pois tudo na vida feito por escolhas.*

*ANGÚSTIA: Ter insegurança de algo que você mesmo fez.*

*RESPONSABILIDADE: Responsabilidade é o amadurecimento de alguém em relação a qualquer coisa".*

Responder

20/08/2018

**LRS**

14:38

*"LIBERDADE: Liberdade é você expressar suas opiniões e fazer suas próprias escolhas, ser livre.*

*ESCOLHAS: Expressar suas ideias sem medo, o que decidimos fazer, ver o que mais lhe agrada.*

*ANGÚSTIA: Ter medo/insegurança de mostrar suas opiniões e fazer suas escolhas.*

*RESPONSABILIDADE: A responsabilidade é a junção dos tópicos acima, ter liberdade e ter consciência do que é certo e errado, fazer escolhas e arcar com as consequência das mesmas, sentir angústia e ter em mente de que você está se privando de novas experiências".*

Responder

23/08/2018

**EHO**

23/08/2018 - 17:16

*"Concordo com o seu trecho sobre responsabilidade, já que sempre devemos ter em mente o que cada escolha trará de bom ou ruim".*

**TTR**

23/08/2018 - 17:00

*"Gostei do seu trecho sobre responsabilidade. Não havia pensado nisso, e achei interessante!"*

**VL**

20/08/2018 - 14:40

*"Concordo. Todos devemos nos expressar".*

19/08/2018

**JAZ**

14:31

*“Liberdade é você poder fazer suas escolhas, poder escolher o que faz, sendo responsável pelas consequências e sabendo lidar com as angústias.*

*liberdade: o poder de ser livre e poder optar por suas escolhas.*

*escolhas: atos que que temos através do que decidimos fazer.*

*angústia: sentimentos que temos depois de determinadas decisões que foram*

*tomadas responsabilidade: ter consciência daquilo que faz e saber lidar com o pior que pode acontecer. tudo isso engloba uma unica coisa, o fato de que somente nós podemos tomar decisões sobre o que vamos fazer er não podemos culpar ninguem por escolhas erradas”.*

Responder

**TTR**

23/08/2018 - 17:03

*“Muito bom, J.! Esses tópicos tem sempre que estar sobre nosso controle e são parte de nossa essência”.*

**LRS**

20/08/2018 - 14:40

*“Concordo J., temos que ter responsabilidade e saber das angústias que isso pode trazer”.*

**VL**

20/08/2018 - 14:36

*“Concordo J. Todos decidimos fazer o que bem entendemos mas devemos agir conforme as consequencias”.*

**LSC**

20/08/2018 - 14:34

*“Concordo J., principalmente na hora de lidar com as consequências e não colocar a culpa em ninguém pelas escolhas feitas”.*

19/08/2018

**RGF**

17:44

*“**Liberdade:** ser livre para fazer suas proprias escolhas escolha, fazendo aquilo q vc goste.*

***escolhas:** vc decide o que deseja, mas pode ser q aquilo que escolheu nao seja a decisão certa e se escolher errado tera consequencias indesejaveis mas servira para vc aprender com os proprios erros e com o medo de errar ou prejudicar a si mesmo nos causa **angustia.***

***Temos q ter a responsabilidade** de que nossas escolhas fazem nosso camincamintemos qque pensar nelas antes de fazer”*

Responder

19/08/2018

**ABGN**

13:48

*“{LIBERDADE} Ser livre para agir pelo modo que voce mesmo deseja ,fazendo suas proprias {ESCOLHAS} a partir do que te faz bem, porem , com {RESPONSABILIDADE} pelas consequencias boas ou ruins que suas açoes podem causar, se essas consequencias forem boas, vao te fazer bem mas se forem ruins, podem causar a { ANGUSTIA}, por isso nem sempre a liberdade é uma coisa boa”*

Responder

19/08/2018

**IMG**

10:35

*“Libredade: é o modo de como devemos viver, podendo fazer nossas proprias vontades e escolhas,construindo nossos proprios caminhos e tomar decisões sendo boas ou ruins q possam trazer angústias se for ruim pela sensação de sofrimento, mas tudo por conta própria pois você é responsavelpor si mesmo e suas atitudes”.*

Responder

19/08/2018

**LLB**

08:48

*“Liberdade: É ser livre para fazer e ser o que quiser. Temos liberdade para tudo, mas não fazemos porque às vezes temos medo ou insegurança. Escolhas: Todos temos liberdade para fazer escolhas. Para mim, se você escolheu tal caminho, não tem mais volta mas tem atalhos, que você pode procurar um caminho alternativo, onde te leva para coisas boas.*

*Angústia: É ter medo de fazer escolhas pelo fato de prejudicar alguém ou a si mesmo.*

*Responsabilidade: É ter o consentimento de que escolhas tem consequências, sejam elas boas ou ruins, tanto pra você, quanto pro próximo.*

*Cheguei à conclusão de que tudo isso está ligado. Tudo isso faz parte da nossa vida... E creio que devemos antes de tudo, pensar nesses pontos antes de agir por impulso”.*

Responder

**RCF**

25/08/2018 - 14:54

*“Concordo com você, L. Devemos pensar muito antes de tomarmos alguma escolha”.*

**TTR**

23/08/2018 - 17:01

*“Concordo, L. Esses pontos fazem nossa essência e uma mente sã, que conhece a si própria”.*

**LRS**

20/08/2018 - 14:44

*“Concordo L., tudo esta ligado e que devemos pensar duas vezes antes de agir”.*

18/08/2018

**VL**

22:09

*“LIBERDADE: É você poder fazer suas próprias escolhas, fazer o que você tem vontade, ser você mesmo sem ter medo do que vão pensar de você. Tomar suas próprias decisões, ser livre.*

*ESCOLHAS: Uma pessoa poder fazer suas próprias decisões consciente de suas consequências; escolhendo os caminhos que você vai seguir, o que você vai fazer da sua vida, com todas as suas próprias escolhas.*

*ANGÚSTIA: Angústia de tomar sua escolhas mas ter medo pelo fato de que possa acontecer, medo de suas consequências. Angústia é algo "perigoso", ou seja, não conseguir fazer o que quer por medo.*

*RESPONSABILIDADE: Responsabilidade, saber agir de acordo com sua escolhas e suas consequências. Tudo esta ligado, ter liberdade para escolher, mas a angústia do que vai acontecer mesmo assim ter responsabilidade de agir de acordo com suas consequências”*

Responder

### **MIP**

24/08/2018 - 06:33

*“Concordo com você, em todas as explicações”.*

### **TTR**

23/08/2018 - 16:45

*“Concordo muito! Escolher é sempre bom e todos devemos traçar nossos caminhos!”*

### **LRS**

20/08/2018 - 14:41

*“Concordo Vi, temos que fazer nossas escolhas e saber das consequência das mesmas”*

### **JAZ**

20/08/2018 - 14:37

*“Concordo Vi, pois temos que seguir nossas vontades sem nos importar com os outros”.*

### **LSC**

20/08/2018 - 14:31

*“Concordo com você Vi, temos que ser livre mas também temos que saber lidar com as consequências das escolhas”.*

### **LLB**

19/08/2018 - 08:49

*“Concordo com você Vi, principalmente no ponto que todos esses conseitos estão ligados”.*

19/08/2018

### **SBB**

18:14

*“Liberdade na minha opinião é algo que todos temos,mas em algumas situações não somos livres, pois temos que seguir regras, também podemos escolher o que fazer da nossa vida, escolher o "lado bom" ou o "lado ruim", já as escolhas refletem no que somos, se escolhermos o lado ruim sempre sabemos que haverá consequências, já a*

*angústia sempre sentimos ela quando estamos inseguros, nervosos e etc, já a responsabilidade na minha opinião é você ter na mente que se fez algo errado, deve cumprir as consequências e a responsabilidade também está ligada as nossas escolhas liberdade”.*

Responder

23/08/2018

**CCG**

13:33

*“Liberdade é algo que temos, mas em partes, não podemos fazer o que bem entendermos, temos que seguir algumas regras. Porém somos livres sobre nossas escolhas, posso escolher o certo, posso escolher o errado, posso escolher o legal, o chato, o fácil, o difícil, etc... Mas, sabendo que haverá consequências, positivas ou negativas, mas haverá... Talvez ficaremos felizes com as consequências, ou simplesmente tristes, angustiados, o que pode nos levar a desistir, ou a levantar a cabeça e continuar, assumindo a responsabilidade que foi assinada quando fizemos as escolhas, ja sabíamos que coisas boas e ruins estavam propensas a acontecer”.*

Responder

**EGA**

23/08/2018 - 18:10

*“Muito bom C., não tinha lembrado da parte das regras”*

19/08/2018

**LSC**

09:27

**“LIBERDADE-** Para mim, liberdade significa ser livre para ter, escolher seus caminhos e não depender de ninguém, ser autônomo, desde que não prejudique o próximo.

**ESCOLHAS-** As escolhas são pessoais, mas isso não quer dizer que só vai trazer coisas boas para sua vida, pois como todos sabem temos nossos defeitos e erramos. Temos que ser fortes e escolher um caminho que achamos o melhor para seguir e viver com as consequências que existem e com as surpresas agradáveis. Precisamos pensar que a nossa vida está em nossas próprias mãos, somos donos do nosso futuro.

**ANGÚSTIA-** Temos angústia quando estamos "presos" em alguns lugares ou em algumas escolhas, "inseguros", "irritados", "sufocados". Só traz consequências para nossas vidas. Se não conseguir tratar essa "doença", pode causar uma depressão ainda maior.

**RESPONSABILIDADE-** Ser responsável pelo seu corpo, mente. Admitir e aquentar seus erros, sem jogar a culpa em alguém. Ser compromissado, se comportar corretamente perante algumas coisas. Fazer as coisas que prometeu, lutar para sua liberdade. Tudo isso entre outras coisas é ser responsáveis.

**OBS:** Se não temos opiniões, não vivemos apenas existimos. O importante é ter nosso jeito de viver, não ser "mais um" no mundo, mas ser "a pessoa", com seus costumes próprios, suas essências”.

Responder

**MIP**

24/08/2018 - 06:37

*“Concordo com você L., principalmente na parte das escolhas”.*

**LRS**

20/08/2018 - 14:42

*“Concordo L., todos temos nossas escolhas e nossas essências”***JAZ**

20/08/2018 - 14:35

*“Concordo com você L., acho que temos que fazer as coisas com consciência e lidar sozinhos com as angústias, é importante não seguirmos padrões de beleza, e fazer de nós mesmos a nossa melhor versão”.***VL**

20/08/2018 - 14:27

*“Eu concordo L. Todos temos nossas próprias manias e tudo mais.do elas boas ou ruins”.*

Acerca das participações individuais, percebe-se que todos os estudantes conseguiram se posicionar frente aos conceitos de liberdade, escolhas, angústia e liberdade; alguns desenvolveram seus textos amplamente e outros de forma limitada, mas de maneira geral se pensamos que por se tratar de senso comum, sem ao menos terem tido a oportunidade de uma explicação ou explanação prévia dos conceitos durante as aulas e que partiram das vivências e experiências individuais, compreendemos que a participação de cada um dos alunos foi muito produtiva.

Analisando mais profundamente, **alguns estudantes tiveram o cuidado de trabalhar com as palavras na confecção de seus textos**. Na **turma A** tivemos os estudantes **MRP, JMG, GMCB, PVG, GVP e FBF**; e na **turma B** tivemos **TMT, TTR, VL e LSC** com maior destaque.

Os referidos estudantes foram mais cuidadosos, desenvolveram seus textos claramente e conseguiram dar uma resposta aos conceitos, apesar da pouca idade, porém não mediram esforços e se dispuseram a realizar a atividade proposta pelo professor, mesmo não sabendo seu real objetivo. Destacam-se alguns pontos relevantes na linguagem e na escrita.

A linguagem utilizada por eles ficou distante da que estão acostumados nas redes sociais; **houve um olhar mais formal e menos coloquial**. Nesse primeiro momento foram mais específicos e procuraram definir e atribuir significados aos conceitos, o que nos leva a pensar que são alunos que gostam de ler e de escrever e que poderão se tornar futuros pensadores e pesquisadores. Já na escrita vemos que há uma **divisão dos conceitos e até mesmo uma coerência na sequência de cada explanação**. Não queremos aqui nos posicionar com respeito ao conteúdo em si, se

as explicações estão corretas ou não, mas destacamos que, por ser uma atividade que demanda certo conhecimento, envolvimento e dedicação todos os alunos citados neste primeiro fórum de discussão **foram coerentes com a proposta** exigida.

Quanto as demais participações, percebe-se que houve um comprometimento maior por parte de alguns e que até poderíamos pô-los no grupo já mencionado acima. Na **turma A** temos **RP, MFFG, BMV e NMF**; na **turma B** temos **LLB, AFAS, MIP, EHOOG, LGG, CBR e JAZ, RGF, LLB, GL, SBB e CCG**. Tais estudantes desenvolveram bons textos, explicaram os conceitos, mas **não foram tão cuidadosos na escrita e nem se engajaram tanto como o fez primeiro grupo** na atividade proposta. Pensamos que com um pouco mais de dedicação e cuidado, estariam no primeiro grupo analisado.

Os demais estudantes, que vamos classificá-los como o **terceiro grupo**, tiveram **menos cuidado e pouco envolvimento com a atividade proposta**; alguns foram mais claros que os outros, porém na explanação dos conceitos, ficaram aquém dos grupos anteriores; até mesmo o cuidado com a linguagem não foi tão explorado, pois **a linguagem coloquial prevaleceu e tampouco houve o cuidado de reler o texto e corrigir erros gramaticais perceptíveis**.

Falando **acerca das interações**, percebe-se que alguns tiveram maior interesse nos textos de alguns colegas e se comprometeram com o diálogo filosófico, mesmo que de forma simples. Logicamente que as interações fazem parte do cotidiano dos jovens e, por isso, elas se desenvolvem com facilidade, **mas nem todos os estudantes foram precisos nas interações**. Os destaques na **turma A** foram **NMF, MRP, FBF, GVP, PGB, RP, MFFG, LTR, MIH, MFFG, JMG, GMCB e BMV**; na **turma B** foram **VL, LLB, TMT, EHOOG, TTR, LRS, JAZ e LSC**. O destaque foi devido à **precisão com a qual interagiram, pois especificaram cada qual o ponto exato a ser destacado na participação do(a) colega**. Nota-se que existe um interesse pelo conteúdo apresentado pelo companheiro de turma. Houve, também, além do interesse, **uma participação mais efetiva por parte dos estudantes da turma A**.

Agora, quanto às **interações com menor intensidade e especificidade**, somente **interações que não acrescentaram muita coisa**, como por exemplo, **“Concordo em tudo, muito bom”**, **“Concordo, é uma escolha própria”**, entre outras, destacamos que os estudantes **da turma A** que se utilizaram desse tipo de linguagem foram **LLT e IMB**; já, na **turma B**, temos **AFAS, RCF, MIP, LLB e EGA**

que se utilizaram de linguagem como ***“Muito bom ...! Concordo totalmente com você, temos que lidar com as consequências de nossas escolhas”***, ***“Concordo com você, .... Devemos pensar muito antes de tomarmos alguma escolha”***, ***“Concordo com você, em todas as explicações”***, ***“Concordo com você ..., principalmente na parte das escolhas”***, ***“Muito bom ..., não tinha lembrado da parte das regras”***.

O **terceiro grupo** foi o destaque negativo do fórum de discussão, pois esses estudantes **não interagiram com ninguém** e apresentaram menos interesse e comprometimento com a atividade.

Logo após o primeiro fórum de discussão, o professor apresentou-lhes os conceitos trabalhados no fórum com base no existencialismo ateu de Sartre, e em seguida agrupou os alunos de forma a contemplar nos grupos os três agrupamentos anteriores e propôs uma atividade de discussão em sala e, depois disso, pediu-se novamente que se posicionassem e interagissem no segundo fórum de discussão, acerca dos mesmos conceitos, mas não sob a ótica do senso comum, do achismo, mas mais próximo possível do senso crítico respeitando a idade e maturidade dos estudantes.

Veremos, então, a participação das turmas A e B de 2018 no segundo fórum de discussão. Como foi especificado acima, serão expostos os posicionamentos e interações após as aulas sobre o existencialismo e dos conceitos em questão, sendo que a exigência para este segundo fórum de discussão foi que se posicionassem de acordo com o pensamento sartreano e não mais de acordo com o senso comum.

Para fins de organização textual, primeiramente apresentaremos o que foi transcrito pelos alunos com base no agrupamento realizado com base nos resultados obtidos pelos educandos, no que diz respeito a níveis de engajamento e proatividade, como forma de verificar se os estudantes se aproximaram ou não dos conceitos em questão, como fizemos na análise do primeiro fórum de discussão. Para melhor compreensão, foram analisadas duas turmas (A e B), dividimos as participações em três grupos cada turma e por níveis de engajamento: agrupamento 1, os que foram proativos e envolvidos diante da proposta aqui traçada; agrupamento dois, os que foram muito bem, porém não tanto como os estudantes do agrupamento 1; o agrupamento 3, os estudantes que não se envolveram com a proposta de trabalho oferecida. O diferencial do primeiro fórum de discussão para este segundo é que

veremos o quão os estudantes de aproximaram ou se distanciaram dos conceitos de Sartre (1905 -1980) analisados aqui. Além disso, dialogaremos com alguns autores, pensadores, comentadores e com o próprio Sartre (2014a; 2014b).

## **Turma A/2018**

18/10/2018

**MRP**

15:35

*“Sartre diagnosticou em nossa época que a maior parte dos seres humanos preferem não ser livre. O homem prefere a não-liberdade do que sentir a angústia de fazer suas próprias escolhas. Alguns homens prendem-se a riquezas, outros a fama. Uns levam o peso de seu orgulho, outros o peso de sua solidão. Uns prendem-se ao casamento, outros a religião. Um curva a cabeça ao seu chefe, outro a família. Só para exemplificar, hoje em dia nós vemos grande parte dos casais vivendo juntos sem amor, apenas se suportando. Isso por causa dos filhos, bens ou por dependência psíquica em relação ao outro. A vida torna-se insuportável. Os resultados são as brigas, as traições, a ansiedade, as compulsões e as neuroses. Também há profissionais que fazem a mesma atividade e odeiam o que fazem, são incapazes de mudar de vida. Ficam na mesma profissão por anos a fio, são incapazes de mudar de vida. É um desperdício das capacidades físicas, intelectuais e da criatividade. A explicação de Sartre para estes problemas está na angústia das escolhas. O homem tem medo da liberdade, que gera a angústia, algo que muitos não suportam e preferem fugir disso. São pessoas da má-fé. Esse tipo de pessoa aceita pacificamente sua situação, pensa que a vida é assim porque Deus quis (quando cristão) e que não pode mudar seu destino. O grande problema do homem moderno é a falta de sentido da vida e o vazio de sua interioridade. O indivíduo não sabe o que quer ou sente. Constantemente vive reclamando da vida. Algumas vezes encontra-se angustiado ou em depressão. Sua vida é regular e monótona, realiza atos habituais e rotineiros. A grande maioria abandonou aquela ambição típica da juventude de ser feliz a qualquer custo. No nosso dia-a-dia, deparamo-nos com uma infinidade de objetos. Se pensarmos como eles são feitos, chegamos à conclusão de que todos sequeem uma receita, um plano. Para criarmos algo, temos que planejar, ter uma ideia de sua forma, tamanhos, características e finalidade. Nesse caso, a essência desse objeto precede a existência. Este exemplo bastante simples, mostra-nos que, se Deus existisse, ele seria parecido com um fabricante de objetos, pois teria criado o mundo a partir de um projeto. Contudo, para Sartre, este raciocínio não se aplica à existência humana. O existencialismo de Sartre é ateu. Não há um deus criador, que antes planejou o humano de forma prévia, assim como o escultor produz uma obra a partir da matéria bruta. O ser humano simplesmente existe e se define a partir daquilo que ele faz de si mesmo. Não existe uma natureza humana pronta, acabada e pré-definida. O homem é livre para fazer o que quiser de sua vida. Isso significa que o homem está condenado à liberdade. Não existe destino, somos nós quem o fazemos”.*

Responder

**JMG**

18/10/2018 - 20:11

*“Lindíssima falou tudo. Somos livres, mas preferimos não ser. Afinal, é muito mais cômodo culpar a Deus pela situação atual do que assumir a responsabilidade pelas escolhas. É muito mais fácil*

*continuar em nossa monotonia cotidiana do que se arriscar a fazer nossas escolhas, quando não há em quem colocar a culpa pelas consequências de nossos atos a não ser em nós mesmos”.*

18/10/2018

**JMG**

15:11

*“Jean-Paul Sartre, filósofo francês ateu, dizia que a existência precede a essência, ou seja, que é necessário partir da subjetividade. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo, e este é o princípio da subjetividade. O homem é responsável pelo o que é, pela sua existência, por ser um modelo que se aplica a todos e pelas suas escolhas. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar o valor do que estamos escolhendo. Sendo assim, o homem é responsável por si mesmo, por todos e da determinada imagem do homem que escolheu. Essas escolhas e responsabilidades gera a angústia, então afirma-se que o homem é angústia. Quando se fala de angústia, o conceito de má fe está automaticamente relacionado. É muito incômodo que Deus não exista, pois o homem não encontra*

*desculpas e justificativas. O homem é livre, O homem é liberdade e está condenado a isso. Condenado porque é responsável por suas escolhas e não Deus, a qual sempre culpa pelas consequências (geralmente negativa) de SUAS ações e isso é agir de má fé. O homem se constrói escolhendo a sua moral, não existe outro legislador a não ser ele próprio e é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo, procurando sempre uma meta fora de si. O homem deve se reencontrar e se convencer que nada poderá salvá -lo dele próprio. Este é o existencialismo ateu que Sartre representava. Onde o homem é livre para escolher, e suas escolhas geram angústia pelas consequências que são de total responsabilidade dele mesmo”.*

Responder

**GMCB**

23/10/2018 - 21:16

*“Faço minhas as suas palavras, principalmente quando diz sobre a angústia. Simplismente a verdade!”*

**MRP**

18/10/2018 - 15:42

*“Minha deusa, parabéns, palavras perfeitas, concordo plenamente com seus argumentos e adorei o modo como definiu a ideia da Sartre. Essa frase final dando um toque mágico no texto. Ficou maravilhoso, principalmente a parte que diz "O homem se constrói escolhendo a sua moral, não existe outro legislador a não ser ele próprio e é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo, procurando sempre uma meta fora de si". A forma como você falou sobre a má-fé, do homem sempre usando, de forma errônea, Deus como desculpa par tudo que não consegue justificar”.*

18/10/2018

**MFFG**

21:28

*“Jean-Paul Sartre foi um filósofo francês que dizia: "O homem está condenado à ser livre e toda a sua existência decorre desta contradição." A frase significa que todos os seres humanos são livres, e nós somos o espelho das nossas escolhas, já que podemos ser exemplos para as outras pessoas. Nós somos livres. Podemos fazer tudo que quisermos, mas temos que lembrar que somos totalmente responsáveis pelas nossas escolhas. E que nossas atitudes irão ser afetadas não somente em nós, como nas pessoas ao nosso redor. A angústia é o "medo" de tomarmos certas atitudes, pois sabemos que as consequências podem ser más, dependendo das nossas escolhas. Então de certo modo, a angústia é boa, assim evitarmos tomar as escolhas erradas. De certo modo, a liberdade, angústia, escolhas e responsabilidade estão interligados. Somos LIVRES mas somos RESPONSÁVEIS pelas nossas ESCOLHAS e nos sentimos ANGUSTIADOS em tomar certas atitudes”.*

Responder

18/10/2018

**GVP**

17:48

*“O filósofo Jean-Paul Sartre, apesar de ateu, tem como base em sua teoria o pensamento cristão de que nascemos com "objetivos pré-datados" por Deus. Assim como em seu exemplo de que um marceneiro produz uma cadeira com uma determinada função em mente, explica que, em qualquer que seja a doutrina, somos as "cadeiras" de Deus, que inicia seu projeto já sabendo o que aquilo virá a se tornar. Segundo Sartre, para os existencialistas cristãos, a ideia de que essa divindade não existe é o motivo de suas angústias frente às imensuráveis possibilidades que a vida nos oferece, ou seja, frente às escolhas. Isso se deve a não ter a quem culpar caso algo não saia como o planejado, não ter o "Deus quis assim" ou o "ele sabe o que é melhor". O pensador diz que: "não*

*está escrito em lugar nenhum que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, se nos colocarmos num plano em que só existem homens", "não teremos ninguém atrás de nós nem na nossa frente no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa" (retirado de "3. A LIBERDADE"). Sendo assim, não há base para definir o A e o B das coisas. Esses conceitos teriam de vir de experiências pessoais acompanhados da responsabilidade, afinal, de quem é a culpa por você ter tomado uma decisão por conta própria sobre sua vida? Inteira, exclusiva e incontestavelmente sua! Quando traz à tona o Existencialismo ateu, diz que o homem não pode ser inicialmente definido, pois primeiro existe e só depois se define. Diz também que*

*não há nenhum tipo de inteligência superior divina nos observando nos céus e nos manipulando de acordo com sua vontade, ao contrário, diz que temos total liberdade sobre o que acontece conosco, mas que isso engaja todo um raio de distância à nossa volta. Ou seja, somos modelos”.*

Responder

**JMG**

18/10/2018 - 15:26

*“Concordo com você. Somos livres e responsáveis por nós mesmo e não "marionetes" de divindades”.*

15/10/2018

**PVG**

11:54

“Os conceitos: **liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade**, estão diretamente ligados. Primeiramente, é nítido que somos livres para fazer qualquer coisa, "o homem está condenado a ser livre e toda a sua existência decorre desta condição"- segundo Sartre. Sendo assim, o homem pode fazer aquilo que almeja, cabe somente a ele estabelecer suas escolhas que formarão o seu verdadeiro ser. Portanto, para que a liberdade exista, é necessário que exista uma limitação. " Desejo fazer isso, mas e os outros?". "O que me faz bem, faz bem a quem está ao meu redor?" Diante disso, as escolhas são "apenas" decisões, que devem ser tomadas pelos homens, que intervêm em nosso futuro. Entretanto, este termo, pode soar um tanto quanto edoísta, já que ao escolhermos algo, optamos a uma alternativa que seja melhor para nós mesmos.

Nessa situação, o homem angustia-se diante da responsabilidade de escolher, visto que a escolha traz consigo, o peso da responsabilidade. A angústia, é algo inevitável, pois sempre que ao fazermos uma escolha, sendo ela com muita ou pouca importância, temos um certo receio, porque, nesse caso, não sabemos se aquilo é algo "bom ou ruim". Por fim, concluímos que não há nada que possa tirar do homem a sua condição de ser livre e, conseqüentemente, a responsabilidade diante de seus atos. A responsabilidade, não é algo que podemos escolher diretamente, é, no entanto, obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros. Assim, nos tornamos responsáveis não só por nós, mas por toda a humanidade. Ser livre é, por fim, responsabilizar-se. o homem está condenado a ser livre e toda a sua existência decorre desta condição"- segundo Sartre. Sendo assim, o homem pode fazer aquilo que almeja, cabe somente a ele estabelecer suas escolhas. Diante disso, as escolhas são "apenas" decisões, que devem ser tomadas pelos homens, que intervêm em nosso futuro. Entretanto, o homem angustia-se diante da responsabilidade de escolher, visto que a escolha traz consigo, o peso da responsabilidade. A angústia, é algo inevitável. Por fim, concluímos que não há nada que possa tirar do homem a sua condição de ser livre e, conseqüentemente, a responsabilidade diante de seus atos. A responsabilidade, não é Ser livre é, por fim”.

17/10/2018

**FBF**

16:05

“**Liberdade, escolhas, angústia, responsabilidade, tudo está conectado.** Somos projetos em branco que, ao longo da vida, vai se colorindo, e a nossa essência se forma. **Responsabilidade:** Não somos responsáveis apenas pela nossa pessoa, mas também pelas pessoas que convivem conosco, pois acabamos sendo exemplos (bons ou ruins) a serem seguidos (ou não). **Liberdade:** Somos livres para fazermos o que quisermos, mas nem tudo nos convém. Somos condenados a sermos livres, o que pode soar contraditório, já que somos o que somos pelas nossas escolhas, porém somos obrigados a tomá-las. **Escolhas:** Ao tomarmos decisões, elas não afetarão somente nós, mas também às pessoas que convivemos. Elas são feitas, e com a responsabilidade envolvida, gera angústia. **Angústia:** É o sentimento causado pelo medo de fazermos escolhas. Ela é inevitável, pois nunca saberemos ao certo se a escolha que fizemos será de fato a melhor”.

Responder

**MFFG**

17/10/2018 - 21:42

*“Concordo com você, já que todos somos um projeto em branco”.*

**GVP**

17/10/2018 - 17:50

*“Concordo com o que disse, F.! E gostei da maneira como cada conceito leva a outro na sua resposta”.*

09/10/2018

**GMCB**

01:45

*“Penso que, assim como dito por Sartre, o existencialismo é simplesmente o fato da existência preceder a essência, podemos ver isso numa frase, muito simples e clara, dita por ele: "O homem nada mais é do que aquilo que faz de si mesmo.”*

*A responsabilidade, outro conceito trabalhado por Sartre, mostra que na verdade quando alguém assume a responsabilidade própria, acaba se tornando responsável de todos os outros membros de uma sociedade. Quando se trata das escolhas, Sartre diz: “[...]não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos.”. Ele quer dizer que quando tomamos uma decisão particular, acabamos decidindo para o todo, por isso não devemos escolher o mal. A liberdade, pode parecer um conceito um tanto quanto contraditório, sendo que na verdade não é. Somos livres para tudo, mas nem tudo convém à certas pessoas. Sartre usa um exemplo de uma obra de arte, ninguém pode cobrar nada de um quadro que não recebeu nenhuma instrução prévia. O filósofo também cita que estamos condenados a ser livres, isso acontece pois a liberdade é algo extremamente ligado à responsabilidade, ou seja, você acaba influenciando o seu meio quando toma uma decisão livre. A angústia, por fim, é um sentimento ligado à liberdade e à responsabilidade. Ela torna a pessoa preocupada e desamparada, já que sua liberdade pode alterar o seu destino e o de toda humanidade, por isso o sentimento se torna perturbador, você pode se tornar a qualquer momento alvo de críticas e julgamentos ou de elogios e agradecimentos”.*

Responder

**JMG**

18/10/2018 - 15:37

*“Concordo plenamente. Adorei a forma como abordou a liberdade. Podemos ser e somos alvos de críticas constantes”.*

**GVP**

17/10/2018 - 17:54

*“Concordo com o modo como disse que cada uma de nossas escolhas mais pessoais podem acabar influenciando um todo ao redor. Gostei bastante também de como abordou o tema "liberdade"!”*

**FBF**

09/10/2018 - 15:52

*“Concordo, G. Você destacou vários pontos das falas de Sartre. Parabéns!! ;)”*

**NMF**

14:38

*“O existencialismo é humano. Cada pessoa decide se vai existir ou viver. LIBERDADE- todos temos liberdade, se vc fez uma escolha errada, tem de arcar com as conseqüências, pois estava livre para fazer o certo também. ESCOLHAS- algumas pessoas sfirmam que nao querem escolher entre "um ou outro", mas se vc decidiu nao escolher, foi uma escolha. ANGÚSTIA- sentimento gerado após uma escolha, como: "será que eue escolhi certo?". RESPONSABILIDADE- somos responsáveis por nós, e pelos outros, pois uma escolha sua pode afetar ao outro. ANGÚSTIA- sentimento gerado após uma escolha, como: "será que eue escolhi certo?". RESPONSABILIDADE- somos responsáveis por nós, e pelos outros, pois uma escolha sua pode afetar ao outro”.*

Responder

02/10/2018

**BMV**

16:56

*“O existencialismo é um humanismo. Escolhemos se vamos apenas existir ou viver ao longo da vida, pelas nossas decisões. Somos projetos em branco que vai sendo elaborado e escrito ao longo de toda a sua vida, essência. LIBERDADE-estamos condenados à liberdade, fazer o que for melhor para o nosso bem próprio e para quem esteja em nosso redor. ESCOLHAS-decisões, escolher o que vou fazer sendo tanto certo ou errado, que vai se tornar consequência no futuro. ANGÚSTIA-sentimento causado depois que faço uma escolha, "será que fiz o certo?", isso é inevitável. RESPONSABILIDADE-sou responsável por mim e pelos outros, minha escolha vai atuar sobre nós. "A existência precede a essência", essa frase significa que você precisa existir para depois fazer o seu "eu", se tornando único, criar seu conceito, sua vida, seu conhecimento, seu modo de pensar”.*

Responder

**FBF**

09/10/2018 - 15:53

*“Gostei do modo como você destacou o existencialismo no começo. Somos o que somos, e nós, somente nós, vamos nos desenhando. Muito bem! :)”*

**GMCB**

07/10/2018 - 01:47

*“Achei interessante colocar o seu entendimento sobre uma das principais frases sartreanas e concordo com a descrição dos conceitos listados acima”.*

**MRP**

23/08/2018 - 23:55

*“Melhor parte do existencialismo é quando te dão A, B, C e D opções, e mesmo assim você prefere a E :v. Gostei muito pequena??”*

**Turma B/2018**

18/10/2018

**CCG**

22:45

*“De acordo com o conteúdo estudado, e as idéias formadas sobre ele, vimos que o existencialismo envolve alguns conceitos, como a liberdade, escolha, responsabilidade e angústia. Tudo forma um ciclo, na vida temos liberdade para fazer o que quisermos, porém temos que ter responsabilidade sobre nossas escolhas, quase sempre sabemos o que é melhor, mas se escolhermos errado vai haver consequências, que devemos aceita-las e ter responsabilidade para supera-las e viver com elas. Por isso é muito importante ver o que é certo e o que é melhor para nós, para que não tenhamos que viver com as angústias, que são as consequências não esperadas, que nos colocam para baixo. Esses são os pontos básicos e principais do existencialismo”.*

Responder

18/10/2018

**VL**

20:17

*“**Liberdade-** Acredito que a liberdade não é sempre uma das melhores coisas, quando você tem liberdade você também tem o medo de ser livre, medo de não saber se sua liberdade esta voltada para seu bem ou ate mesmo para o bem dos outros. **Escolhas-** Você faz escolhas o tempo todo, mesmo quando você escolhe não escolher, você vai estar fazendo uma escolha. As escolhas, como sabemos nos tras consequências, e nós precisamos saber lidar com essas consequências; escolher também nos tras angustia, medo, de não saber se você fez a escolha certa. Muitas vezes paramos para pensar em o que devemos escolher, em base do que nos favoreça, sem pensar no que pode vir a acontecer. **Angustia-** Nao saber se fizemos o certo, se conseguimos escolher algo que favoreça a todos. A angustia é o medo de não tirar suas próprias convulsões. E tudo isso está ligado a **Responsabilidade-** Que acredito ter haver com tudo o que foi dito acima, precisamos ter responsabilidades para ser livre e também para escolher e depois lidar com as consequências. Tudo está meio que relacionado”.*

Responder

18/10/2018

**EHOG**

15:58

*“Estamos todos condenados a viver com a liberdade, já que com elas as responsabilidades surgem, que muitas vezes são grandes demais para as pessoas, que acabam fazendo algumas escolhas erradas, o que acarretará em prejuízos para ela mesma. Tudo isso acarreta em uma angústia, já que certas escolhas podem fazer uma diferenças consideráveis em nossas vidas, e se não forem analisadas com responsabilidade e com carinho podem trazer vários problemas para nossas vidas. Mas mesmo se tomarmos uma decisão errada, podemos tirar proveito, já que aprenderemos com as consequências, e em um futuro próximo teremos mais responsabilidade, e faremos o certo”.*

Responder

18/10/2018

**ABGN**

15:10

*“Segundo Sartre, somos livres para fazer escolhas e nao há como viver sem fazer elas. O ser humano nasce sem sua essencia e acaba adquirindo ela ao longo de sua existencia, atraves da liberdade de fazer suas escolhas. As escolhas nos trazem*

*angustia pelo resultado que elas geram ou pelo simples fato de não sabermos escolher entre uma coisa e outra. A responsabilidade segundo ele, é o que devemos ter para fazer nossas escolhas assim, diminuindo a chance de sentir a angustia, pois nos somos responsáveis pelas nossas consequências. Isso é o conceito de liberdade, escolhas, responsabilidade e angustia para Jean Paul Sartre”.*

### **AFAS**

18/10/2018 - 21:59

“Gostei de como você falou sobre o que é cada conceito para Jean Paul Sartre”.

18/10/2018

### **TMT**

14:34

“Primeiramente a **liberdade** está relacionada com as **escolhas** que fazemos. Todas as pessoas são livres, pois fazemos escolhas a qualquer momento, e não há como não ser livres, pois como já dito, fazemos escolhas a qualquer circunstância ou momento. Por isso nos chocamos a **responsabilidade**. Pois se somos livres para escolher, quase tudo, somos eticamente responsáveis pelas escolhas que fazemos, por isso temos que lidar com as consequências de nossas escolhas. Por isso a liberdade é uma condição humana, que nunca pode ser retirada. E, por fim, a **angústia** pode ser gerada devido as nossas escolhas. Se escolhermos alguma decisão que no futuro pode gerar algo mal e você se arrepender de sua escolha, você cai na angústia. Por isso, devemos ser conscientes de nossas atitudes e manter a responsabilidade. Por isso todao esses conceitos estão ligados entre si, e pelo existencialismo”.

Responder

### **EHO**

18/10/2018 - 16:03

“Nós devemos ter certos cuidados quando estamos em mundo de decisões, pois se fizermos escolhas pouco inteligentes, podemos nos prejudicar”.

17/10/2018

### **TTR**

19:27

“Penso que o homem foi gerado, à partir de um acidente, com a condição, ou melhor, com a condenação de total e arbitrária **liberdade**. Assim, ao se deparar com um mundo possível, há o desespero, a angústia. Pois, com a vida e a pena a qual nos acompanhará até o fim, esse dever não pode, inevitavelmente, ser detido: as **escolhas** são o que molda-nos, que geram a essência. A **angústia** vem da tarefa obrigatória do escolher, deparada com a responsabilidade dessas ações. Ao se tomar um rumo, há sempre o peso e encargo da **responsabilidade** acrescentada ao estilo benéfico das decisões, já que alguém que escolhe tem que tomar a consciência de toda a humanidade, já que poderá haver consequências. Angustiar-se perante toda uma responsabilidade e de todos os seres humanos, torna-se algo, então, comum, até preciso, já que a liberdade como condenação tanto pode ser maléfica quanto benéfica, mesmo que as escolhas sempre se direcionem aos benefícios. Aliás, quem desejaria o mal para si?”

Responder

### **EHO**

18/10/2018 - 16:00

*“Concordo com o que você disse em relação à angústia. Já que todos nós temos medo de não tomarmos a melhor decisão”.*

15/10/2018

**JAZ**

20:46

*“Liberdade é poder fazer escolhas, de acordo com o que pensa, o que deseja e o que considera certo no momento. Quando fazemos escolhas, somos tomados por angústias, por saber que determinados atos terão consequências que podem ser boas ou ruins de acordo com o que escolhermos fazer. somos basicamente feitos de escolha, desde o momento que você decide não fazer uma escolha, você está escolhendo o que irá fazer, portanto é completamente importante termos responsabilidade, pois cada ato tem uma consequência e o que você escolhe hoje, reflete no seu amanhã. Temos que ser responsáveis para que cada escolha feita em nosso presente, seja consciente, evitando a angústia, e se fizermos errado sejamos capaz de assumir nosso erro”*

Responder

**VL**

18/10/2018 - 20:19

*“Eu concordo, saber que temos que pensar em todas nossas responsabilidades geradas por nossas escolhas é muito importante”.*

**LSC**

16/10/2018 - 06:47

*“Concordo, principalmente no fato de nossos atos refletirem no amanhã. A vida é feita de escolhas e , como você falou temos que ter em mente que temos que fazer uma escolha , tem uma consequência - e uma angústia nos persegue - e se fizemos as escolhas erradas temos que arcar com as consequências”.*

09/10/2018

15:28

**SBB**

*“Em uma frase de Jean Paul Sartre, resumi o termo LIBERDADE, ESCOLHAS, ANGÚSTIA E RESPONSABILIDADE: “Existência precede a essência.” **LIBERDADE** é poder fazer o que você quer, mas nem sempre você terá liberdade, terá que seguir regras, por exemplo. Temos que ter em mente que se fizermos algo de errado, foi nossa **ESCOLHA** e nossa **RESPONSABILIDADE** de admitir que fizemos tal coisa, e arcar com as consequências. A **ANGÚSTIA** sentimos quando estamos com insegurança de escolher o certo ou o errado (no campo psiquiátrico a angústia é tratada como uma doença.) Foi nossa **ESCOLHA** ir para a escola todos os dias, e se físermos as escolhas erradas devemos nos responsabilizar pelas consequências.*

*LIBERDADE é poder fazer o que você quer, mas nem sempre você terá liberdade, terá que seguir regras, por exemplo. Temos que ter em mente que se fizermos algo de errado, foi no”*

Neste momento, após a apresentação do segundo fórum de discussão, faremos uma comparação entre as participações no primeiro e segundo fóruns de discussão: uma antes das aulas e outra após as aulas. Por se tratar de muitos estudantes em cada turma, e também porque nosso objetivo aqui é verificarmos se os estudantes se aproximaram ou se distanciaram dos conceitos, comparando as duas participações, escolhemos alunos de cada agrupamento, de acordo com os níveis de engajamento e de proatividade, participação na sequência didática proposta e aqui delineada.

Iniciando nossa análise de conteúdo mais profundamente, verificamos alguns estudantes que no primeiro momento, já haviam se aproximado dos conceitos trabalhados e desenvolvidos pelo próprio Jean-Paul Sartre, sem qualquer contato com as ideias do filósofo. Iniciaremos, portanto, pela **turma A**, com o grupo 1 que se aproximou dos conceitos sartreanos:

O(A) estudante **MRP**, em sua primeira participação, já havia elaborado um texto se posicionando diante dos conceitos. Ao falar sobre liberdade mencionou que os dicionários e sites a conceituam como livre-arbítrio, agir de acordo com sua vontade, estar livre, não depender de ninguém, mas que para ele(a) é algo interior, solidão; menciona a liberdade até mesmo como se estivesse em um cárcere, fazendo com que os homens ficassem solitários em meio a uma multidão; diz que devemos buscar a felicidade em nossos sentimentos; cita os dias (cotidiano) como cenários de vários filmes e que às vezes é sem graça e sem motivação, mas que devemos mudar isso..

Continua dizendo que somos livres, que nos arriscamos e que as consequências dessa liberdade fazem parte da angústia; acrescenta que somos peças do jogo da vida, mas não devemos deixar que outros nos movam.

Sobre escolhas e angústia, **MRP** comenta que não devemos viver as escolhas de outros. Cabe aqui trazer sua fala literal:

*“Não viva pelos outros. Não importa quantos anos você tenha, com certeza ainda sente a criança dentro de você, aquela inocente e pura que dormia com um sorriso no rosto sonhando em ser talvez um herói ou uma princesa. Essa angústia que sentimos com medo do futuro, do amanhã, é horrível, nos destrói pouco a pouco, mas se conseguirmos sonhar, mesmo que seja algo impossível, não precisa ser grandioso, não importa o tamanho, apenas por selecionarmos nossos objetivos, de acordo com o que será melhor para nós mesmo, talvez possamos decidir o amanhã, no mínimo um pouco”.*

Lembremos que este(a) estudante tinha apenas treze anos de vida quando escreveu seu texto. Continuando com **MRP**, percebe-se que ao falar sobre liberdade e mencionar as consequências está indiretamente falando de responsabilidades.

Com relação ao segundo momento, após as aulas, **MRP** já inicia sua participação com as seguintes palavras: “*Sartre diagnosticou em nossa época que a maior parte dos seres humanos preferem não ser livre. O homem prefere a não-liberdade do que sentir a angústia de fazer suas próprias escolhas*”. Só por este início entendemos que o conceito de liberdade foi, de alguma forma, internalizado pelo(a) estudante.

Agora sobre as escolhas, diz que alguns homens ficam presos a riquezas, casamentos/relacionamentos por causa dos filhos e a religiões, levando essas pessoas a uma variedade de problemas. Menciona ainda a negação da liberdade pela má-fé; fala da falta de sentido na vida, do vazio interior por não saber o que quer para sua vida. A este respeito trago outro trecho de sua participação: “*Esse tipo de pessoa aceita pacificamente sua situação, pensa que a vida é assim porque Deus quis (quando cristão) e que não pode mudar seu destino*”.

**MRP** aborda o fato de Sartre ser ateu e defender que a existência precede a essência, comparando Deus a um artífice. Isso também mostra sua coerência com os conceitos apresentados pelo professor em sala de aula. **MRP** escreve:

*“Este exemplo bastante simples, mostra-nos que, se Deus existisse, ele seria parecido com um fabricante de objetos, pois teria criado o mundo a partir de um projeto. Contudo, para Sartre, este raciocínio não se aplica a existência humana. O existencialismo de Sartre é ateu. Não há um deus criador, que antes planejou o humano de forma prévia, assim como o escultor produz uma obra a partir da matéria bruta. O ser humano simplesmente existe e se define a partir daquilo que ele faz de si mesmo. Não existe uma natureza humana pronta, acabada e pré-definida. O homem é livre para fazer o que quiser de sua vida. Isso significa que o homem está condenado à liberdade. Não existe destino, somos nós quem o fazemos”.*

Sartre (1987, p. 6) ao dizer que a existência precede a essência quer enfatizar que o homem, a partir de sua existência, de seu nascimento, encontra-se consigo mesmo, está no mundo e, ao longo de sua vida, ele constrói sua essência. De início, segundo Sartre (1987, p. 6), o homem “não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo”.

O homem não é somente sua concepção, mas o que ele quer para si ou o projeto que ele escolheu ser dentre as várias possibilidades de vir a ser. Sartre, se distingue de Heidegger (1889 – 1976). Ele enxerga o homem que simplesmente não

é nada e se torna algo, somente depois de ter escolhido seu próprio projeto de vida, pois compreende que o homem é livre e totalmente responsável por cada uma de suas escolhas.

Não estamos falando aqui da fenomenologia como conceitua Husserl (1859 – 1938), ou seja, como ciência das essências, dos modos típicos do aparecimento e da manifestação dos fenômenos à consciência, cuja característica fundamental é a intencionalidade. Ou seja, “nossos atos psíquicos se referem sempre a um objeto. Husserl conceitua a fenomenologia dizendo que a consciência é intencional, pois transcende e não é estática em si mesma.” (MASSOCO, 2016, p. 66).

Seria importante, aqui, enfatizarmos que Sartre (2014b) considera como sendo do próprio homem, toda a responsabilidade por suas escolhas. E acrescenta que ele também é responsável pelos outros, pois pertencem ao mundo. Todas as pessoas e tudo que existe nele são de sua responsabilidade. O próprio Sartre (2014b, p. 678) diz que “(...) o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser”. Para o existencialismo defendido por Sartre, só resta ao homem cumprir sua condenação, ou seja, ser livre para as escolhas, pois o existente é o autor de sua própria vida. Ou como este filósofo francês assevera:

O que acontece comigo, acontece por mim, e eu não poderia me deixar afetar por isso, nem me revoltar, nem me resignar. Além disso, tudo que me acontece é meu; deve-se entender por isso, em primeiro lugar, que estou sempre à altura do que me acontece, enquanto homem, pois aquilo que acontece a um homem por outros homens e por ele mesmo não poderia ser senão humano (SARTRE, 2014b, p. 678).

Com **MPR**, finalizando sua segunda participação, e dialogando com o que vimos acima sobre Sartre, acreditamos que foi muito coerente e fiel aos conceitos trabalhados por ele(a), os quais foram exigidos no segundo fórum de discussão. Além de sua participação, **MRP** também se envolveu nas interações, deixando claro seu engajamento com a atividade proposta. Isso nos passa certa maturidade acadêmica, mesmo com treze anos de idade.

Outra participação que destacamos é a de **GVP**. O(A) estudante começa sua primeira participação explorando o conceito de responsabilidade, e diz que as escolhas têm muito peso para este conceito. Como exemplo destacamos um excerto seu:

*“Desde pequenos sabemos que nossas decisões trazem consequências (sendo elas boas ou não), mesmo com a imaturidade e falta de experiência. Sabíamos que se roubássemos o doce da outra criança, ela provavelmente choraria e receberíamos uma bronca dos nossos pais ou dos responsáveis na hora. Por isso, ao invés de armar toda essa confusão, pedíamos um igual, também sabendo que a resposta poderia ser positiva ou não. Pode parecer um exemplo tosco, mas expressa bem como, mesmo ignorando, o senso de liberdade está “implantado” em nós há muito antes de sequer termos consciência disso”.*

Mesmo se utilizado apenas de suas leituras e de suas experiências de vida, **GVP** consegue interligar todos os conceitos exigidos na atividade, pois finaliza da seguinte forma:

*“Toda essa coisa de “minha vida”, “minhas escolhas”, “minhas responsabilidades” e “minha LIBERDADE” pode parecer muito egoísta. Mas, afinal, podemos viver no lugar de outra pessoa? Podemos decidir por ela? Podemos sentir por ela? Não, não e não. E, com tudo isso em mente, ainda insistimos em dizer que a culpa é do outro para aliviar a angústia frente à liberdade”.*

No excerto acima vemos certa atitude filosófica ao nos lançar algumas perguntas e é isso que esperamos de nossos alunos, que esse espanto filosófico seja internalizado por eles e que o levem consigo para o resto de suas vidas.

Ao abordar a atitude filosófica, Chauí (2009) defende que se trocássemos perguntas com base no senso comum por perguntas filosóficas, distantes da vida cotidiana e de nós mesmos, teríamos “passado a indagar o que são as crenças e os sentimentos que alimentam, silenciosamente, nossa existência” (CHAUÍ, 2009, p. 9).

Em um excerto seu, a filósofa acrescenta:

Ao tomar essa distância, estaria interrogando a si mesmo, desejando conhecer porque cremos no que cremos, por que sentimos o que sentimos e o que são nossas crenças e nossos sentimentos. Esse alguém estaria começando a adotar o que chamamos de **atitude filosófica** (CHAUÍ, 2009, p. 6, **grifo nosso**).

Agora, analisando o segundo momento após as aulas, **GVP** já dá indícios de sua maturidade. Dizemos isto porque sua escrita, ao lermos despreziosamente, pode nos levar a um erro de interpretação, mas se voltarmos para uma leitura mais detalhada perceberemos que **GVP** vai além das palavras; ele(a) nos conduz a um caminho cheio de surpresas coerentes e esclarecedoras com relação aos conceitos exigidos para análise.

**GVP** explora os existencialismos ateu e cristão e os exemplifica com muito zelo e cuidado. No início compreendemos que sem o Deus cristão a filosofia de Sartre não

se sustentaria. Em seguida menciona que para o existencialista cristão seria angustiante a ideia de que Deus não existe, pois ficariam sem apoio algum.

Mas aqui cabe uma ressalva, pois como o professor não podia participar interagindo com os alunos nos fóruns de discussão para não os influenciar, houve um momento em que **GVP** se equivoca e diz que mesmo Sartre sendo ateu, ele tem como base em sua teoria, o pensamento cristão de que nascemos com objetivos pré-datados por Deus. Logicamente que o professor durante suas aulas conversou com **GVP** para sobre esse ponto, especificamente.

**GVP** nos diz que uma parte de seu texto foi escrita com base no capítulo três, sobre liberdade à luz de Sartre. Isso mostra seu engajamento, zelo, cuidado e respeito com a atividade. Escreve assim:

*“Segundo Sartre, para os existencialistas cristãos, a ideia de que essa divindade não existe é o motivo de suas angústias frente às imensuráveis possibilidades que a vida nos oferece, ou seja, frente às escolhas. Isso se deve a não ter a quem culpar caso algo não saia como o planejado, não ter o "Deus quis assim" ou o "ele sabe o que é melhor". O pensador diz que: "não está escrito em lugar nenhum que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, se nos colocarmos num plano em que só existem homens", "não teremos ninguém atrás de nós nem na nossa frente no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa" (retirado de "3. A LIBERDADE").*

Logicamente que os estudantes de oitavo ano não são preparados de forma apropriada para uma pesquisa acadêmica com sínteses, citações e referências, mas a proposta do professor despertou este interesse em alguns temas, pois apropriar-se da base teórica para divagar diante dos conceitos foi a demanda passada para uma parte da sequência didática. **GVP** é um exemplo claro disso tudo, pois dialoga com o autor e tenta citar e referenciar o que foi citado.

No final de sua participação, **GVP** menciona sobre sermos modelos aos demais seres humanos, pois somos responsáveis por nós e por todos: tudo o que fazemos, de certa forma, é modelo para o bem e para o mal. Esse é o existencialismo ateu defendido por Sartre e explorado por **GVP**, mostrando-nos muita aproximação aos conceitos sartreanos. Destacamos, também, que **GVP** interagiu com alguns de seus companheiros(as) de sala, mostrando mais uma vez seu engajamento com a atividade proposta.

O peso da constatação de serem livres e da sua total responsabilidade pode trazer-lhe bons resultados, ou seja, que ele tem o dever de se conhecer, de constantemente fazer uma autocrítica, pensar em projetar-se sempre. Caso contrário

ele passará a ser inumano. Sartre (2014b) vai dizer que:

As mais atrozes situações da guerra, as piores torturas, não criam um estado de coisas inumano; não há situação inumana; é somente pelo medo, pela fuga e pelo curso a condutas mágicas que irei *determinar* o inumano, mas esta decisão é humana e tenho de assumir total responsabilidade por ela (SARTRE, 2014b, p. 678).

As situações adversas ocorrerão sempre: cabe a mim aceitá-las e enfrentá-las, ou desistir por medo, por debilidade, “[...] por covardia frente à opinião pública, por que prefiro certos valores ao valor da própria recusa de entrar na guerra (a estima de meus parentes, a honra de minha família etc.)” (SARTRE, 2014b, p. 679).

O que vemos na citação de Sartre é que as escolhas sempre estão envolvidas, pois não há como fugir delas; até não escolher é, sim, uma escolha. Basta saber lidar com os resultados dessas escolhas.

Outro ponto importante é quando Sartre fala do “quietismo”, ou seja, eu não posso fazer certas coisas, somente os outros podem e o fazem. Mas o filósofo francês discorda do quietismo e apresenta a sua doutrina que, segundo ele, é o existencialismo que só é real na ação. Sartre (2014a, p. 30) diz que “O homem não é nada mais que seu projeto, ele não existe senão na medida em que se realiza e, portanto, não é outra coisa senão o conjunto de seus atos, nada mais além de sua vida”.

De acordo com o que assevera Sartre acima, podemos e fazemos certas coisas, pois somos os projetos e as escolhas nos pertencem. Nossos atos são decorrentes das nossas escolhas. Não há como esperarmos que as coisas aconteçam, pensando e acreditando que ainda não as escolhemos. A partir do momento que esperamos que aconteçam, este é o nosso projeto. Somos muitos em uma só pessoa e personagens de nossas próprias vidas, agimos distintamente nos mais variados contextos e situações; é esse conjunto de personagens que nos faz ser o que somos, que nos ajuda a construir e reconstruir nossa essência. Nós não somos somente uma pessoa; nós somos todos os modelos e exemplos que escolhemos para nós, numa construção e reconstrução de nossas personalidades e ao mesmo tempo também somos exemplos ou modelos para as demais pessoas. Neste sentido, de acordo com Sartre (2014a):

Você não é outra coisa senão sua vida”, isso não significa que o artista será julgado unicamente a partir de suas obras de arte; milhares de outras coisas contribuem igualmente para defini-lo. O que queremos dizer é que um homem

não é outra coisa senão uma série de empreendimentos, a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem essas empreitadas (SARTRE, 2014a, p. 31-32).

O que faz com que o homem pense de acordo com o quietismo sartreano não é falta de escolhas, mas a falta de engajamento ou se preferirmos, falta de coragem ou covardia para empreender. “Já o existencialista diz que o covarde se faz covarde e o herói se faz herói” (SARTRE, 2014a, p. 33).

Ser covarde ou herói para o existencialista dependerá de seu engajamento para empreender sua causa. O homem pode deixar de ser covarde, assim como pode retornar à posição de covarde; isso dependerá de seu projeto para si mesmo.

Desta forma não existe determinismo, pois seu destino está tão somente em suas mãos e não existe um ente superior ou metafísico que o conduzirá às escolhas que ele deve fazer. Ou seja, tudo isto está de acordo com a realização de “uma moral da ação e do engajamento” (SARTRE, 2014a, p. 33), pois o ponto inicial para o existencialismo é a subjetividade humana.

Neste sentido, o homem que se esconde atrás de paixões e se refugia por trás de desculpas, ou até mesmo de uma condição voltada para o determinismo que foi criado por ele, agindo de má-fé conforme o exposto por Sartre (2014<sup>a</sup>, p.39): “[...] é, evidentemente, uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento”.

Outro(a) estudante que destacamos aqui, mas apenas participando e sem interagir com os demais colegas é **PVG**. O(A) estudante também soube explorar os conceitos de Sartre, destacou o livre arbítrio, as escolhas e suas consequências, no início do primeiro fórum de discussão, mas não destacou a responsabilidade.

No segundo fórum de discussão **PVG** foi fiel a Sartre e explorou todos os conceitos. Iniciou seu texto dizendo que todos os conceitos estão interligados. Destacou o fato de que Sartre nos coloca como sendo condenados à liberdade e a aborda as escolhas e consequências:

*“Sendo assim, o homem pode fazer aquilo que almeja, cabe somente a ele estabelecer suas escolhas que formarão o seu verdadeiro ser. Portanto, para que a liberdade exista, é necessário que exista uma limitação. ” Desejo fazer isso, mas e os outros?”. “O que me faz bem, faz bem a quem está ao meu redor?” Diante disso, as escolhas são “apenas” decisões, que devem ser tomadas pelos homens, que intervêm em nosso futuro. Entretanto, este termo, pode soar um tanto quanto edoísta, já que ao escolhermos algo, optamos a uma alternativa que seja melhor para nós mesmos”.*

Entenda “sue” como “seu”, “*Entretando*” como “Entretanto” e “*edoísta*” como “egoísta”. Percebe-se que ele(a) explora todos os conceitos e finaliza com a seguinte conclusão “*Por fim, concluímos que não há nada que possa tirar do homem a sua condição de ser livre e, conseqüentemente, a responsabilidade diante de seus atos. A responsabilidade, não é Ser livre é, por fim*”.

Mesmo sem interagir com os outros estudantes, **PVG** soube se posicionar e trazer Sartre ao seu texto, destacando-se pela aproximação dos conceitos exigidos para a atividade.

**Para finalizar os destaques da turma A**, trouxemos aqui a primeira participação de **GMCB**. Este(a) estudante em sua primeira participação aborda todos os conceitos de maneira coesa e coerente. Diz que os conceitos estão interligados direta ou indiretamente, que a vida de cada um de nós se define por cada escolha que fazemos; em seguida aborda a liberdade e a angústia pelas conseqüências. Como destaque, ao finalizar sua participação, escreve:

*“Todos sentem esse medo e a primeira coisa que vem na cabeça quando pensamos na angústia é: “Se tal coisa acontecer, como vou lidar com ela?” essa pergunta gera uma coisa chamada **responsabilidade**, pois devemos entender que se algo decorrente das nossas atitudes acontecer somos os únicos a poder lidar com esse problema, ou seja, precisamos ser responsáveis”.*

Sua primeira participação se mostra sólida e bem coerente com os conceitos exigidos. Após sua primeira participação, **GMCB** se destaca, também, por suas interações pontuais diante das participações de alguns colegas.

Sua segunda participação, que ocorreu após as aulas, foi muito mais consistente e profunda. **GMCB** a inicia com o lema do existencialismo ateu sartreano de que a existência precede a essência, e enfatiza com a frase “*O homem nada mais é do que aquilo que faz de si mesmo*”.

Em seguida **GMCB** aborda a responsabilidade por nossas escolhas citando Sartre:

*“[...] não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos”. Gostaria de destacar o diálogo que GMCB trava com Sartre; por isso vale a pena o trazermos aqui: “Ele quer dizer que quando tomamos um decisão particular, acabamos decidindo para o todo, por isso não devemos escolher o mal. A liberdade, pode parecer um conceito um tanto quanto contraditório, sendo que na verdade não é. Somos livres para tudo, mas nem tudo convém à certas pessoas. Sartre usa um exemplo de uma obra de arte, ninguém pode cobrar nada de um quadro que não recebeu nenhuma instrução prévia. O filósofo*

*também cita que estamos condenados a ser livres, isso acontece pois a liberdade é algo extremamente ligado à responsabilidade, ou seja, você acaba influenciando o seu meio quando toma uma decisão livre. A angústia, por fim, é um sentimento ligado à liberdade e à responsabilidade. Ela torna a pessoa preocupada e desamparada, já que sua liberdade pode alterar o seu destino e o de toda humanidade, por isso o sentimento se torna perturbador, você pode se tornar a qualquer momento alvo de críticas e julgamentos ou de elogios e agradecimentos”.*

Não há como deixar de destacar sua participação e sua evolução de um fórum de discussão a outro, pois se utilizou de citações de Sartre e de sínteses, dialogando com o filósofo francês. **JMG, BMV, MFFG, FBF e NMF** também seguiram os mesmos passos dos demais estudantes mencionados acima, pois acreditamos que se aproximaram, como seus colegas, dos conceitos exigidos e trabalhados por Sartre.

Os demais estudantes destacados em suas participações como mais próximos a Sartre, de certa maneira conseguiram se aproximar dos conceitos sartreanos, mas como amostragem, acreditamos que os exemplos supracitados são suficientes para o momento e para o objetivo desta pesquisa.

A liberdade carrega consigo o peso do sentido que damos à vida, aquilo que nos move livremente para as escolhas. “Antes de começarmos a viver, a vida, em si, não é nada, mas nos cabe dar-lhe sentido, e o valor da vida não é outra coisa senão este sentido que escolhemos” (SARTRE, 2014a, p. 42).

O autoconhecimento é outro aspecto relevante na filosofia existencialista sartreana, pois trata não somente da subjetividade, como também da intersubjetividade, a qual defendem que necessitamos do outro e este outro necessita de nós, com o objetivo de nos autoconhecermos:

*O outro é indispensável para minha existência, tanto quanto, ademais, o é para o meu autoconhecimento. Nestas condições, a descoberta do meu íntimo revela-me, ao mesmo tempo, o outro como uma liberdade colocada diante de mim, que sempre pensa e quer a favor ou contra mim. Assim, descobrimos imediatamente um mundo que chamaremos de intersubjetividade, um mundo em que o homem decide o que ele é e o que os outros são (SARTRE, 2014a, p. 34).*

Aqui está um ponto fundamental para que nós, humanos, tomemos as rédeas de nossas vidas; somos nós que devemos nos conhecer, primeiramente, para analisarmos e escolhermos quem queremos ser, aonde queremos chegar e o porquê. Para Sartre (2014a, p. 44), “o existencialismo é um otimismo, uma doutrina de ação, e apenas por má-fé é que, confundindo seu próprio desespero com o nosso, os cristãos podem nos chamar de desesperançados”.

O existencialista não traz consigo a opção de delegar seus erros ou fracassos com relação a suas escolhas. Ao existencialista não cabe a terceirização de culpas: ele simplesmente escolhe agir e é responsável por suas ações. Para Sartre, quem escolhe é o homem e não um Deus determinando suas escolhas. Para este filósofo francês, Deus só existe na consciência dos que creem; não fora dela. “O homem está só, porque não há nada fora dele ou nele próprio para se agarrar: nem mesmo Deus pode escolher por ele, porque, fora da consciência do homem, Ele não existe” (WAMBIER, 2003, p.44).

Para Sartre, a liberdade não está sujeita a nenhuma essência, nela inexistente qualquer tipo de essência. A liberdade é quem está no comando e nela, Sartre lembrando Heidegger, diz que a existência, por preceder a essência, também a comanda (SARTRE, 2014b, p. 541). O filósofo francês acrescenta que “a liberdade faz-se ato, e geralmente a alcançamos através do ato que ela organiza com os motivos, os móveis e os fins que esse ato encerra” (SARTRE, 2014b, p. 541-542). É por meio de nossa liberdade que agimos, e os motivos e finalidades estão inseridos em cada um de nossos atos ou ações.

Agora, com relação à **turma B**, começamos destacando **SBB**, que em sua primeira participação fez uma explanação dos conceitos bem simples, porém, de acordo com seu pensamento. É perceptível em sua segunda participação o fato de que todos os conceitos a serem analisados estão inseridos na frase de Sartre “a existência precede a essência”.

Após esta frase **SBB** diz que nossa liberdade é restrita, que qualquer escolha nos coloca como responsáveis por ela, pois temos que arcar com as consequências, que a angústia se dá por insegurança nos momentos de escolha, também fala sobre liberdade, mas não chega a finalizar sua escrita. Percebe-se, então, que houve uma evolução ao participar no segundo fórum, mesmo apesar de não interagir com os demais colegas de sala.

Outro(a) estudante a ser destacado(a) entre os poucos da turma B, é **CCG**, pois já soube se posicionar coerentemente em sua primeira atividade. O(A) estudante apresentou sua explicação de maneira simples e clara. Disse que somos livres para escolhermos e que cada escolha pode resultar em algo bom ou ruim, mas não podemos escapar das responsabilidades advindas das escolhas. No segundo momento após as aulas **CCG** se posiciona da seguinte maneira:

*“De acordo com o conteúdo estudado, e as idéias formadas sobre ele, vimos que o existencialismo envolve alguns conceitos, como a liberdade, escolha, responsabilidade e angústia. Tudo forma um ciclo, na vida temos liberdade para fazer o que quisermos, porém temos que ter responsabilidade sobre nossas escolhas, quase sempre sabemos o que é melhor, mas se escolhermos errado vai haver consequências, que devemos aceita-las e ter responsabilidade para supera-las e viver com elas. Por isso é muito importante ver o que é certo e o que é melhor para nós, para que não tenhamos que viver com as angústias, que são as consequências não esperadas, que nos colocam para baixo. Esses são os pontos básicos e principais do existencialismo”.*

De acordo com o excerto acima, percebe-se que a síntese feita por **CCG** apresentou-se mais próxima dos conceitos trabalhados por Sartre, mas não houve interação com os demais colegas.

Outro(a) estudante que destacamos aqui é **VL** que em sua primeira participação por meio do senso comum aponta liberdade com escolhas; escolhas com angústia; angústia com medo das consequências; e que a responsabilidade se dá por causa das escolhas e consequências.

Já, em sua segunda participação, **VL** destaca a liberdade como algo não tão bom, pois ela gera um medo a si próprio e em relação às outras pessoas e o fato de não escolher é uma escolha e isso nos traz consequências; que a angústia se dá por não sabermos o resultado de nossas escolhas ou suas consequências. Um fator importante a ser destacado aqui é que **VL** enfatiza a responsabilidade como sendo fator preponderante para nossa liberdade. Mesmo sem ter interagido no segundo fórum de discussão não podemos depreciar suas participações.

Finalizamos aqui nosso destaque com **ABGN**, que apenas participou posicionando-se, porém, não interagiu com os demais colegas. **ABGN** foi bem direto(a) e simples em sua primeira participação. Faz uma curta explanação dos conceitos, mas consegue passar sua mensagem. Já, em sua segunda participação, **ABGN** traz o filósofo Sartre para seu texto dizendo que somos livres para escolhermos e que a nossa essência é constituída por meio de nossas escolhas e, que por meio delas nos angustiamos e somos responsáveis por isso; e ele(a) finaliza com a seguinte frase: “Isso é o conceito de liberdade, escolhas, responsabilidade e angustia para Jean Paul Sartre”. Sendo assim, também **consideramos uma evolução e aproximação dos conceitos** trabalhados por Jean-Paul Sartre.

Ao falarmos em liberdade não podemos esquecer de sua relação com a angústia, pois há o *nada* entre os motivos e os atos (2014b, p. 78). Ao agir por meio

de minha liberdade, estou escolhendo e a angústia é porque as consequências são intangíveis ou imponderáveis. “Convém sublinhar que a liberdade manifestada pela angústia se caracteriza por uma obrigação perpetuamente renovada de refazer o *Eu* que designa o ser livre” (SARTRE, 2014b, p. 79).

Outros estudantes que seguem a mesma linha de raciocínio, crescimento e aproximação dos conceitos sartreanos, igualmente a ABNG, são **TMT e TTR**.

Os demais estudantes deste grupo que consideramos os que mais se aproximaram dos conceitos exigidos e trabalhados por Sartre também foram bem em participação e evolução, mas não chegaram a se destacar como os mencionados acima.

Agora gostaríamos de mencionar as participações e interações do **grupo intermediário** que, mesmo não se aproximando tanto quanto o grupo acima analisado, também houve participações relevantes e de crescimento, ao compararmos os dois fóruns de discussão.

Neste momento, veremos os **estudantes que se destacaram neste grupo intermediário** com suas respectivas contribuições foram os seguintes:

### **Turma A/2018**

02/10/2018

**MF**

15:38

Em minha opinião a liberdade: é ser livre para tomar suas próprias decisões, seus caminhos no futuro. Escolha: os outros não tomam as decisões por você, ou seja, as consequências de seus atos irão se desenrolar conforme a sua escolha. Angústia: o homem que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. Responsabilidade: é aquilo que o ser humano carrega durante toda sua existência, ser responsável por algo ou alguém.

Responder

**RP**

09/10/2018 - 17:36

*concordo com voce, M., voce é livre para suas escolhas e não os outros*

**NMF**

04/10/2018 - 14:31

*Concordo com as suas afirmações, M.!*

**BMV**

02/10/2018 - 16:36

*“Concordo, tomamos nossas escolhas a partir de nós mesmos pelo nosso bem próprio e dos outros, sendo assim tendo o sentimento de angústia. elas boas ou ruins”.*

18/10

**FCAP**

22:00

*“Sartre dizia que todos deviam ser livres, de todas as maneiras e sentidos, mas nós também devemos pensar antes de agir nós fazemos nós é nosso futuro também. A “angústia” significa a insegurança de agir sob suas escolhas, achando que pode ser certo mas também errado, como se fosse uma “vozinha” te dizendo para fazer e outra “vozinha” te dizendo pra não fazer. Nós somos responsáveis por nós, nós fazemos nosso caminho desde nascer até a morte”.*

Responder

05/11/2018

**LTR**

19:28

*“A liberdade se consiste em fazermos o que quisermos aonde quisermos e a hora que quisermos mas elas se ligam a escolhas, como matar uma pessoa, vem de você querer fazer ou não, tornando mais difícil suas decisões|escolhas sobre a liberdade, se você deve mesmo fazer aquilo, e em cima de tudo isso, ainda vem a angústia e a responsabilidade que dificultam mais ainda tendo que arcar com as escolhas tudo isso em cima, caso roube, ira ter a angústia de ser preso ou não, e caso for preso, tera que arcar com a responsabilidade”.*

Responder

**Turma B/2018**

15/10

**IMG**

21:35

*“**Liberdade** é o modo de como queremos e podemos agir de acordo com a nossas próprias vontades, mas temos que tomar cuidado nas nossas **Escolhas** pois é uma coisa que estamos fazendo a todo momento, e sempre haverá uma consequência boa ou ruim sendo pra nós ou pra outras pessoas, o que causará uma **Angústia** um sentimento que não trás conforto para si mesmo, ou seja, temos que ter **responsabilidade** e consciencia por tudo que fazemos, todos os atos e escolhas pois muitas vezes não afeta só uma pessoa, pode afetar outras também”.*

Responder

**TTR**

17/10/2018 - 19:30

*“Gostei do enfoque na responsabilidade, pois, ao tomar um rumo e assumir o valor de uma escolha, temos que nos preocupar com nossas consequências e o que poderão gerar para toda uma humanidade”.*

09/10

**LSC**

14:23

*“Penso que somos livres para fazer o que quiser, mas temos que ter em mente que essa ação traz uma consequência; não apenas uma consequência, mas sim uma*

*angústia. A angústia se dá pelo fato de escolher, pois não sabemos se escolhemos o certo ou o errado. Saber lidar com a angústia, com a consequência e com suas escolhas, já é ser responsável. Ser responsável é saber lidar com as coisas a sua volta, amigos, colegas, problemas, preconceitos. A escolha está presente em nossas vidas e, no simples fato de não escolher é uma escolha. Você está escolhendo não escolher. É bem confuso, mas muito interessante o quanto somos rodeados de escolhas, sensações, angústias, mas nem sempre prestamos atenção e damos importância a isso”.*

Responder

**VL**

18/10/2018 - 20:20

*“Concordo, precisamos saber lidar com tudo que escolhemos e assim ser responsável pelas consequências”*

**LRS**

15/10/2018 - 21:17

*“Concordo, cada escolha que tomamos acarreta no nosso futuro”*

**JAZ**

15/10/2018 - 20:49

*“Concordo com você, cada ato que temos, também refletem em nosso dia, o que muitas vezes pode nos causar angústia, e sermos responsáveis e assumir cada escolha errada”.*

Ao compararmos os dois momentos, não vimos nenhum distanciamento e tampouco nenhuma aproximação que podemos considerar relevante. **Os alunos acima participaram, mas diferentemente do primeiro grupo (avançado), não chegaram a se aproximar de maneira considerável dos conceitos sartreanos, porém, foram coerentes na explicação dos conceitos.**

Para finalizarmos, **abaixo estão** os alunos do grupo 3 que consideramos como **os que menos se aproximaram dos conceitos** de liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade, pois não houve tanto crescimento de um fórum a outro. Os estudantes e participações são os seguintes:

**Turma A/2018**

30/10/2018

**LLT**

19:55

*“Liberdade: Nós somos livres para fazer o que quisermos, mas dentro disso temos consequências, por exemplo, voce pode roubar uma casa, mas depois teraque que enfrentar as consequências daquele ato. Nós também temos a liberdade de fazer*

*suas escolhas independentemente se elas são ruins ou boas. Responsabilidade é você ter conhecimento do que fez e saber assumir alguma coisa que fez ou que faz”.*

Responder

**LTR**

05/11/2018 - 19:29

*“Você em certa razão disse tudo, mas creio que em meio a responsabilidade e as escolhas, entra o fator da angústia que dificulta ainda mais nas taxas de decisão”.*

25/10/2018

**PGB**

15:07

*“Bom liberdade é exercer a sua vontade dentro dos limites que lhe faculta a lei, por exemplo fazer algo que te faça bem, ter suas próprias escolhas. Escolhas é preferência que se dá a alguma coisa que se encontra entre outras. Angústia é redução de espaço ou de tempo; carência, falta de alguém ou de algo. Responsabilidade é uma obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros”.*

Responder

18/10/2018

**MMC**

11:09

*“Liberdade é ser livre em sua vida, não depender de alguém, ter sua própria vontade. responsabilidade é ter uma obrigação e cuidado com uma pessoa ou objeto. escolhas são fazer uma escolha na sua vida que pode ou não muda-la para sempre. angustia é ter inseguransa para fazer algo. Na minha opinião eu concordo com o Rafa, pois eu tenho quase a mesma ideia que ele tem”.*

Responder

**PGB**

18/10/2018 - 15:11

*“Bom é verdade sobre a liberdade, responsabilida e, escolhas e angústia, pois nos somos seres humanos que sabe o que vai nos fazer bem ou ruim que é o caso das suas próprias escolhas. Ou seja tudo: " responsabilidade, escolhas , angustia e liberdade " tudo esta ligado as suas escolhas”.*

18/10/2018

**RP**

17:34

*“liberdade,escolhas,angustia e responsabilidade são praticamentes as mesmas coisas liberdade: Ser livre de algo, ter livre vontade, um livre arbitrio, não se depender de alguém. escolhas: Fazer uma escolha na sua vida e tendo uma responsabilidade e ideia de algo ruim ou bom acontecer angustia: Ter insegurança, falta de humor, tristeza. Outro é pelo sentimento responsabilidade: Ter uma obrigação e cuidado por uma certa pessoa ou objeto”*

Responder

17/10/2018

**LRN**

11:15

*“eu penso que temos liberdade, e com ela fazemos escolhas, nossas escolhas geram angústia, pois pode ser algo errado ou certo, e com o resultado temos nossa responsabilidade. **LIBERDADE**:somos livres em nossas escolhas, temos a liberdade de escolhe-las **ESCOLHAS**:escolhemos o caminho certo ou errado **ANGÚSTIA**:com o resultado, ficamos com angústia, medo **RESPONSABILIDADE**: nos responsabilizamos pelo resultado, que pode ser bom e ruim”*

Responder

17/10/2018

**IMB**

11:14

*“O existencialismo é a diferença de existir e viver. Temos liberdade, e podemos escolher os caminhos que iremos seguir. Mas se voce quiser mudar, voce tambem pode, voltar e recomecar, recomecar com algo que seja melhor para voce. O resultado do que **VOCE** escolher fazer vao ser apenas culpa sua, de mais ninguem, pois foi escolha sua e de mais ninguem. Nossas escolhas geram angustia”.*

Responder

**MFFG**

17/10/2018 - 21:29

*“Comcordo, pois somos livres e as consequências são exclusivamente nossas”*

**Turma B/2018**

18/10/2018

**RGF**

20:00

*“A **LIBERDADE** faz as pessoas serem livres e ter direito de fazer suas próprias escolhas sendo elas, boas ou ruins. Ter essa liberdade de fazer essas escolhas que vão decidir seu "destino" nos trás a angustia pois as vezes ficamos inseguros, mas temos que ter a responsabilidade e lidar com a escolhas que foram feitas e se a escolha não for a certa temos que lidar com isso”*

**TMT**

18/10/2018 - 14:38

*“Concordo com você R. A liberdade pode muitas vezes gerar escolher um tanto difíceis, que muitas vezes pode gerar a angústia em minutos ou depois de muito tempo. Temos a responsabilidade de nossas atitudes, devido a escolhas erradas temos que muitas vezes lidar com ela, pois a unica culpa é nossa”.*

18/10/2018

**LRS**

21:16

*“**Liberdade** É ser livre para fazer suas próprias **escolhas** e ter a **responsabilidade** de assumir seus erros, ou seja, suas escolhas erradas. A **angústia** é você ter medo de fazer suas próprias conclusões/escolhas por ter insegurança das consequências sobre as regras”.*

Responder

**EGA**

26/10/2018 - 10:33

*“Concordo com você, mas eu também concordo que as pessoas não gostam de ter liberdade para não ter que arcar com as consequências (minha opinião)”*

08/11

**PASF**

17:37

*“Temos liberdade para fazer tudo o que quisermos, mas depois sofreremos com as consequências. Temos que pensar em nossos atos, que podem prejudicar outras pessoas e se torna nossa responsabilidade”*

Responder

28/10

**MIP**

20:44

*“Nós sempre temos liberdade para fazer nossas próprias escolhas. Não devemos pensar apenas em nós mesmos, mas sim em todos no geral, já que, muitas vezes, a consequência não se tornará apenas um problema seu. Nós temos a liberdade para fazer tudo, mas isso não quer dizer que devemos fazer tudo. Independente da sua escolha, você deve ter responsabilidade, e maturidade para saber lidar com as consequências, e isso provavelmente vai gerar uma angústia”.*

Responder

26/10/2018

**VMD**

11:43

*“Todos nós temos liberdade, de fazer escolhas que pode ser uma coisa boa ou ruim. Mas não é todos nós que temos a responsabilidade de lidar com a angústia das consequências dessas escolhas. Devemos ser responsável ao nível de se colocar -se responsável dos seus atos e não culpar alguém”.*

26/10/2018

**CBR**

10:36

*“**Liberdade:** pra mim é qualquer pessoa ter acesso a qualquer coisa em qualquer lugar.*

***Angústia:** Não ter certeza de algo q vc praticou.*

***Escolha:** A escolha está presente em tudo na nossa vida,n tem como fzer algo sem escolher, ela é muito importante mais tem q fazê-la cm sabedoria.*

***Responsabilidade:** Responsabilidade pra mim é ter consciencia dos atos”.*

Responder

26/10/2018

**CDM**

10:34

*“Liberdade todos nós temos, mas junto com isso vem as consequências que podem resultar em coisas piores. Nós temos as escolhas que podem levar ou não para um mau caminho por exemplo a prisão. Precisamos ter a própria responsabilidade pelos*

*atos de escolha que faremos no futuro, precisamos ser responsável pelas escolhas tomadas e não botar culpa em outra pessoa e sim tornar-se responsável pelos seus atos”.*

Responder

28/10/2018

**EGA**

10:30

*“liberdade substantivo feminino 1. grau de independência legítimo que um cidadão, um povo ou uma nação elege como valor supremo, como ideal. 2. POR EXTENSÃO conjunto de direitos reconhecidos ao indivíduo, isoladamente ou em grupo, em face da autoridade política e perante o Estado; poder que tem o cidadão de exercer a sua vontade dentro dos limites que lhe faculta a lei "religiosa". A liberdade vai muito além disso, a liberdade é ter a escolha de qualquer coisa mesmo sendo errada e a angústia de ter a sua consequência. Muitos acham que a liberdade é algo ótimo, mas só é ótimo quando você sabe usá-la, se você não souber vai ter a angústia da consequência ruim. Muitas pessoas preferem não ter a liberdade, pois aí essa pessoa poderá culpar alguém por essa consequência que ela não queria ter”.*

Responder

**VMD**

28/10/2018 - 11:46

*“Concordo com você E., as pessoas não tem a responsabilidade de se colocar responsável dos seus próprios atos e lidar com a angústia que as escolhas trazem”.*

Com relação à participação deste último grupo e como mencionamos acima na introdução, percebe-se que **ambos os estudantes explanaram os conceitos, mas quase ninguém trouxe algo novo ou baseado na teoria sartreana**. Houve pouco acréscimo ou contribuição do primeiro para o segundo fórum de discussão.

Podemos destacar um(a) estudante que até chegou a se diferenciar conceitualmente em sua segunda participação, que foi **EGA**, porém não se utilizou da base sartreana e, sim, de outras definições as quais não mencionou a fonte. O que esperávamos no segundo momento era uma evolução, mesmo que mínima, mas com base no que foi apresentado em sala de aula; o que não aconteceu.

Na próxima seção faremos nossas considerações finais com relação ao nosso trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi composto por três seções sendo que na primeira discorremos sobre a importância da Filosofia e do filosofar, sua importância para a formação crítica e autônoma dos estudantes, bem como a importância do docente mediador para o oferecimento dos conteúdos filosóficos.

Como arcabouço teórico apresentamos alguns pensadores que corroboram com a relevância do ensino de Filosofia, não somente sendo uma disciplina a mais na grade curricular, mas como um diferencial na formação dos discentes. Também trouxemos alguns pensadores e educadores preocupados e engajados com a educação.

A forma como se ensina a Filosofia deve ser um diferencial na maneira como o estudante enxerga e compreende o mundo, as coisas e as pessoas ao seu redor, além de olhar a si e a conhecer-se como um ser humano que tem todas as possibilidades para fazer de si o que bem entender, ou seja, um autoconhecimento que desperta, em si, projetos de vida, analisando e avaliando quais caminhos seguir ou escolhas a serem tomadas.

O problema central desta pesquisa consistiu em realizar uma análise documental/descriptiva acerca das participações de alunos de 8º ano do Ensino Fundamental II de um colégio privado da cidade de Jaú-SP em dois fóruns de discussão, relacionando-as aos conceitos “liberdade”, “escolhas”, “angústia” e “responsabilidade” à luz sartreana, para sabermos se as participações se aproximaram ou se distanciaram dos referidos conceitos.

Desse problema central da pesquisa, decorreram as **questões de pesquisa**, **objetivos** e a **hipótese** investigados que, neste momento, passam a organizar estas considerações finais.

1) Os conceitos de liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade trabalhados na filosofia existencialista sartreana, por meio de dois fóruns de discussão, contribuem a que os textos desenvolvidos pelos estudantes se aproximem ou se distanciem dos referidos conceitos?

2) Como conectar os conceitos de liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade em Sartre, os estudantes e os fóruns de discussão?

3) Como o docente pode conciliar a filosofia existencialista sartreana (os referidos conceitos filosóficos), e fazer uso de dois fóruns de discussão?

Nosso **objetivo geral** foi analisar e compreender se o existencialismo ateu sartreano e os referidos conceitos, por meio de dois fóruns de discussão, contribuem para o posicionamento mais autônomo e crítico dos discentes.

Os **objetivos específicos** em questão foram:

- Levar cada aluno a pensar e a se posicionar de maneira mais autônoma e crítica;
- Analisar e compreender se o existencialismo ateu sartreano e os referidos conceitos contribuem para a autonomia e criticidade do aluno;
- Elaborar diálogos entre Sartre, alguns comentadores, educadores, juntamente com o meu olhar enquanto pesquisador;
- Elencar os pontos positivos que façam jus a esta pesquisa, que possam ser exemplos e que contribuam para o trabalho dos professores de Filosofia.

Partimos da **hipótese** de que os fóruns de discussão apoiados em alguns conceitos do existencialismo sartreano podem servir de apoio ao ensino de Filosofia em situações teóricas e práticas e que façam sentido à vida dos estudantes bem como aproximá-los de tais conceitos, favorecendo a argumentação, criticidade e autonomia dos estudantes. Por isso, entendemos que o papel da escola e do professor é o de inserir discussões filosóficas no ambiente escolar, utilizando-se de atividades que favoreçam os estudantes no encontro com sua própria identidade. Na primeira seção trouxemos os aportes teóricos desta pesquisa, principalmente para mostrar o trabalho docente e sua relevância para o ensino, de maneira geral.

Com Charlot (2010) percebemos que todo conhecimento deve fazer sentido ao aluno e, ao mesmo tempo, ser prazeroso para que ele possa apropriar-se do mesmo. Ele defende a comunicação entre os atores (professor-aluno), pois é por meio dela que haverá que a aprendizagem será coerente e adequada. Para Charlot (2010), o contato com o outros, ou seja, as boas relações desempenham um papel importante para que os jovens tenham acesso ao conhecimento.

Na mesma linha da comunicação, Barbero (1999) contribuiu chamando-nos a atenção para que não haja o que ele define como “incomunicação” na sala de aula, pois é esta falta de comunicação, na ausência de boas relações entre professores-estudantes e de estudantes-estudantes que dificulta a apreensão do conhecimento no

contexto escolar. Barbero (ano de publicação) nos alerta para os tipos de tecnologia, pois ela pode afetar positiva ou negativamente quando relacionadas ao saber e ao conhecimento que são transmitidos e adquiridos. Por isso a necessidade de pensarmos em alternativas que contribuam com uma boa Educação.

O ambiente escolar, por meio da Pedagogia, deve romper com alguns dos paradigmas que atrapalham o trabalho do professor, como por exemplo, toda a burocracia exigida pela gestão, comentários e apontamentos feitos pelos pais com relação à sua forma de trabalhar, bem como as poucas aulas semanais e, caso isso não aconteça, é o próprio professor quem deve dar um novo curso ao seu trabalho, não como resistência, mas sendo uma ponte entre os conteúdos e seus alunos, mostrando-lhes os caminhos a serem percorridos e suas múltiplas possibilidades (LLEDÓ 2009; GALLO, 2004).

A subjetividade dos estudantes deve ser estimulada, descoberta e exercitada (OLIVEIRA, 2011). O espanto filosófico deve ser o princípio básico para que a Filosofia seja posta em prática. Por isso as dúvidas e a curiosidade devem estar fortemente presentes no estudante que quer ou busca respostas para as mesmas. A criança e adolescente são os que mais questionam, os que mais querem descobrir, desvendar, desafiar e conhecer. Portanto, a Filosofia parece ser uma forte aliada nessa tarefa.

Salientamos que existem poucas instituições de ensino que valorizam e introduzem a Filosofia nos Anos Finais do Ensino Fundamental por sua não obrigatoriedade. Como o colégio onde trabalho é um desses que adotam a Filosofia nessa etapa de ensino, vi a possibilidade de colocar em prática a proposta de introduzir alguns conceitos filosóficos e trabalhá-los com os estudantes durante as aulas. Este exercício de filosofar deve ser bem pensado, preparado e produzido, para que possa ser trabalhado cuidadosamente com os jovens em sala de aula.

Para Freire (1970; 1983), a educação deve ser libertadora; o sujeito deve aprender a agir e refletir sobre o mundo. Para a formação crítica do sujeito, são necessárias algumas considerações, a saber, o saber científico, o respeito às demais pessoas, a ética, a coerência, a humildade e sempre buscar o conhecimento.

Vimos com Savater (2012) que o professor é a estreiteza entre os sujeitos e outros saberes. Com Nomen (2018) vimos que se trabalhar e desenvolver, de maneira gradativa, alguns elementos do pensamento em nossas crianças, com o objetivo de assegurar-lhes o pensamento crítico é muito importante para sua formação

Na segunda seção discorreremos sobre os existencialismos. Vimos que o existencialismo surgiu com o dinamarquês Kierkegaard (1813 – 1855), o chamado existencialismo ateu e, posteriormente, no início do século XX, a filosofia existencialista ganha força com o existencialismo ateu de Heidegger e Sartre, os enfatizados por nós na seção.

O existencialismo foi alvo de muitas críticas negativas por ser considerado um tipo de modismo, principalmente entre a elite parisiense, na primeira metade do século XX, e exatamente por Sartre (1905 – 1980) tê-lo difundido na França com a ajuda de outros pensadores, sendo um deles a filósofa Simone de Beauvoir (1908 – 1986).

Com a ajuda de Mounier (1963) e Colette (2009) percorremos pela história dos existencialismos cristão e ateu. Com isso verificamos que o existencialismo foi uma corrente filosófica que se preocupava com o ser existente, ou seja, o ser humano. Sendo assim, tanto o existencialismo cristão quanto o ateu colocavam suas preocupações naquele que existe; claro que para o existencialismo cristão havia a preocupação de que o homem deveria conduzir sua vida sempre respondendo e obedecendo a uma essência anterior a ele, quer dizer, Deus. E esse Deus, mesmo que o ser existente cometa algum tipo de erro, pode ser perdoado por isso. Já, o existencialismo ateu, defende uma essência a ser construída a partir da existência do ser humano, negando a um Deus como essência anterior à sua existência; desta forma, para o existencialismo ateu, todos nós somos condenados à liberdade, pois sempre faremos escolhas.

E pelo fato de fazermos escolhas, nos angustiamos por estarmos diante do imponderável e não sabemos os resultados delas. Ao escolhermos deixamos ou negamos uma variedade de opções de escolha, gerando em nós a angústia.

Seguindo nesta mesma linha da angústia, ela também ocorre quando vezes negarmos as escolhas, mas ao negá-las, estamos, de certa forma, fazendo a escolha de não escolhermos; mas ao fazermos ou não escolhas, para este existencialismo ateu, somos totalmente responsáveis por isso, não havendo alternativas para escaparmos dessa responsabilidade, pois não há um Deus que nos absolva ou absolverá por termos falhado. O interessante dessa linha existencialista é que nossa essência é e será construída ou constituída ao longo da vida por conta de nossas ações, das nossas escolhas. Para o existencialismo ateu, não somos somente responsáveis por nós mesmos, mas por todos, pois ao escolhermos, também

escolhemos aos outros. Somos modelos para as demais pessoas; modelos bons e ruins. E por sermos modelos ou exemplos, de certa maneira, influenciamos a conduta dos demais seres humanos.

Na terceira seção fizemos a análise do nosso objeto de estudos para esta pesquisa, os dois fóruns de discussão. Trouxemos as participações dos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de um colégio particular da cidade de Jaú-SP. Nesse colégio há uma estrutura tecnológica muito interessante, possuindo uma equipe de técnicos em informática que elaborou uma plataforma com vários recursos pedagógicos, com o escopo de auxiliar a todos os professores que queiram diversificar e potencializar o processo de ensino-aprendizagem.

Dentre os variados recursos existentes na plataforma, há o fórum de discussão que é pouco ou quase nada utilizado pelos professores da instituição. Por eu ter tido a experiência de utilizar fóruns de discussão durante toda minha graduação em licenciatura em Filosofia vi ali a possibilidade de também fazer uso desse recurso em minhas aulas de Filosofia, pois o fórum de discussão democratiza o processo de ensino-aprendizagem; aquele estudante que, por alguma razão, não participa ou contribui durante as aulas diante dos colegas e do professor, vê uma oportunidade de ser ouvido sem que os demais colegas o analisem ou o julguem por dizer algo que ele pense ser insignificante.

A proposta de implementar os fóruns de discussão nas aulas de filosofia foi pensada da seguinte maneira:

- A escolha do tema e conceitos a serem trabalhados, respeitando a faixa etária dos estudantes;
- Uma proposta que fosse desafiadora para eles;
- Uma Filosofia que fizesse sentido aos estudantes;
- Um recurso tecnológico que os estimulasse para a realização das atividades;
- Dividir a atividade em dois momentos – um antes de apresentar e trabalhar os conceitos para e com os alunos, e outro depois;
- Falar sobre apresentar e refletir acerca do existencialismo sartreano e dos conceitos de liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade (levando um recorte das obras de Sartre, texto elaborado pelo professor e arquivos de powerpoint com tais conceitos).

Após a análise do objeto de estudos (dois fóruns de discussão), percebeu-se que a Filosofia existencialista contribui para que os estudantes exercitem o

pensamento crítico/argumentativo e autônomo e, também, na elaboração de uma proposta/material pedagógica/o.

Partindo do que nos levou ao desafio de que a Filosofia pode e deve auxiliar-nos para que consigamos ajudar nossos estudantes na aquisição do hábito da criticidade e argumentação por meio de uma educação formal, especialmente se auxiliada pelo existencialismo ateu parcialmente respondeu-se às seguintes questões:

- De que forma o existencialismo ateu pode servir como aporte teórico e influenciar na emancipação argumentativa dos estudantes de filosofia?
- A partir do existencialismo de Sartre, a filosofia auxilia os estudantes ao encontro de sua identidade, de sua existência, transformando-os em estudantes críticos?

No primeiro fórum, a maioria dos alunos entenderam que somos livres para escolhermos e, igualmente, sofreremos as consequências por essas escolhas, causando-nos uma angústia por isso. A participação de cada um foi muito simples, com exceção de cinco alunos que foram mais detalhistas em suas explanações, tendo um cuidado na escrita e no conteúdo exposto, apesar de pautadas no senso comum. Alguns exemplos: “Para mim”, “Acho que”; sendo que os demais já foram diretos: “Liberdade:”, “Escolhas:”, “Angústia:”, “Responsabilidade:”.

No segundo fórum todos se colocaram de maneira parecida, explicando os conceitos com um pouco mais de cuidado. Cerca da metade dos alunos tiveram um cuidado em explicar os conceitos e relacioná-los ao filósofo trabalhado, neste caso, Sartre. Sete alunos foram além da explicação, buscando outras fontes como dicionários e escritos de Jean-Paul Sartre (1905 – 1980).

Por se tratar de alunos de 8º ano, com faixa etária de treze anos, compreendemos que não são e nem tiveram acesso aos saberes que envolvem a ABNT quanto a questão de citações e outras normas técnicas para a escrita. O que pretendemos aqui com esta análise foi saber se houve um avanço ou aproximação dos conceitos trabalhados após as aulas, pois no primeiro fórum de discussão os alunos se posicionaram, como vimos acima, por meio de suas experiências, com os poucos anos de vida que cada um tem.

A criticidade, em questão, não é o aluno falar bem ou mal acerca dos conceitos estudado, mas se posicionem de forma elaborada, com argumentação e baseado em fontes. E isso houve no segundo fórum de discussão e essa afirmativa tem como base

a inserção de termos como “Penso”, “Segundo Sartre”, “De acordo com o conteúdo estudado”, “Sartre dizia que”, “Sartre diagnosticou que”, “Quando traz à tona o existencialismo”, “Sartre tem como base em sua teoria”, “Por fim, concluímos que”, “Penso que, assim como foi dito por Sartre,”, “Sartre usa um exemplo”.

A proposta de trazer o existencialismo sartreano e seus conceitos de liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade é por estar mais próximos do cotidiano dos alunos. Sendo assim, muito do que expuseram no primeiro fórum foi por e sobre suas próprias experiências de vida, pelo contato direto e indireto com os conceitos trabalhados. O que nos importa aqui é a qualidade com a qual os alunos trabalharam no segundo fórum, a saber, seus posicionamentos, sua autonomia frente aos conceitos filosóficos e como expressar tudo isso por meio da escrita.

Compreendemos que, para os estudantes, este tipo de atividade é muito difícil no primeiro momento, pois demanda certa habilidade e experiência. Por isso consideramos que o resultado se aproximou do esperado, que é a aproximação dos conceitos de liberdade, escolhas, angústia e responsabilidade à luz de Sartre.

Analisando as contribuições de Sartre (1905 – 1980), por meio de alguns de seus conceitos oferecidos às aulas de Filosofia, bem como o fornecimento de subsídios como possibilidades de um pensar considerado autônomo - destacando a idade dos alunos aqui em questão e também levando o estudante ao diálogo com criticidade, como resultado de um trabalho mais próximo e mais profundo com existencialismo, percebeu-se um crescimento e um enriquecimento em suas argumentações, ao serem analisadas suas duas participações nos fóruns.

O que entendemos ser relevante neste tipo de atividade foi o engajamento da grande parte dos alunos com as atividades propostas. Percebe-se que em muitos momentos os estudantes deixaram o linguajar coloquial e se aproximaram do senso crítico. Destacamos aqui um cuidado maior e um refinamento da qualidade na elaboração de cada resposta. Houve aqueles que não tiveram este cuidado e qualidade, mas não se distanciaram dos conceitos.

O que se destacou nesta análise foi que, ademais da melhora na escrita, houve também a participação ativa dos alunos que em sala de aula não participavam oralmente, mas que nos fóruns conseguiram se expressar coerentemente.

Outro aspecto que queremos enfatizar aqui é que os estudantes que já haviam se destacado no primeiro fórum de discussão também foram destaques no segundo.

Não podemos negar que uma pessoa, antes das aulas, já pode ter uma aproximação dos saberes bem como uma atitude mais desenvolvida que outras, que é possível chegar até alguns conceitos que filósofos trabalharam mesmo sem ter desenvolvido uma teoria ou que não tenha aprofundamento como o próprio teórico. Quantas crianças chegam a pensar algum conceito de Platão (428 a.C. – 347 a.C.) ou de Sartre (1905 – 1980)? Elas não são Platão (428 a.C. – 347 a.C.), não são Sartre (1905 – 1980), mas elas chegam lá, porque a Filosofia e a vida estão devidamente implicadas. Sendo assim, o diferencial dessa atividade com os fóruns de discussão está em sistematizar o pensamento e os conceitos de Sartre após o primeiro fórum, por meio das aulas, e fazer com que os estudantes internalizem as ideias do filósofo e se posicionem com propriedade, reconhecendo que aquilo que estão escrevendo é baseado em autores e fontes, como vimos nos exemplos trazidos acima.

Também queremos mostrar com este trabalho realizado com os saberes da Filosofia no segmento pertinente aos Anos Finais do Ensino Fundamental merece ser vista, pensada e reconhecida como uma disciplina muito valiosa na vida de nossos estudantes. Percebe-se que esse público, como vimos aqui, tem um grande potencial crítico-argumentativo, tem o espanto filosófico defendido pelos gregos antigos e essa habilidade pode ser estimulada com a ajuda da filosofia.

O que defendo como professor de Filosofia, e que me faz estudar e pesquisar cada vez mais é que por meio dessa estruturação de saberes que consiga, de certo modo, fazer com que os meus alunos entendam e compreendam a relevância de sua posição diante da vida, diante dos outros e do mundo. Não quero que pensem como eu penso, mas que pensem e se posicionem com propriedade ao debaterem acerca de qualquer assunto, situação ou problema.

Constata-se, por hora, que este tipo de atividade pode servir de apoio aos professores que tenham o interesse pelo ensino e por abordagens distintas e inovadoras que fogem ao ensino considerado tradicional. Abrem-se, aqui, alguns caminhos a serem trilhados por futuros professores e para novas pesquisas na área da educação.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. N. F.; CUNHA, M. V. Discursos e auditórios: análise retórica dos argumentos de Dewey e Aristóteles acerca do homem e do desenvolvimento humano. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 17, p. 1-25, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/279502028\\_Discursos\\_e\\_auditorios\\_a\\_nalise\\_retorica\\_dos\\_argumentos\\_de\\_Dewey\\_e\\_Aristoteles\\_acerca\\_do\\_homem\\_e\\_do\\_desenvolvimento\\_humano](https://www.researchgate.net/publication/279502028_Discursos_e_auditorios_a_nalise_retorica_dos_argumentos_de_Dewey_e_Aristoteles_acerca_do_homem_e_do_desenvolvimento_humano). Acesso em: 09 jul. 2019.

ARANHA, M. L. de A. O que é uma educação para o pensar. In: OLIVEIRA, P. R. de; CASTRO, E. A. (orgs.). **Educando para o pensar**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

ARENDT, H. **Entre o passado e futuro**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2006.

\_\_\_\_\_. **Órganon**. Tradução Edson Bini. Bauru: Edipro, 2005.

ASPIS, R. L.; GALLO, S. Ensino de filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 89-105, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/zD6PmbyJ9JnGLdhc974hfMg/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 mai. 2019.

ASPIS, R. P. L. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 64, p. 305-320. Dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/kqstMxcRZhW8YgYzJtrY4Cm/?lang=pt>. Acesso em: 26 out. 2018.

BARBOSA, P. H. O papel da filosofia na formação humana: o silenciamento da filosofia no contexto da nova BNCC. **SemFor**, Rondonópolis, v.1, n. 1, p. 451-459, Nov. 2019. Disponível em: <http://periodicos.cefaprorondonopolis.com.br/index.php/semfor/article/view/148/132>. Acesso em: 24 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei nº 9,394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm). Acesso em: 15 de março 2018.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 22/08, de 8 de outubro de 2008**. Consulta sobre a implantação das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do ensino médio. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/par/323-secretarias->

112877938/orgaos-vinculados-82187207/12768-filosofia-e-sociologia-no-ensino-medio-sp-1870990710. Acesso em: 15 de março 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 fev. 2021.

CENTURIÃO, L. R. M. **Antropologia e Psicanálise**: A enfermidade mental como estilo de vida. Porto Alegre: Armazém Digital Comunicação, 2007.

CHARLOT, B. Desafios da educação na contemporaneidade: reflexões de um pesquisador - Entrevista concedida a Teresa Cristina Rego e Lucia Emilio Barreto Bruno. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 36, n. spe, p. 145-159, 2010. DOI: 10.1590/S1517-97022010000400012. ISSN 1678-4634. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/NRxSDs8nX3TPvnqL6W7g7bb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **La relación con el saber, formación de maestros y profesores, educación y globalización**. Cuestiones para la educación de hoy. Montevideo, Uruguay: Ed. Trilce, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13 Ed. São Paulo: Ática, 2004.

COLETTE, J. **Existencialismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

COMTE-SPONVILLE, André. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Psicologia educacional, forense e com adolescente em risco: prática na avaliação e promoção de habilidades sociais. **Aval. psicol.**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 99-104, jun. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712006000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712006000100011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Competência social e habilidades sociais**: Manual teórico-prático. Petrópolis: Vozes, 2017.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUSSEL, I. A transmissão cultural assediada: metamorfoses da cultura comum na escola. **Cad. Pesqui.** São Paulo, v. 39, n. 137, p. 351-365. Ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/SRvPrGHbRpbLdCHFLSTXJj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 mar. 2019.

EVANGELISTA, J. E. **Crise do Marxismo e Irracionalismo Pós-moderno**. São Paulo: Cortez, 1992.

FEINMANN, J. P. **Filosofía aquí y ahora / Sartre: el ser en-sí y el ser para-sí** Vídeo no Canal Encuentro. Catálogo. Programas. Series. Disponível em: <http://encuentro.gob.ar/programas/serie/8011/157?temporada=2>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

GALLO, S. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. *In*: TRENTIN, Renê; GOTO, Roberto (Orgs). **Filosofia no ensino médio**. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. Ensino de Filosofia: os principais desafios. Entrevista concedida a Juliano Orlandi. **Anpof**. Disponível em: <http://filescola.blogspot.com/2011/10/entrevista-com-o-professor-silvio-gallo.html>. Acesso em: 18 de jun. 2020.

\_\_\_\_\_. A função da filosofia na escola e seu caráter interdisciplinar. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação** (RESAFE), [S. l.], n. 2, 2004. DOI: 10.26512/resafe.v0i2.3919. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/3919>. Acesso em: 12 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. As múltiplas dimensões do aprender ... *In*: Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo, 2012, Florianópolis. **Aprendizagem nas Diferentes Dimensões**. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis. Disponível em: [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13\\_02\\_2012\\_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf). Acesso em: 12 de maio 2018.

GALLO, S.; KOHAN, W. O.; Crítica de alguns lugares – comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. *In*: GALLO, S.; KOHAN, W. O.; (Org). **Filosofia no Ensino Médio**. Volume VI. Petrópolis: Vozes, 2000.p.175-196.

HABERMAS, J. **Conhecimento e Interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Marcia S Cavalcante Schuback, 9. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2014.

KANT, I. **Da Arte e do Gênio**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. “Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?”. *In*: **Immanuel Kant Textos seletos**. Tradução Floriano de S. Fernandes. Textos clássicos do pensamento humano/2. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

LAPA, A. B. **A formação crítica do sujeito na educação à distância: a contribuição de uma análise sócio-espacial.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR, 2005. 316 f. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102327/248450.pdf?sequence=1&iAllowed=y>. Acesso em: 23 out. 2019.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana:** Danças, piruetas e mascaradas. 4ª ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.

LIPMAN, M. **O Pensar na Educação.** Petrópolis. Vozes, 1995.

LLEDÓ, E. **Ser quien eres:** ensayos para una educación democrática. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2009.

LOPES, R. C. **O Ensino de filosofia na Educação Escolar:** a questão da linguagem a partir de Wittgenstein e Lipman. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Londrina - UEL, Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011. 104 f. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000163691>. Acesso em: 08 abr. 2021.

MASSOCO, C. W. F. **Toda Mafalda:** contribuições para o ensino da Filosofia. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA, 2016. 102 f. Disponível em: <https://www.uniara.com.br/arquivos/file/ppg/processos-ensino-gestao-inovacao/producao-intelectual/dissertacoes/2016/cesar-wiliam-furqui-massoco.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2021.

MONDIN, B. **Introdução à filosofia:** problemas, sistemas, autores, obras. 16 ed. São Paulo: Paulus, 2006.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** Brasília DF UNESCO, São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

MOUNIER, E. **Introdução aos existencialismos.** Trad. João Benard da Costa. São Paulo: Duas Cidades, 1963.

NOMEN, J. **El niño filósofo:** cómo enseñar a los niños a pensar por sí mismos. 2 ed. Barcelona: Arpa Editores, 2018.

OLIVEIRA, P. R. de. À procura de (nossas próprias) palavras: filosofia e subjetividade. **Revista Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v.7, n. 14, p. 233-249, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5013904>. Acesso em: 19 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. **Um mundo de histórias.** 2 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.

ORTEGA Y GASSET, J. Sobre o estudar e o estudante (Primeira lição de um curso). In: ARENDT, Hannah; WEIL, Eric; RUSSELL, Bertrand; ORTEGA Y GASSET, José. Seleção, prefácio e tradução de Olga Pombo. **Quatro textos excêntricos**. Lisboa, Relógio D'Água, 2000. p. 87-103.

PIAGET, J. **Sobre a Pedagogia**: textos inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PIANA, M. C. **As políticas educacionais**: dos princípios de organização à proposta da democratização. In: *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-03.pdf>. Acesso em 19 set. 2021, p. 57-83.

SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um Humanismo**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. 4ª ed. Tradução de João Batista Kreuch, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a.

\_\_\_\_\_. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica (23a ed.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014b. (Originalmente publicado em 1943).

SAVATER, F. **O valor de educar**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2012.

SAYÃO, R. A escola e o preconceito. In: **Folha de São Paulo**. Equilíbrio. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0709201012.htm>. Acesso em: 14 jun. 2018.

SILVA, F. L. Sartre e o Existencialismo. **Território do Conhecimento**. 2018. [https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z\\_DWi4&t=345s](https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4&t=345s). Acesso em: 28 jan. 2021.

WAMBIER, J. F. A liberdade em Sartre: unidade entre projeto e engajamento. **Revista Emancipação**, v. 3, n. 1, p. 41-54, 2003. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/38/35>. Acesso em: 15 mar. 2021.

WEILER, M. Para conhecer o pensamento de Montaigne. In: **Ensaio de Montaigne**, Livro III. Tradução, Prefácio e Notas linguísticas e interpretativas de Sérgio Milliet. Porto Alegre: Editora Globo, 1961.